PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

A FLEXÃO DE NÚMERO NO ELEMENTO VERBAL DA CHAMADA VOZ PASSIVA SINTÉTICA

REGINA MARIA GONÇALVES MENDES

BELO HORIZONTE

MARÇO

2015

REGINA MARIA GONÇALVES MENDES

A FLEXÃO DE NÚMERO NO ELEMENTO VERBAL DA CHAMADA VOZ PASSIVA SINTÉTICA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, na linha Variação e Mudança Linguística, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof[a]. Doutora Ângela Vaz Leão

Co-orientador: Prof. Dr. Johnny José Mafra

BELO HORIZONTE

MARÇO

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Mendes, Regina Maria Gonçalves
M538f A flexão de número no elemento verbal da chamada voz passiva sintética / Regina Maria Gonçalves Mendes, Belo Horizonte, 2015.
174 f.: il.

Orientadora: Ângela Vaz Leão
Coorientador: Johnny José Mafra
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Verbos. 3. Língua portuguesa - Sintaxe. 3. Semântica. I. Leão, Ângela Vaz. II. Mafra, Johnny José. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 806.90-25

REGINA MARIA GONÇALVES MENDES

A FLEXÃO DE NÚMERO NO ELEMENTO VERBAL DA CHAMADA VOZ PASSIVA SINTÉTICA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, na linha Variação e Mudança Linguística, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

_____

Ângela Vaz Leão (Orientadora) - PUC Minas

_____

Johnny José Mafra (Co-orientador) - PUC Minas

_____

Maria Marta Pereira Scherre - UFES

_____

Vanda de Oliveira Bittencourt - UFMG

_____

Arabie Hernont Benzri - PUC Minas

_____

João Henrique Rettore Totaro - PUC Minas

Belo Horizonte, 12 de março de 2015.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais João Pedro e Edelves que, de uma maneira muito especial, ensinaram-me a ser sempre persistente na busca de meus objetivos, mas não puderam esperar para presenciarem esta defesa.

Aos meus irmãos João, Paulo, Maria Aparecida, Marina, Marcos, Tânia e Simone, cunhados e sobrinhos pela torcida ao longo da pesquisa. Ao meu irmão Edson, que como meus pais, também não pôde esperar essa realização.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me concedeu o direito de realizar essa pesquisa e iluminou-me para que eu encontrasse os teóricos que fundamentassem minha posição em relação à estrutura pesquisada. Também por ter colocado em meu caminho pessoas de grande importância para que eu construísse conhecimentos linguísticos para a realização deste trabalho.

À minha orientadora, Professora Dra. Ângela Vaz Leão, pelas orientações pontuais, conselhos, revisões e ensinamentos cuidadosos e enriquecedores que me proporcionaram muita segurança nessa caminhada.

Ao meu co-orientador Johnny José Mafra pelo desprendimento, boa vontade e paciência fazendo suas observações e sugestões de leituras e de organização do texto.

Aos Professores Ângela Vaz Leão, Arabie Hermont Benzri, Hugo Mari, Jane Quintilhiano Guimarães Silva, Johnny José Mafra, Milton do Nascimento e Marco Antônio de Oliveira que muito me ajudaram na construção de conhecimentos durante as aulas.

Aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-graduação em Letras, da PUC Minas, Berenice Viana de Faria, Rosária Helena de Andrade, Giovanni Ferreira de Queiroz Silva e Jefferson Ubiratan de Araújo Medeiros pela disponibilidade e prontidão sempre que precisei ser atendida.

Aos informantes por fornecerem dados valiosos para o estudo da estrutura denominada voz passiva sintética.

Ao meu amigo Vicente de Paulo Oliveira Nepomuceno pelo empréstimo de seu acervo de gramáticas antigas, pelas sugestões e apoio em vários momentos dessa pesquisa.

Aos meus colegas da Escola Municipal Professora Isaura Santos pelo apoio e incentivo, em especial ao colega Alexandre Bistene pela revisão do *abstract*.

“Por trás de uma aparente ausência de regras do fenômeno social, existe uma regularidade na sua configuração que é tão real quanto aquela dos processos físicos do mundo mecânico. Uma língua é, sobretudo, um produto social e cultural e como tal deve ser entendida.”

Edward Sapir, 1929

"Os princípios de lógica em que assenta o edifício gramatical não bastam para a manifestação de certas sutilezas do pensamento. O espírito recorre, sempre que precisa, a expedientes mais práticos e difíceis de explicar pelos processos tradicionais."

Said Ali, 1970

RESUMO

A presente pesquisa se originou da necessidade de compreender por que o brasileiro realiza ou não a concordância verbal na estrutura verbo transitivo direto + se + sintagma nominal, denominada voz passiva sintética, utilizada em anúncios escritos. O objetivo central é contribuir para o conhecimento das diferentes opiniões sobre a flexão do elemento verbal da estrutura em questão e mostrar a tendência de uso em anúncios no português brasileiro. O suporte teórico deste estudo são o funcionalismo e a sociolinguística variacionista, que concebem a linguagem como uma forma de interação social. A pesquisa de campo constou da coleta de dados de entrevistas semiestruturadas com informantes de Belo Horizonte, agrupados por alguns fatores sociais, de entrevistas com professores brasileiros especialistas da língua portuguesa, de atividades realizadas por estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, de exemplos extraídos de jornais, e finalmente, de faixas e cartazes espalhados pela cidade de Belo Horizonte e adjacências. Os resultados obtidos confirmam a hipótese de que o falante do português tende a usar a estrutura pesquisada no singular, ainda que o sintagma nominal esteja no plural. Essa construção linguística tornou-se um modelo muito utilizado nos anúncios de rua, estampados em faixas e cartazes.

Palavras-chave: Voz verbal. Sintaxe. Semântica. Variação linguística.

ABSTRACT

This research originated from the need to understand why the Brazilian realize it or not verbal agreement in transitive verb structure to direct + *se* + noun phrase, called synthetic passive voice, used in written ads. The main objective is to contribute to the knowledge of the different views on the flexion of the verbal element of the structure in question and show a tendency to use in ads in Brazilian Portuguese. The theoretical support of this study are functionalism and the variation sociolinguistics, who perceives the language as a form of social interaction. The field research consisted of data collection semi-structured interviews with informants from Belo Horizonte, grouped by some social factors, interviews with Brazilian specialist teachers of Portuguese, activities performed by students of the ninth year of elementary school, of examples from newspapers, and finally, banners and posters throughout the city of Belo Horizonte and vicinity. The results confirm the hypothesis that the speaker of Portuguese tends to use the structure studied in the singular, even if the noun phrase is plural. This linguistic construction has become a widely used model in the street ads, printed on banners and posters.

Keywords: Verbal Voice. Syntax. Semantics. Linguistic variation.

RESUMEN

Esta investigación se originó a partir de la necesidad de entender por qué el brasileño se da cuenta o no del plural en la estructura verbo transitivo directo + se + sintagma nominal, llamada de voz pasiva sintética, utilizado en anuncios escritos. El objetivo principal es contribuir al conocimiento de los diferentes puntos de vista sobre la flexión del elemento verbal de esta estructura y apuntar una tendencia a utilizar en anuncios en portugués brasileño. El soporte teórico de este estudio son el funcionalismo y la sociolingüística variacionista, de que conciben la lengua como forma de interacción social. La investigación de campo consistió en la recolección de datos de entrevistas semiestruturadas con informantes de Belo Horizonte, agrupados por algunos factores sociales, entrevistas con profesores brasileños especialistas de esta lengua, las actividades hechas por los estudiantes del noveno año de la enseñanza básica, de ejemplos de periódicos, y por último, pancartas y carteles usados en la ciudad de Belo Horizonte y alrededores. Los resultados confirman la hipótesis de que el hablante del portugués de la portuguesa tiende a utilizar la estructura estudiada en singular, aunque el sintagma nominal es plural. Esta construcción lingüística se ha convertido en un modelo ampliamente utilizado en los anuncios de la calle, los impresos en pancartas y carteles.

Palabras clave: Voz verbal. Sintaxis. Semántica. La variación lingüística.

Lista de Figuras

Figura 1 – Presença de marca não padrão (singular).....63

Figura 2 – Presença de marca padrão (plural) 63

Figura 3 – Padaria e confeitaria contrata 103

Figura 4 – Instituição de ensino contrata.....104

Figura 5 – Estrutura sem verbo.....104

Figura 6 – Precisa-se operadores 105

Figura 7 – Contrata-se.....105

Figura 8 – Admite-se.....106

Figura 9 – Vende-se estes produtos 106

Figura 10 – Aluga-se salas.....107

Figura 11 – Aluga-se cadeiras e guarda sol 108

Figura 12 – Alugam-se cadeiras e guarda sol.....108

Figura 13 – Contrata-se atores e atrizes.....128

Figura 14 – Admite-se.....129

Figura 15 – Construtora Liderança admite 129

Figura 16 - Alugo Stands..... 130

Figura 17 – Alugar e admitir 130

Figura 18 – Precisa-se preparador 131

Figura 19 – Estrutura sem verbo 131

Figura 20 – Reanálise da VPS.....140

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Gênero.....67

Tabela 2 - Faixa Etária.....68

Tabela 3 - Escolaridade.....69

Tabela 4 - Informantes com Ensino Fundamental.....71

Tabela 5 - Classe Social 72

Tabela 6- Respostas da Questão 1 73

Tabela 7- Justificativa da Questão 1 74

Tabela 8 - Respostas da Questão 2 79

Tabela 9 - Respostas da Questão 3 80

Tabela 10 - Respostas da Questão 4 81

Tabela 11 - Respostas da Questão 5 81

Tabela 12 - Respostas da Questão 6 82

Tabela 13 - Respostas da Questão 7.....83

Tabela 14 - Justificativas da Questão 8 83

Tabela 15 - Dados Coletados das Entrevistas com os Professores 88

Tabela 16 - Sujeito Indicado pelos Professores 88

Tabela 17 - Objeto Direto Indireto pelos Professores 89

Tabela 18 - Função do SN 89

Tabela 19 - Número Total de Respostas 99

Tabela 20 - Dados dos jornais.....102

Lista de Quadros

Quadro 1 - Transformação de ativa em passiva.....36

Quadro 2 - Estratificação dos informantes.....58

Quadro 3 - Renda mensal do brasileiro.....58

Quadro 4 - Variável estrutural: flexão de número da VPS.....62

Quadro 5 - Fatores sociais.....64

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Classes sociais brasileiras.....59

Gráfico 2 - Informantes que participaram da pesquisa.....65

Gráfico 3 - Aplicação da variante por todos os informantes.....66

Gráfico 4 - Gênero.....67

Gráfico 5 - Faixa etária 68

Gráfico 6 - Escolaridade 70

Gráfico 7 - Classe social.....72

Gráfico 8 - Atividades sem informação teórica 100

Gráfico 9 - Atividades após informação teórica 101

Gráfico 10 - Todas as aplicações.....101

Lista de Abreviaturas e Símbolos

OD - Objeto direto

PB - Português brasileiro

SN - Sintagma nominal

SVO - sujeito+verbo+objeto

TRL - Terminologia da regência de ligação

VA - Voz ativa

VARBRUL - Variable Rules Analysis

VI - Verbo intransitivo

VPA - Voz passiva analítica

VPS - Voz passiva sintética

V+se+SN - Verbo + se + sintagma nominal

VTD - Verbo transitivo direto

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

1.1 Justificativa e relevância 19
1.2 Hipóteses 19
1.3 Objetivos 20
***1.3.1 Objetivo geral* 20**
***1.3.2 Objetivos específicos* 20**
1.4 Pressupostos Teóricos 20
1.5 Estrutura da tese 22

2 REVISÃO DA LITERATURA 24
2.1 *Voz passiva* 25
2.1.1 Voz passiva analítica 26
***2.1.2 A Voz passiva sintética* 27**
2.2 Passiva impessoal ou indeterminação do sujeito 30
***2.3 Suporte teórico* 43**
***2.3.1 Gramaticalização* 44**
***2.3.2 Funcionalismo* 45**
***2.3.3 Variação e mudança* 50**
2.4 Considerações finais do capítulo 53

3 MATERIAL E MÉTODOS 54

4 RESULTADOS DA PESQUISA 61
4.1 Entrevistas semiestruturadas 61
4.2 Fatores sociais 66
4.2.1 Gênero 67
4.2.2 Faixa etária 68
4.2.3 Fator escolaridade 69
4.2.3 Classe social 71
4.3 Questionário semiestruturado 73
4.4 Professores de língua portuguesa 87
4.5 Atividades com VPS realizadas pelos estudantes do 9º Ano 97
4.6 Dados dos Jornais 102
4.7 Placas, faixas e cartazes 106

5 DISCUSSÃO DOS DADOS 110
5.1 O Tratamento dos Dados no Programa VARBRUL 113
5.2 Fatores Sociais 116
5.3 Professores de Língua Portuguesa 123
5.4 Atividades Realizadas pelos Alunos do 9º Ano 127
5.5 Anúncios de Jornais 127
5.6 Faixas, Cartazes e Placas 132
5.7 Considerações Relevantes 139

6 CONCLUSÃO 142

REFERÊNCIAS 145

ANEXOS 151

1 INTRODUÇÃO

O problema da voz verbal em português tem sido assunto dos especialistas desde os mais antigos documentos que especulam sobre a língua. O que ressalta desse fato é que se trata de questão complexa, que se ocupa do tipo de relação sujeito/verbo, segundo o papel temático atribuído ao sujeito.

No transcurso desse processo, parece ficar claro que "voz" é um termo genérico indicativo da forma de qualquer palavra, seja ela verbo, substantivo ou outra classe. Os gramáticos antigos davam a "voz" (em latim "vox") o mesmo sentido de "gênero" e podiam dizer "gêneros do substantivo" ou "gêneros do verbo". De acordo com Ernout/Thomas (1953), especializou-se o termo "voz" para indicar determinada forma verbal na sua relação com o sujeito, conforme seja este agente ou paciente. Como consequência pode-se dizer que, do ponto de vista formal, há, para o verbo português, três vozes:

(i) a forma ativa, para verbos de sujeito agente ou sujeito experienciador;
(ii) a forma passiva, para os verbos de sujeito paciente e;
(iii) a forma pronominal, para os verbos com sujeito experienciador, como "alegrar-se", "arrepender-se", ou verbos transitivos e intransitivos com sujeito indeterminado, como em "pedi e dar-se-vos-á", "vive-se bem em BH", "Assim se vai longe".

Na hipótese da forma pronominal, ocorrem duas possibilidades.

- A primeira com verbo intransitivo ou transitivo indireto + pronome "se" indicativo de indeterminação do sujeito, como "viver-se" - "vive-se

bem", ou "falar de", "falar em" + "se" = "falava-se muito de você naquele tempo".

- A segunda com verbo transitivo direto + "se" + SN (VTD + se + SN), como "vender + se + SN = "Aqui vende-se ferro velho".

Ocorrendo a segunda hipótese – VTD + se + SN – o falante e o pesquisador se encontram diante de problema controverso, pois tanto se pode vender "ferro velho" como "ferros velhos", afirmando alguns estudiosos como Said Ali (1908 e 1921), Tondo (1978), Bagno (2000, 2009 e 2011), Castilho (2001), Scherre (2005), entre outros, que a estrutura VTD + se + SN configura uma oração de sujeito indeterminado, contrapondo outros que se trata de voz passiva pronominal ou voz passiva sintética (VPS), sendo o SN sujeito do verbo, que estará no singular ou no plural, caso o SN seja singular ou plural, como:

Aqui vende-se ferro velho.
Aqui vendem-se ferros velhos.

Sobre esse problema desenvolve-se longa discussão teórica, constituindo-se, ao que parece, num impasse de difícil entendimento entre a norma e o uso. Ao lado da norma gramatical culta que considera o SN sujeito e trata o ***se*** como apassivador, desenvolve-se um uso em que predomina, sobretudo em anúncios escritos, uma tendência ao emprego do verbo no singular, quer seja o SN singular quer seja plural, o que enseja classificar de indeterminado o sujeito expresso por "se".

É sobre essa tendência que pretendo desenvolver a presente tese, em uma abordagem sociolinguística variacionista amparada no funcionalismo, que concebe a linguagem como um meio de interação social que, segundo Traugott e Dascher

(2002), busca no desempenho do falante, a explicação para os fenômenos linguísticos.

1.1 Justificativa e relevância

O que justifica meu investimento não é a perspectiva de apontar a solução para questão controversa já de longa data, objeto de diferentes autores, mas observar nos anúncios escritos, a predominância do emprego do verbo transitivo direto no singular + se com SN posposto plural, o que permite a suposição de um caso de variação linguística. Se tal propósito justifica a tese, ao mesmo tempo ressalta a relevância do estudo, considerando-se a contribuição que traz para o conhecimento do problema.

1.2 Hipóteses

A análise dos dados obtidos na investigação aponta para duas hipóteses: a primeira é a importante tendência ao emprego do verbo no singular seguido de SN plural, em anúncios escritos; a segunda é a cristalização da estrutura VTD+se+SN, em que o clítico “se”, tratado pela maioria dos gramáticos como apassivador, possui sentido impessoal, funcionando como morfema desinencial, a noção verbal pura sem referência a sujeito agente, ocorrência que se dá tanto com verbos intransitivos e transitivos indiretos quanto com verbos transitivos diretos.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Contribuir para o conhecimento das diferentes opiniões de teóricos e falantes sobre a flexão do elemento verbal na estrutura VTD+se+SN e mostrar a tendência ao emprego do verbo no singular com SN singular ou plural, sugerindo a indeterminação do sujeito.

1.3.2 Objetivos específicos

a) Averiguar se sociais contribuem para a variação do verbo no singular ou no plural na construção VTD + se + SN plural.
b) Mostrar a impropriedade da consideração de VTD+se como voz passiva sintética.
c) Mostrar a predominância do uso do verbo no singular, quando seguido de SN singular ou plural.
d) Mostrar a gramaticalização do clítico "**se**" como morfema indicativo da noção verbal pura sem referência a sujeito agente.

1.4 Pressupostos Teóricos

Essa pesquisa leva em conta a morfossintaxe em interface com a semântica, sendo que, no âmbito da morfologia, a desinência é formada pela incorporação do ***se*** ao verbo; que na dimensão da sintaxe o SN plural posposto ao verbo é o sujeito ou o objeto direto, sendo neste caso o ***se*** indeterminador do sujeito e, na perspectiva

da semântica, esse SN é o agente ou experienciador ou o complemento verbal. Segundo Pontes (1986) e Perini (2003), as estruturas linguísticas precisam considerar essas interfaces.

A análise da estrutura VTD+se+SN se apóia na teoria sociolinguística variacionista que concebe a língua como um sistema heterogêneo, mas que é estruturado e possui uma regularidade que se caracteriza pela variação e mudança sob a influência de fatores linguísticos e sociais. Labov (1972) define a língua como um organismo vivo, em constante variação, com vínculo na estrutura social da comunidade que a usa. O autor define como variável as unidades linguísticas propícias à variação. Assim, a variável linguística em estudo é o verbo na estrutura VTD+se+SN, cujas variantes são o singular e o plural da forma verbal. Em outro passo (2002, p.34), reafirma que a variação é favorecida por fenômenos sociais, mas tem o foco nas variáveis linguísticas. Ainda assim, ele correlaciona contexto social e forma linguística com o objetivo de precisar, ao máximo, as condições de produção linguística e como elas são realizadas. O indivíduo "pode apenas ser entendido como produto de uma história social singular e como a interseção dos padrões linguísticos de todos os grupos sociais e categorias que definem aquele indivíduo". (LABOV, (2002, p. 34).

Por outro lado, o recurso à teoria do funcionalismo se sustenta porque, sendo a linguagem um meio de interação social, é no desempenho do falante que se encontra a explicação para os fenômenos linguísticos. Tal fato se observa na flexão do verbo na estrutura em estudo, em que o falante tende a usar o singular, quer seja o SN singular quer seja plural, o que enseja classificar de indeterminado o sujeito expresso por ***se***.

Impõe-se ainda o suporte da teoria da gramaticalização do clítico ***se*** que, conforme Harris (1951), é um neutralizador da ação, não sendo exclusivo dessa estrutura, mas também em construções sintáticas e semânticas diferentes, passivas, ativas, reflexivas e mediais. A gramaticalização, conforme Tavares (2003), é um movimento de rotinização gramatical. As situações de comunicação que se repetem são importantes para estabelecer e manter a gramática. Quanto mais uma forma é usada, maior é o seu grau de inserção na gramática. Parece haver uma tendência de uso da estrutura VTD+se+SN plural e verbo no singular influenciada pela presença do **se** que recebe o sentido de indeterminador do agente/experienciador em estruturas desse modelo.

Os dados são trabalhados sob o ponto de vista sincrônico, uma vez que os dados são do PB atual. Entretanto, a fundamentação teórica passa tanto pela diacronia como pela sincronia, mas a diacronia não é o suporte principal da pesquisa.

1.5 Estrutura da tese

O trabalho se apresenta em 6 capítulos, organizados da seguinte forma:

- Capítulo 1: Introdução do objeto de estudo, sua justificativa, relevância e objetivos.
- Capítulo 2: Revisão de Literatura exposta por conteúdos em ordem cronológica.
- Capítulo 3: Material e métodos com a descrição do material e exposição do método.

- Capítulo 4: Resultados da pesquisa.
- Capítulo 5: Discussão dos dados
- Capítulo 6: Considerações finais e conclusão.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Longa polêmica, que remonta pelo menos aos fins do século XIX, vem-se desenvolvendo em torno da flexão do verbo na construção VTD+se+SN, divergindo uns dos outros, gramáticos e linguistas, quanto à função sintática do SN e a flexão verbal. Said Ali (1908), por exemplo, incluiu a questão entre as dificuldades da língua portuguesa e, partindo de critérios semânticos, considerou a partícula ***se*** como índice de indeterminação do sujeito, ao passo que, para outros gramáticos, trata-se do **se** apassivador do verbo e o SN sujeito paciente.

Há teóricos que apresentam o assunto na perspectiva morfossintática e há aqueles que utilizam a interface morfossintático-semântica para abordá-lo. Para provar que a estrutura VTD+se+SN é voz passiva sintética (VPS), os teóricos convertem-na a passiva analítica (VPA). No entanto, não a transformam em voz ativa como fazem com a VPA. Não fazem isso porque é impossível, pois gera uma sentença sem sentido.

O presente capítulo apresenta a opinião de gramáticos e linguistas brasileiros, com vistas a mostrar como esta estrutura vem sendo tratada. Uns tratam o ***se*** como partícula apassivadora, outros o consideram índice de indeterminação do sujeito.

- Abordam a estrutura VTD+se+SN, tradicionalmente, como VPS:

  Cruz (1947), Bechara (1961), Brandão (1963), Chomsky (2006), França (1972), Moreira e Araújo (1977), Sacconi (1991), Rocha Lima (1994), Cegalla (1997), Cunha e Cintra (2008), entre outros;

- Discordam que a estrutura VTD+se+SN seja VPS:

Said Ali (1908 e 1921), Torres (1960), Kury (1961), Coutinho (1962), Naro (1976), Tondo (1978), Luft (1979), Câmara JR. (1980 e 1984), Pontes (1986), Moino (1989), Bagno (2000, 2009 e 2011), Castilho (2001), Correia (2003) e Scherre (2005);

- Fazem breve percurso histórico relacionado à estrutura pesquisada:

  Ribeiro 1884, Said Ali (1908), Aguiar (1942) e Hélio Silva (2009);

- Abordam a variação e mudança:

  Labov (1972, 1994, 2002 e 2008), Lavandera (1978), Bentivoglio (1986), Tarallo (2002) e Mollica (2003);

- Tratam da gramaticalização:

  Hopper e Traugott (1993), Martelotta *et al*. (1996), Castilho (2001), Givón (2001), Harris (1951), Tavares (2003) e Menon (2006);

- Abordam o funcionalismo:

  Lions (1981), Hopper e Thompson (1980), Bybee y Hopper (2001), Halliday (1994), Givón (1995), Traugott e Dasher (2002), Moura Neves (2006), Furtado da cunha (2008) e Silva e Oliveira (2009).

2.1 *Voz passiva*

Brandão (1963) define **voz** como a flexão que envolve o verbo e o sujeito e diz que há três vozes, a ativa, a passiva e a reflexiva. A morfologia da voz verbal não coincide com o sentido, isto é, não há perfeita correlação entre morfologia e semântica. Está na voz ativa aquele verbo cujo sujeito é agente e na voz passiva quando este é paciente. Entretanto, o autor não mencionou que não se consegue

realizar essa transformação se a voz passiva for a classificada como sintética. Esta é uma das controvérsias abordadas neste capítulo.

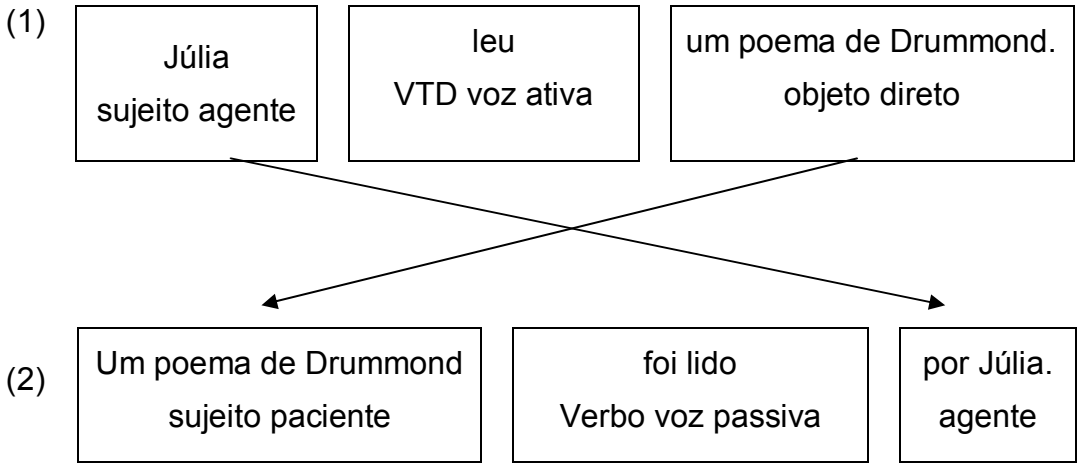
2.1.1 Voz passiva analítica

Para Brandão (1963), a voz passiva analítica (VPA) se caracteriza pela formação perifrástica **ser+particípio** e o sujeito paciente, devendo ser o verbo transitivo direto (VTD. Nessa hipótese, a voz passiva analítica representa a inversão da estrutura da oração:

a) o objeto direto (OD) se transforma em sujeito paciente;

b) o verbo se transforma em locução verbal com o verbo auxiliar **ser**;

c) o verbo da voz ativa se transforma em particípio.



A frase (1) está na voz ativa (VA) e a (2) é a transformação desta na VPA. Dessa forma, o SN que era complemento verbal em (1) preenche a posição de sujeito e o SN que era sujeito preenche a posição de agente, como em (2). O que se pode perceber é que mesmo ocupando posições sintáticas distintas, o agente continua praticando a ação verbal.

Chomsky (2006) trata da morfologia da voz passiva, afirmando que ela se decompõe em estruturas elementares. Há a omissão do objeto direto que se transforma em sujeito, deixando o objeto direto sem caso. Por exemplo:

(I) was washed the car (by Bill)
Foi lavado o carro (por Bill)
(II) The car was washed (by Bill)
O carro foi lavado. (por Bill)

No português, o objeto perde o caso com essa estrutura e ao se usar a VPS, o objeto é nulo, uma vez que seu deslocamento não é perceptível. Esse assunto é abordado no próximo tópico.

2.1.2 A Voz passiva sintética

A VPS é uma das duas formas de voz passiva descritas pela gramática tradicional e se constitui estruturalmente com um VTD na terceira pessoa do singular ou do plural seguido do clítico ***se***, sem identificação do agente, sendo o SN posposto a essa estrutura um sujeito paciente.

(3) Vendem-se casas.
(4) Casas são vendidas.

As frases apresentadas em (3) e (4) são respectivamente VPS e VPA. A gramática tradicional transforma a VPS em VPA, descrevendo que (3) é voz passiva porque é equivalente a (4), sem, no entanto, fazer referência à impossibilidade de sua transformação para a voz ativa.

A VPS do português vem sendo tratada desde o século XVI, descrita por meio de conceitos e exemplos muitas vezes respaldados apenas na estratégia de

transformação da ativa em passiva, sem atentar para a dificuldade de transformar VPS em VPA. No entanto, por razões operacionais, optei por trazer à discussão apenas autores do século XX, corpo suficiente para compor o histórico da questão.

Cruz (1947, p. 94) ao conceituar a voz passiva sintética, primeiro apresenta vários exemplos: *Alugam-se quartos, dão-se 4 vales, veem-se passarinhos, vendem-se estampilhas, não se devem fazer intrigas*. Em seguida escreve: "***se*** é partícula apassivadora. Os verbos **alugar**, **dar**, **ver** e outros são transitivos. *Quartos são alugados; 4 vales são dados; passarinhos são vistos; estampilhas são vendidas, intrigas não devem ser feitas"***.** O autor elenca esses exemplos e menciona o que é o ***se***, revertendo as passivas sintéticas em passivas analíticas. Depois, alerta: "**me**, **te**, **nos** e **vos** são também, às vezes, partículas apassivadoras", usando o seguinte exemplo: *Batizei-me em São Paulo* = Fui batizado em São Paulo.

Quanto aos modos de expressar a voz passiva, Torres (1960, p. 105) afirma que há dois: com o verbo **ser**, acompanhado do particípio do verbo que se deseja empregar como em *"Os livros foram destruídos pelos alunos";* e com o auxílio do pronome ***se*** como em *"Destruíram-se os livros".* O agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa, sendo que não se usa agente na passiva formada com o pronome ***se***.

Kury (1961) configura a voz passiva dizendo que se trata de "[...] forma composta com auxiliar que o verbo transitivo direto assume para exprimir que o seu sujeito é PACIENTE, isto é, recebe ou sofre a ação: Abel (sujeito = paciente) foi morto (ação: verbo na voz passiva) por Caim (agente da passiva) [...]." (p. 33). Afirma ainda que se acrescenta à forma do verbo na voz ativa o pronome ***se*** para compor a VPS. Nesse caso, o agente (sujeito) é indeterminado, e o paciente (objeto direto) é um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo.

O autor exemplifica essa estrutura estabelecendo um paralelo entre voz ativa e voz passiva: *construíram muitos edifícios* (sujeito indeterminado) = *construíram-se muitos edifícios* (sujeito paciente).

Para França (1972, p. 22), o ***se*** é pronome apassivador quando for possível reconstruir a oração de tal modo que apareça a passiva analítica (verbo **ser** + particípio). Esse pronome forma a chamada passiva sintética, sendo o sujeito claro. Os exemplos dados pelo autor são: *Vende-se ferro velho aqui. Consertam-se relógios aqui e Aqui se conserta relógio*.

Sacconi (1991, p. 346) mostra a constituição da voz passiva sintética com o seguinte esquema: "verbo transitivo + **SE** + sujeito paciente – o verbo concorda normalmente com o sujeito. Ex.: *Aluga-se automóvel e vendem-se bicicletas*." Para o autor, o ***se*** é um pronome apassivador e a VPS é utilizada quando ocorre um ser incapaz de praticar a ação verbal, no caso um ser [-animado]. No entanto, esse argumento não é válido, uma vez que existe o sujeito [+animado] com essa estrutura, exemplo: *Naquela instituição, educam-se as crianças.*[+ animado].

Rocha Lima (1994, p. 390) trata o SN posposto na estrutura VTD+se+SN como sujeito inanimado, mas admite que possa ocorrer com seres animados e que também pode vir antes do verbo e exemplifica com uma frase de Machado de Assis: "[...] *os ingratos demitem-se, prendem-se, perseguem-se*". O autor acrescenta que, em qualquer posição que se apresente, o sujeito vai ser sempre paciente.

Cegalla (1997, p. 410) sustenta que, "quando apassivado pelo pronome apassivador ***se***, o verbo concordará normalmente com o seu sujeito: *Vende-se a casa e compram-se dois apartamentos,*" e, no final da seção, insere a seguinte observação: "na literatura moderna há exemplos em contrário, que não devem ser

seguidos: '*Vendia-se seiscentos convites e aquilo ficava cheio*' (Ricardo Ramos) e '*Em Paris há coisas que não se entende bem* (Rubem Braga)'." Em outro passo, o autor apresenta a voz passiva formada pelo pronome apassivador ***se*** e um verbo ativo na 3ª pessoa e explica o seguinte:

> Nesse caso temos voz passiva pronominal. Exemplos: Regam-se plantas. [...] Por amor da clareza, preferir-se-á a passiva analítica toda vez que o sujeito for uma pessoa ou animal que possa ser o agente da ação verbal. Exemplo: Foi retirada a guarda [**'Retirou-se a guarda tanto pode ser voz passiva como reflexiva'**]. (CEGALLA, 1997, p. 206). (grifo nosso)

Bechara (2004, p.563) possui uma posição tradicional ao dizer que a concordância com o verbo na voz passiva pronominal "pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito", e exemplificando com: *Alugam-se casas. Vendem-se apartamentos*. "Com o pronome apassivador ***se*** (verbos transitivos diretos): *consertam-se* ou *remendam-se calçados*, *alugam-se apartamentos, vendem-se terrenos* – verbo plural, no registro formal da língua culta."

2.2 Passiva impessoal ou indeterminação do sujeito

Na perspectiva diacrônica, Ribeiro (1884) relaciona a indeterminação nas línguas românicas com o processo que ocorreu no latim com expressão de voz reflexiva que evoluiu para a forma passiva com a indeterminação do agente. As formas românicas com ***se***, inclusive a passiva, exprimem ação sem o agente explícito, com indício de que a VPS tem a função de omitir quem exerce a ação verbal.

Said Ali (1908, p. 113) suspeita que o passivo latino pode ser proveniente da voz ativa com o acréscimo do pronome reflexivo ***se*** para todas as pessoas, com

exceção da 2ª pessoa. O autor justifica com o rotacismo[1] latino: de ***amo*** + ***se*** viria ***amor***, de ***amat*** + ***se*** viria ***amatur*** [...], mas questiona os fundamentos históricos que levaram à natural associação de ideias do imaginário ***se*** apassivador latino atribuído ao nosso pronome em *aluga-se, fala-se* etc., considerando tanto a forma, como o sentido. Para o autor, não há explicação embasada em uma pesquisa científica. A forma verbal latina em **- r** é chamada de voz medial-passiva não apenas por sua formação histórica, mas por ser "comum a verbos depoentes de sentido ativo". Muitos autores usam "alguns argumentos talhados para defender esse ídolo a que chamam ***se*** apassivante."

Acrescenta Said Ali (op.cit. p.134) que havia a ideia de que o ***se*** apassivador teria influência do francês, mas ela foi refutada, uma vez que alguns conhecedores desse idioma têm dificuldade de soletrar palavras da própria língua nacional. Por isso, a influência francesa é nula. Há uma tendência natural, o povo não compreende por que o verbo tenha que concordar com o objeto. Além disso, "os primeiros indivíduos afetados de um mal importado de terra estranha devem ser os que se acham mais em contato com ele." Os falantes que mais manuseiam livros de Paris são os que mais empregam o verbo no singular nos casos em que deveria ser no plural conforme os defensores do fenômeno em questão. "Os portugueses não tinham necessidade de transpor os Pirineus e inspirar-se em um pronome indefinido estrangeiro." Eles tinham o pronome *homem*, não inferior ao pronome *on* francês, mais tarde considerado "bode expiatório da pouca sagacidade dos gramáticos."

[1] *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o **rotacismo** é uma mudança fonética que substitui o som [l] pelo [r] e deste pelo [s] como no latim na posição intervocálica no nominativo flos> flor e no acusativo *flossem*> florem.

Muitos gramáticos justificam que a VPS pode ser transformada em uma voz passiva analítica sinônima. Said Ali (1908, p.136) argumenta que isso não é possível, pois, ele diz, é leviana a afirmação de que a forma reflexiva se identifica com a voz passiva. Justifica sua alegação mostrando que as frases “aluga-se esta casa” e “esta casa é alugada” exprimem dois pensamentos diferentes na forma e no sentido. Para comprovar isso, sugere o seguinte:

> Coloque-se na frente de um prédio um escrito com a primeira das frases, na frente de outro, ponha-se o escrito contendo os dizeres “esta casa é alugada”. Os pretendentes, sem dúvida, encaminham-se unicamente para uma das casas, convencidos de que a outra já está habitada.

Mais tarde, tratando das vozes verbais, Said Ali (1921, p.135) trata da voz ativa, passiva e medial, sem mencionar a voz passiva sintética. Apenas menciona a formação perifrástica da voz passiva e exemplifica com sua conversão em voz ativa:

> O sujeito de verbo transitivo pode ser considerado não somente como ponto donde parte a ação, mas ainda como o ponto para o qual a ação se dirige; e neste segundo caso se empregará o verbo no particípio do pretérito combinado com o auxiliar ser. Diz-se então que o verbo denotador da ação está na voz passiva, e que o sujeito é paciente, como nesta frase – *a ave foi ferida pelo caçador*; e chama-se, pelo contrário, voz ativa com sujeito agente, a conjugação simples, como em – *o caçador feriu a ave*.

Essa omissão da classificação de voz passiva sintética e a não classificação do exemplo dado como analítica permite inferir que o autor reconhece apenas a voz passiva analítica.

Na sequência, Said Ali afirma que as frases com a forma medial podem ser entendidas como atos espontâneos, sem agente ou causa aparente, e que isso facilita o processo, extensivo a casos de agente que não se quer ou não se sabe mencionar. A origem de frases como *vendem-se casas, alugam-se quartos, alarga-se a rua, desbarata-se a fortuna*, entre outras, sugere a noção de agente humano,

embora seja costume usar um substantivo (- humano) em lugar do objeto direto e considerá-lo como sujeito. O que se tem em mente é que há alguém como agente que não pode ser um ser inanimado.

Aguiar (1942) estuda o percurso do pronome ***se*** e propõe os seguintes estágios de sua evolução:

Primeiro estágio - o pronome surge no latim como reflexivo;

Segundo estágio - o pronome reflexivo tem uma compreensão tanto ativa, quanto passiva. Exemplos: (1) *Fritam-se os ovos,* com o sentido de: (2) *Os ovos são fritos* ou (3) *Os ovos se fritam*, mas não como '*Os ovos se fritam a si mesmos*'.

Terceiro estágio - a indefinição do agente como em (4) *Comem-se* os bolos, faz com que o ***se*** seja entendido como elemento de indeterminação do sujeito.

Quarto e Quinto estágios - o pronome é o indeterminador do agente em verbos intransitivos e transitivos. Esses estágios expandem o uso da indeterminação do agente tanto com verbos intransitivos (5) *Trabalha-se muito aqui,* quanto com transitivos (6) *Vende-se casas no condomínio.*

Cruz (1947, p. 95), ao tratar dos verbos transitivos diretos com o pronome ***se***, não diz em momento algum que se trata de um sujeito indeterminado, apenas comenta que uns afirmam que é sujeito, correspondendo ao ***on***, pronome indefinido francês = **a gente**. Afirma em seguida que a maioria dos filólogos brasileiros e portugueses diz que não pode ser sujeito porque, no latim, o ***se*** não tem o caso nominativo (no genitivo é ***sui***, dativo ***sibi***, acusativo ***se***, ablativo ***se*****)**. Por outro lado, afirma, sem se convencer, que os filólogos dizem que, em verbos relativos e intransitivos, o sentido fica vago, ocorrendo uma passiva impessoal, sendo o sujeito

indeterminado. Afirma ainda que essa passiva existia no latim e se chamava passiva impessoal. Diz, por fim, que somente os verbos transitivos são postos na passiva, entretanto os latinos, às vezes, colocavam os intransitivos, forçando e tratando essa estrutura de passiva impessoal. São exemplos: "*per asperaitur*[2]*ad astra*, *per angustaitur ad augusta* = Por caminhos ásperos *vai-se* aos astros.

No tocante às funções do ***se***, Harris (1951, p. 12) afirma que se trata de um operador neutralizador da ação, não sendo exclusivo da voz passiva. Esse pronome desempenha muitas funções, o que confunde o falante, por isso surgem problemas em construções pronominais com manifestações sintáticas e semânticas distintas, passivas, ativas, reflexivas e mediais.

No caso da denominada VPS, o clítico **se** tratado pelos gramáticos como partícula apassivadora modifica a voz verbal do verbo transitivo direto. Na estrutura "verbo transitivo + **se**" e apenas um SN, indetermina o agente verbal. A falta de um dos argumentos do verbo faz inferir a indeterminação do sujeito e a função do SN como complemento verbal.

Ribeiro (1956) chama de pronominados os verbos acompanhados do clítico **se**, seja com complemento direto ou indireto, real ou aparente, exemplificando com "arrepender-se, atrever-se, prezar-se e manter-se". Os verbos pronominados são os reflexivos, os recíprocos, os de sentido passivo, os impessoais, os enfáticos e os de espontaneidade de ação.

Como o verbo acompanhado de **se** é o pronominado de sentido passivo, vou me ater a este. Segundo Ribeiro (1956), trata-se de uma forma verbal em que o

[2] ***Itur*** é forma passiva do verbo ***eo: eo, is, ire, ivi*** (ou***ii***), ***itum*** = ir

sujeito sofre ou recebe uma ação, como por exemplo: "*Os bons livros vendem-se caro*".

De acordo com o autor, o português não possui a forma ou desinência passiva, como o latim, e, por essa razão, utiliza o recurso da perífrase, com auxílio das várias formas do verbo ser, acrescentando o particípio passado do verbo a ser apassivado ou empregando a forma pronominada, uma vez que não existem verbos passivos, mas sim, locuções passivas, preposições ou sentido passivo.

Segundo Torres (1960), os latinos formavam passivas impessoais à força. "No português hodierno não se costuma expressar o agente quando a passiva é feita com a partícula ***se***. Tal prática foi comum até o tempo de Vieira[3]: 'Males que se executam pelas mãos dos homens'". (TORRES, 1960, p. 106).

Bechara (1961, p. 102), explica que em outros tempos colocava-se o agente da passiva claro na voz passiva pronominal: "Por ele o mar remoto navegamos / Que só dos feios focas se navega" (Camões, Os Lusíadas, I, 52).

Coutinho (1962) lembra que no português, a voz passiva não é uma categoria flexional como nos tempos do **infectivo** latino e afirma que entre as criações românicas está a passiva analítica do **perfectivo** latino que se estendeu a toda a conjugação. A voz ativa conservou a maior parte de suas formas, mas a passiva perdeu completamente a forma sintética no período do latim vulgar e foi substituída pela perífrase. Assim, o que na língua clássica era *littera scribitur* passa a ser *littera scripta est*.

Além disso, diz Coutinho, no mesmo período do latim vulgar, surgiu um intermediário *littera* ***se*** *scribit* que justifica a criação da passiva com ***se*** no português.

[3] Vieira, Pe. Antônio. Sermões: sermão VI. Lisboa: Seabra e Antunes, 1856.

O desaparecimento da flexão passiva fez com que os verbos depoentes, que tinham forma passiva e significação ativa, tomassem a forma ativa.

De acordo com Naro (1976, p. 788), a construção da passiva impessoal não aparece em textos antigos do português. Trata-se de um uso recente surgido na primeira metade do século XVI, quando o ***se*** foi reinterpretado como impessoal. A tendência da não concordância entre o verbo e o SN, nessa estrutura, pode ser causada pela posição de complemento verbal desse SN. Construções de VPS são ambíguas porque não há explicitamente a marcação de concordância entre sujeito gramatical e o verbo, devido à omissão do agente e o sujeito posposto. Essa situação provoca o processo de reanálise do ***se*** apassivador para ***se*** impessoal. Naro (p. 780, 1976) afirma que essa estrutura mostra indícios de fossilização.

De acordo com Moreira e Araújo (1977, p. 76), a VPS ou voz passiva pronominal se caracteriza pela presença do pronome ***se*** (pronome apassivador), pela indeterminação do agente e por apresentar o verbo na 3ª pessoa. O quadro 1 mostra a transformação de ativa em passiva e que, quando o sujeito é indeterminado, o agente da passiva também é indeterminado. Na VPS o agente da passiva é indeterminado.

Quadro 1: Transformação de ativa em passiva

ATIVA	PASSIVA
Sujeito indeterminado	Agente da passiva indeterminado
Objeto direto	Sujeito explícito
Verbo na 3ª pessoa	Verbo na 3ª pessoa

Fonte: Moreira e Araújo (1977, p. 76)

As informações contidas no quadro mostram parte da configuração das vozes ativa e passiva, possibilitando inferir nas duas primeiras linhas a transformação de ativa em passiva. Se o sujeito é indeterminado, o agente da passiva não é identificado também, se há objeto direto, o sujeito da voz passiva fica explícito.

Tondo (1978, p. 101) elenca vários exemplos e defende que o sujeito da VPS representado pelo **se** é indeterminado. Entre esses exemplos está *Procurou-se adiar os exames de segunda chamada*. Para a autora, este tempo verbal pode ser somente singular. “não há quem não veja aí uma construção ativa, em que o indefinido **se** funcionalmente é o sujeito superficial.” Dificilmente há uma leitura deste enunciado na passiva, sendo o infinitivo sujeito. Se fosse passiva, o inverso seria **Adiar os exames de segunda chamada foi procurado ou *os exames de segunda chamada procuraram ser adiados*. Qualquer uma dessas inversões criou frases malformadas semanticamente.

Luft (1979) remonta a Said Ali e Nascentes para elucidar a questão e considera mais acertado tratar como ativa essa estrutura que “corresponde (1) ao sentimento dos falantes (*conserta-se calçados, vende-se terrenos* – é como se usa na fala espontânea) e (2) à colocação dos termos (a posição pós-verbal é a do paciente) e (3) evita o divórcio dessas construções com os verbos não transitivos diretos (*precisa-se de, trabalha-se, corre-se, pula-se*) que seria absurdo considerar passivos”. O que se segue torna claro o raciocínio do autor e mostra que discorda da existência da VPS, ao assumir a postura de Said Ali e Nascentes que veem a estrutura como ativa e de sujeito indeterminado.

> Aqui como ali temos a ideia de ‘sujeito indefinido’, formalizada no **se**, que pode, pois, tranquilamente, ser analisado como sujeito (Aqui – **se** trabalha =

> Aqui – **a gente** – trabalha). A flexão plural do verbo (vendem-se terrenos), no padrão culto escrito, pode-se explicar como mera 'servidão gramatical' – nem sempre observada – ou por atração. (LUFT, 1979, p. 133 *apud* SAID ALI; NASCENTES, 1960, p. 145).

Ao tratar de vozes verbais, Câmara JR (1980, p.183) afirma que existem três vozes, ativa, passiva e reflexiva, que são identificadas pela formas que se contrastam. A voz com verbo transitivo pode gerar confusão, pois existe somente paciente de uma ação sem a previsão da ideia de uma ação acusativa sobre o sujeito paciente. O valor agente da passiva surgiu posteriormente, pois antes era expresso por um adjunto ou complemento circunstancial ou de origem, que em latim, era ligado pela preposição "*ab"*, "*a"* ou de meio, e em português, pela preposição "por" originário de *"per".* A voz passiva é uma forma em que os verbos transitivos colocam o paciente em evidência especial na frase, relegando o sujeito a um plano inferior ou ignorado.

> [...] o que na frase ativa transitiva é o objeto, e está integrado ao predicado, deste se destaca e passa a ser apresentado como tema e ponto de partida do processo verbal. [...] a primeira modalidade da voz passiva é a que decorre de reduzir-se, do ponto de vista semântico, o sujeito da voz medial reflexiva ao que nele há de paciente. (CÂMARA JR, 1980, p. 184).

Segundo Câmara Jr (1980), a voz passiva é uma consequência da forma medial reflexiva. Em latim, na 3ª pessoa, a desinência medial ***-to***, combina-se com o ***-r***. O autor analisa o valor da passiva como:

> [...] uma indistinção mórfica onde há uma oposição significativa, pois o mesmo tipo frasal exprime formulações mentais diversas. Por isso, em português há frases de interpretação dupla, como - **abre-se a porta**, onde uma visão antropomórfica pode dar ao verbo o caráter puramente reflexivo. [...] Nas línguas românicas a tendência é no sentido de fazer impessoal a frase passiva com a integração do sujeito no predicado. Em português, como em italiano, isso se exprime pela falta de concordância entre o nome e o verbo, que fica invariável no singular [...]. (CÂMARA JR, 1980, p. 184).

Para o autor, a voz passiva impessoal omite o agente, deixando o sentido passivo vago, aproximando o verbo da voz ativa. A essência da voz passiva, em qualquer de suas formas, é realçar o processo ativo em detrimento do agente, omitido ou inserido no predicado esporadicamente. Nas línguas românicas há uma tendência de a frase passiva ter um sentido impessoal com a integração do sujeito no predicado. Em português essa impessoalidade se exprime pela falta de concordância entre o nome e o verbo, como em "*aluga-se casas*". O sujeito se volta para a ação indicada pelo verbo morfologicamente por meio de desinências verbais ou partículas pronominais denominadas reflexivas. Essa construção impessoal ocorre geralmente com verbos intransitivos por estes não terem um objeto no predicado para ser transformado em sujeito paciente.

Em outra obra, o autor comenta a imposição da gramática normativa na utilização do verbo no plural em VPS com o SN plural. Segundo ele, o suposto verbo, no plural é uma imposição gramatical, isto é, uma prática "que se aplica a fatos gramaticais meramente mórficos, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical. Na servidão gramatical, a forma particular não traz em si uma significação gramatical específica". (CÂMARA, JR., 1984, p. 217).

Do mesmo modo, Pontes (1986) considera discutível a posição de gramáticos e filólogos sobre a concordância de estruturas como *Vendem-se casas*. Segundo a autora, “somente em gramáticas ou então em exemplos raríssimos encontra-se concordância desse tipo”. O que se encontra na maior parte das vezes”, a autora continua, “é *vende-se casas* e é este um fato que Said Ali considera 'um ilogismo', trazendo à discussão o fato de que em latim já se encontram construções de passiva impessoal com acusativo. (PONTES, 1986, p. 67, 92)

Pontes (1986) aponta para a possibilidade de o ***se*** ser interpretado como morfema apassivador correspondente ao morfema desinencial ***-tur*** em latim formador da voz passiva sintética. Assim na VPS, o **se** seria formador de voz (ou forma) passiva, mas com um sujeito indeterminado. É o que em latim se chama de passiva impessoal. Essa discussão da autora está em conformidade com Said Ali que não considera passiva a construção *Vendem-se casas*, sendo o ***se*** símbolo de indeterminação do sujeito. Há um traço que une as construções com ***-se*** que se aplica tanto com verbo intransitivo quanto com verbo transitivo: em ambos os casos há um agente indeterminado (+ humano).

Moino (1989, p. 37) afirma que na produção da voz passiva o OD se move da posição original (depois do verbo) e se desloca, tornando-se sujeito da estrutura superficial, pela aplicação do movimento (mover-alpha). Esse movimento é perceptível quando gera uma sentença na VPA, mas se gera uma VPS, não há como recuperar o OD para transformar a VPS em VA.

Conforme Correia (2003, p. 19), os livros didáticos e as gramáticas do português apresentam os problemas das construções passivas de modo muito restrito, reduzindo-se ao exercício de transformação de ativas em passivas para mostrar que uma frase passiva é diferente da ativa. O estudo de construções passivas limita-se a um só tipo de construções, ditando regras lineares e inalteráveis. Entretanto, é necessário um estudo sistemático que leve em conta as características semânticas e formais da voz passiva. Um estudo inicial aponta que a construção passiva do português europeu é um tema de grande complexidade e que merece um tratamento aprofundado ainda não existente. As gramáticas descrevem esse tipo de construção com brevidade e incompletude.

Ainda Correia (2003, p. 148) afirma que a explicação da gramática para a VPS permite inferir a dupla possibilidade de: (I) ou diminuir o número de argumentos do verbo transitivo, suprimindo-lhe o objeto direto, (II) ou não diminuir e perceber a existência dos dois argumentos, sendo o sujeito indeterminado. Existindo as duas possibilidades, a frase com a estrutura de VPS tem dupla interpretação sintático-semântica, podendo o SN associado ao verbo ser um sujeito de voz passiva sintética como determina a gramática ou um objeto de um verbo com sujeito indeterminado, caso em que o verbo fica na voz ativa. A supressão do objeto direto permite uma frase passiva com a aplicação de um operador, que, nas línguas românicas, é de dois tipos: [**ser** + verbo no particípio] ou [verbo + **se** pronome]. Entretanto, há aqui um problema formal do segundo tipo de operação: o sujeito de voz passiva tornar-se-ia objeto na voz ativa ao ser movido, o que não é possível, por a frase não conter o objeto que alçaria para a posição de sujeito.

Segundo Correia (2003, p. 149), a regressão do número de argumentos não está apenas na forma, mas também no sentido. Isso mostra que o agente é imprescindível em um verbo transitivo. A falta de possibilidade de inverter a voz passiva sintética em voz ativa leva à interpretação de indeterminação do agente, pois o sujeito paciente não pode se transformar objeto. A dupla interpretação da voz do verbo nessa estrutura pode ser a causa dos problemas de concordância que essa estrutura traz; muitos usuários da língua portuguesa não realizam a concordância porque levam em conta que existe um agente e que ele é singular. Por essa razão, quando o SN que acompanha o verbo está no plural, o falante não produz a concordância. Por isso, para Mira Mateus *et al* (2003), o falante do português indetermina o sujeito nas orações em que as gramáticas descritivas consideram VPS.

Bechara (1976) ao apresentar as vozes do verbo alerta:

> É preciso não confundir voz passiva com passividade. Voz é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar a pessoa que recebe a ação: *Ele foi visitado pelos amigos.*/ *Alugam-se bicicletas.* Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa se o verbo tiver sentido passivo: Os criminosos recebem o merecido castigo. Portanto nem sempre a passividade corresponde à voz passiva. (BECHARA, 1976, p. 105).

No desenvolvimento do tema, o autor chama a VPS de voz reflexiva de sentido passivo, explicando que sua construção será sempre na 3ª pessoa com o pronome apassivador.

Cunha e Cintra (2008, p. 399) afirmam que a VPS se estrutura com a utilização do pronome apassivador ***se*** e o verbo na terceira pessoa, singular ou plural, em concordância com o sujeito. Ex. Não *se vê* [= é vista] *uma rosa* neste jardim/Não *se veem* [são vistas] *rosas* neste jardim. Mas, na p. 166, demonstram como transformar uma oração ativa em passiva, silenciando sobre a VPS:

> 1. Quando uma oração contém um verbo construído com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:
> a) o objeto direto passa a ser sujeito da passiva;
> b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
> c) o sujeito converte-se em agente da passiva. Exemplo: A inflação corrói os salários x Os salários são corroídos pela inflação.
>
> 2. Se numa oração da voz ativa **o verbo estiver na 3ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente.**
> Observações:
> 1ª Cumpre não esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.
> 2ª Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 166). Grifo nosso.

No item 2, os autores deixam claro que o verbo na 3ª pessoa do plural indica indeterminação do sujeito e isso se confirma quando dizem que, nesse caso, ao

transformar a oração em passiva, o agente se cala, ou seja, ele toma o lugar do sujeito indeterminado.

Também Hélio Silva (2009), ao realizar pesquisa diacrônica sobre as formas verbais em textos escritos dos séculos XIX e XX, afirma que a indeterminação do agente co-ocorre nestes textos, chegando à conclusão de que não há passivas sintéticas no PB. Também conclui que apenas são passivas aquelas frases com o verbo **ser** mais o **particípio** e que é contraditório considerar esta estrutura equivalente à suposta VPS como muitos gramáticos fazem.

Para Castilho (2010), os reflexivos estão perdendo seu estatuto categorial em todas as pessoas gramaticais. Essa perda culmina no grau final da gramaticalização: (1) altera-se a estrutura da passiva pronominal; (2) compromete-se o sentido passivo, resultando em sentido de indeterminação do sujeito; (3) desaparece a concordância do verbo com o sujeito, que, nessa estrutura, é reanalisado como objeto direto. O autor exemplifica com *Vende-se flores* (= alguém vende flores) e *cortou-se os meninos* (= alguém cortou os meninos). Entretanto, a interpretação passiva continua apenas no estilo formal do PB.

2.3 Suporte teórico

Para a realização da análise, faz-se necessário realizar uma descrição, ainda que sucinta, da gramaticalização, do funcionalismo, bem como da variação e mudança.

2.3.1 Gramaticalização

O fenômeno da gramaticalização relaciona-se à variação e mudança linguísticas por ser um processo de regularização do uso da língua. Conforme Furtado da Cunha *et al*. (2003), trata-se de um processo no qual a língua não é fixa, pois está em mudança constante.

A gramaticalização não é o foco dessa pesquisa, mas a estrutura VTD+se+SN contém em sua configuração a partícula ***-se*** que exerce várias funções sintáticas na língua portuguesa, e conforme várias pesquisas, ao longo dos anos, o pronome ***se*** vem sofrendo um processo de gramaticalização. Além disso, essa estrutura é uma construção que combina as interfaces semântica e sintática nas quais não há sentido em cada um dos constituintes que formam a sentença, mas na construção como um todo. Por essa razão, faz-se necessário discorrer sobre esse assunto, recortando a parte que se refere à estrutura denominada voz passiva, uma vez que essa estrutura tem essa combinação e forma um todo.

Conforme Traugott e Heine (1991) existem outras conceituações para esse termo. Há aspectos particulares no processo de gramaticalização: sintatização, descoramento semântico[4], enfraquecimento semântico, desvanecimento semântico, reanálise, condensação, redução, entre outros. Ainda segundo esses autores, o processo de gramaticalização não se reduz unicamente ao percurso de um elemento lexical ao gramatical, porque depois de gramaticalizado, esse item pode ter outras atribuições na língua.

[4] Conforme Traugott e Heine (1991): perda de conteúdo semântico.

Pode-se dizer que a gramaticalização ocorre se um item lexical ou de construção assume um status novo como item gramatical ou torna-se mais gramaticalizado que já era, tendo a possibilidade de mudar de categoria sintática, - fenômeno denominado recategorização, ou podendo receber propriedades funcionais na frase, como deixar de ser forma livre ou mesmo, desaparecer devido a uma cristalização.

A gramaticalização só era vista diacronicamente, mas Hopper e Traugott (1993) a tratam nas perspectivas diacrônica e sincrônica. Esses autores defendem que não há como separar uma perspectiva da outra, uma vez que elas são interdependentes. Dessa forma, pode-se descrever a gramaticalização alternativamente como fenômeno tanto diacrônico quanto sincrônico. Sendo diacrônica, a gramaticalização se desenvolve gradualmente no tempo, podendo passar por vários estágios. Porém, sendo sincrônica, ela se desenvolve no uso linguístico corrente.

De acordo com Martelotta *et al (*1996), depois de gramaticalizados itens lexicais e estruturas sintáticas assumem funções gramaticais e podem continuar desenvolvendo outras funções gramaticais. Ao finalizar o processo de gramaticalização, um item lexical ou uma estrutura sintática tendem a se tornar regulares e mais previsíveis.

2.3.2 Funcionalismo

O funcionalismo é uma corrente linguística que se opõe ao estruturalismo e ao gerativismo e se preocupa com o estudo da relação entre estrutura gramatical e os diferentes contextos comunicativos em que a língua é usada. Nesse sentido, a

língua é concebida como instrumento de interação social, e por isso, analisa a relação entre linguagem e sociedade. Isso significa que o funcionalismo ultrapassa a forma gramatical, uma vez que se preocupa com a situação comunicativa que envolve determinada estrutura. "A abordagem funcionalista procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso." (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 157).

De acordo com Furtado da Cunha (2008), o funcionalismo linguístico se apóia no princípio de que a língua é um instrumento de comunicação e suas estruturas devem ser abordadas, levando em consideração tanto os processos de comunicação, como também o contexto de uso e a sua previsibilidade, bem como a frequência de uso de estruturas, em suma, o aspecto pragmático e o cognitivo. Nessa perspectiva, a sintaxe se subordina aos mecanismos semânticos, processados na mente do falante em situações comunicativas. Esse contexto de uso previsível considera a forma, o conhecimento, a experiência do usuário dessa forma, em outras palavras, leva em conta as questões sociais subjacentes ao uso realizado pelo falante da língua. No caso a estrutura VTD+se+SN serve para divulgar produtos e serviços nos espaços sociais abertos, escrita pelo usuário emissor e lida pelo usuário destinatário, isto é, existe um expositor e um receptor. Nessa perspectiva, segundo Traugott e Dassher (2005), pode-se dizer que há a finalidade de interação social que serve na prática, aos interesses dos interlocutores em suas interações cotidianas.

> Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 159).

Este trabalho apresenta dados que foram extraídos de contextos que são de uso real do PB, configurados na estrutura VTD+se+SN - razão pela qual, ele se embasa na perspectiva do funcionalismo. Essa linha de pensamento linguístico leva em conta os diferentes contextos comunicativos em que essa estrutura é usada, sendo esse uso da linguagem um instrumento de interação social, ainda que escrita. Há uma interação social nesse tipo de estrutura porque o usuário produz textos que provocam interesse em quem lê, seja porque ele busca um serviço ou produto, seja por entender um contexto comercial que pode influenciar sua vida na comunidade

A gramática funcional descreve as regras que envolvem a interação comunicativa, integrando-se a um modelo de usuário de língua natural, sendo uma atividade estruturada, controlada por regras da semântica, sintaxe, morfologia e fonologia, bem como por regras pragmáticas que configuram a interação verbal. A gramática funcional leva em consideração a competência comunicativa e organiza as línguas naturais "a uma teoria global de interação social". (MOURA, 2006, p. 15).

Para Moura Neves (2006), a gramática funcional constitui-se de uma teoria que organiza gramaticalmente as línguas naturais, integrando-as a uma teoria global que estabelece interação social. Essa organização considera a competência comunicativa. Trata-se de uma gramática que se concentra na capacidade que os falantes de uma língua possuem; refere-se ao ato de codificar e decodificar expressões, bem como usar tais expressões com função comunicativa, interpretando-as de maneira eficiente sob o prisma da interação social.

Meu objeto de estudo se encontra dentro dessa perspectiva funcionalista, porque envolve a estrutura da VPS e seu uso em um contexto social, pois trata-se de uma forma muito regular no seu uso para produzir anúncios populares de rua e de pequenos anúncios. Existem duas formas dessa estrutura circulando pela

sociedade: uma que percebe dois argumentos para o verbo transitivo direto utilizado nesse tipo de sentença; e outra, que vê apenas um argumento que está em conformidade com a gramática normativa. Para exemplificar essa situação de comunicação escrita, utilizo o verbo ***vender*** com os exemplos clássicos discutidos por vários linguistas:

(a) Vende-se casas.
(b) Vendem-se casas.

De acordo com a gramática normativa, (a) não se encontra em linguagem padrão porque não realizou a concordância com o SN plural posposto ao verbo, considerado sujeito nessa gramática. Entretanto, esse uso está presente no dia-a-dia dos falantes do PB. A sentença (b) está dentro das normas, e ainda há os falantes que as seguem. A sentença (a) está relacionada com uma situação em que alguém não determinado oferece um produto. O falante, inconscientemente, compreende que há uma pessoa ou uma imobiliária vendendo as casas, deduzindo assim que o SN não é o sujeito e portanto, não há necessidade de o verbo concordar com ele. Pode-se notar no uso da VPS que o sujeito não quer aparecer e por isso o falante o considera indeterminado. Ainda há a possibilidade de esse mesmo falante, que não realizou a concordância, vir a fazê-la por entender que há mais de uma pessoa vendendo, e não, por entender que o verbo concorda com o SN plural.

Givón (1995) mostra os princípios da visão funcionalista:

- A linguagem é uma atividade sociocultural;
- A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- A estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- Mudança e variação estão sempre presentes;
- O sentido é dependente e não-anatômico;

> - As categorias não são discretas;
> - A estrutura é maleável;
> - As gramáticas são emergentes;
> - As regras de gramática permitem algumas exceções. (GIVÓN, 1995, p. 78).

A partir desses princípios, a língua é entendida como uma atividade social, com estrutura mutável, sendo sujeita a influências externas.

Essa visão faz-me inferir que é possível abordar a VPS na visão funcionalista, uma vez que, em seu uso há a presença de alguns desses princípios: é uma atividade sociocultural (anunciar produto e serviço); possui funções cognitivas e comunicativas; tem o formato VTD + se + SN que faz uma analogia com o anúncio feito e por essa razão, é também icônico; há presença da variação do verbo em relação ao SN plural.

Para Lions (1981), essa linha de pensamento linguístico destaca a multifuncionalidade da linguagem, composta por funções importantes: expressiva, social e conativa, bem como, a descritiva, que contrasta com estas três funções.

> Em geral, podemos dizer que o funcionalismo em linguística tendeu a enfatizar o caráter instrumental da linguagem. Há, portanto, uma afinidade natural entre o ponto de vista do funcionalista e o do sociolinguista ou dos filósofos da linguagem que incluíram o comportamento linguístico e a noção mais ampla da interação social. (LIONS, 1981, p. 169).

Nessa linha de pensamento, Bybee e Hopper (2001) afirmam que a gramática é um processo emergente e variável, uma vez que depende do contexto de uso. Por isso, as formas linguísticas não são fixas na mente do falante, elas vão se configurando enquanto são usadas, podendo serem adaptadas conforme as necessidades do ato de comunicação. Nesse sentido, Bybee e Hopper, 2001) afirmam que as necessidades comunicativas surgem a partir do uso dos falantes

em situações de comunicação e a frequência de uso dessas formas, pode torná-las variáveis para análise linguística. A frequência e repetição do uso modificam e dão forma à linguagem.

Na perspectiva do funcionalismo, existe tendência à utilização de palavras ou expressões para se comunicar. "Os usos linguísticos seguem as motivações cognitivas e comunicativas, estruturando-se numa correlação natural icônica entre forma e função." A compreensão da linguística funcional ocorre considerando-se a língua como um sistema não arbitrário, com a interação de princípios icônicos e simbólicos na construção de sentidos. (SILVA; OLIVEIRA, 2009, p. 118).

Essa pesquisa utiliza dados que exemplificam o discurso escrito dos falantes, uma vez que uma das funções da estrutura VTD+se+SN é anunciar à sociedade produtos ou serviços demandados por um contexto de procura. Esse fato faz com que essa estrutura exerça uma comunicação com função social.

2.3.3 Variação e mudança

A trajetória de evolução fez da língua o que ela é hoje. Existem determinados usos da língua que se modificam com a frequência de uso, sendo esse fenômeno denominado variação, quando ocorre continuadamente; e mudança, quando a forma resultante se estabiliza, podendo se converter em norma.

Conforme Labov (2002), a variação linguística ocorre devido às variáveis estruturais (construções linguísticas) e não estruturais (contexto social). Essa perspectiva laboviana busca entender a língua no contexto em que ela é utilizada.

A variável linguística é definida por Labov como unidades linguísticas propícias a variações, consideradas por fatores estruturais e não estruturais. A língua é um produto social que reflete a dimensão social do falante. Os fatores linguísticos oferecem contextos de variação significativos. (LABOV, 1972, p. 164). Para Tarallo (2002, p. 7), variantes linguísticas são as diversas formas de se dizer a mesma coisa em um contexto, preservando o mesmo valor de verdade. Labov (2002) explica a variação por meio dos fenômenos sociais e tem o foco nas variáveis linguísticas e não nas variáveis sociais. Ainda assim, ele correlaciona contexto social e forma linguística com o objetivo de precisar, ao máximo, as condições de produção linguística e como elas são realizadas. O indivíduo "pode apenas ser entendido como produto de uma história social singular e como a interseção dos padrões linguísticos de todos os grupos sociais e categorias que definem aquele indivíduo". (LABOV, (2002, p. 34). Essas considerações labovianas deixam patente que saber uma língua não é tão somente conhecer formas, mas compreender como e em que condições elas são colocadas em uso.

De acordo com Labov (2008), a variação é inerente ao sistema linguístico e ela ocorre em todas as línguas naturais humanas, acontece na fala de uma comunidade e, até mesmo, na fala de uma mesma pessoa. Isto indica que sempre existiu e sempre existirá variação, independentemente de qualquer norma linguística. Assim, ao tratar da Língua Portuguesa fala-se de uma unidade constituída de muitas variedades.

Na perspectiva sociolinguística variacionista a língua é um sistema heterogêneo, sendo a variação e a mudança linguística inerentes a esse sistema, que recebe influência de fatores internos aos sistemas e devido a fatores sociais. A língua sob o ponto de vista sociolinguista é um organismo vivo, em constante

variação, tendo vínculo na estrutura social da comunidade que a usa. (LABOV,1972).

Essa visão mostra que os fatores linguísticos e extralinguísticos possibilitam variação e mudança linguística implementada pelos fatores sociais. Labov (1972) realizou um estudo na cidade de Nova York que correlaciona indicadores de classe social tais como status social, profissão, renda, educação, mostrando um caminho para se encontrar classe social. No entanto, esta pesquisa levou em conta apenas o critério utilizado pelo IPEA (2010) que é o da renda mensal do indivíduo.

Com relação à faixa etária, Labov (1972) sugere que ela pode ser associada a aspecto como mercado de trabalho. Na pesquisa levou-se em conta a adolescência, o adulto jovem e o adulto menos jovem, tentando acompanhar a fase de escolaridade que o informante deveria se tivesse uma trajetória acadêmica sem atraso. No que se refere ao gênero, o autor afirma que as mulheres tendem a usar mais as formas de prestígio do que os homens que usam menos as formas mais estigmatizadas. Ele associou a escolaridade a fenômenos linguísticos, concluindo que a forma padrão se relaciona aos índices mais altos de escolaridade .

Complementando essa perspectiva, Mollica (2003) afirma que o objetivo da sociolinguística é investigar o grau de estabilidade, ou a possibilidade de mudanças da variação, fazer um diagnóstico das variáveis dos usos linguísticos alternativos, prevendo se há comportamento regular e sistemático desses usos. A sociolinguística correlaciona aspectos linguísticos com fatores sociais, embasando-se na língua em uso.

2.4 Considerações finais do capítulo

Este capítulo foi dividido em três partes básicas: a a primeira apresentou a estrutura VTD+se+SN conforme a gramática tradicional. A segunda parte apresenta os autores que tratam essa estrutura como passiva impessoal ou ativa com indeterminação do sujeito, refutando que seja VPS. A terceira trata dos pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa: gramaticalização, funcionalismo e variação e mudança.

Os autores apresentados divergem com relação a voz verbal da estrutura pesquisada, os gramáticos tradicionais tratam a estrutura como voz passiva sintética, alguns tratam como voz passiva impessoal, ambas abordagens com sujeito paciente; e outros, tratam-na como voz ativa com sujeito indeterminado.

Foi possível perceber que o clítico ***se*** vem perdendo seu estatuto categorial. A pesquisa de campo vai indicar que esse clítico se incorpora ao verbo, reduzindo-se a desinência verbal.

3 MATERIAL E MÉTODOS

a) Descrição do material

Os dados aqui apresentados foram obtidos em três diferentes modalidades de pesquisa, a pesquisa de campo, a documental e a bibliográfica, resultando num *corpus* constituído de:

(I) testes avaliativos em forma de entrevistas semiestruturadas escritas, com falantes de Belo Horizonte não especialistas que possuam, no mínimo, oito anos de escolaridade ou cursando o 9º ano do ensino fundamental e com professores especialistas em Língua Portuguesa, oriundos de diferentes estados do Brasil;

(II) atividades de produção provocada realizadas de duas maneiras distintas, por alunos do 9º ano de uma mesma turma e consequentemente, de uma mesma escola, distribuídos em dois grupos de 100 participantes;

(III) registro de dados documentais recolhidos de dois tipos de fonte: anúncios expostos em placas e faixas encontradas em Belo Horizonte e em sua região metropolitana, bem como em jornais de maior circulação de três capitais de nosso país (Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro).

Na pesquisa de campo foram entrevistados dois grupos de informantes:

Um primeiro grupo foi formado por 200 falantes do PB com nível de escolaridade a partir do 9º ano do Ensino Fundamental , excluídos os professores de língua portuguesa. Os informantes são de Belo Horizonte e foram selecionados

pelos fatores sociais por meio de entrevista escrita semiestruturada que consta de um roteiro preparado previamente pelo pesquisador (anexo A).

Um segundo grupo de informantes foi formado por 25 professores de língua portuguesa selecionados de vários estados brasileiros. Parte dos informantes foi entrevistada pessoalmente, parte pelo correio eletrônico ou bate-papo digital. A modalidade da entrevista foi também semiestruturada como a do primeiro grupo, com mediação da pesquisadora, sem, contudo, a possibilidade de interação face a face no caso do e-mail ou bate-papo.

A entrevista semiestruturada, segundo Triviños (1987), favorece a descrição dos fenômenos sociais, facilita sua explicação e compreensão e tem a vantagem de poder ser modificada ou reconfigurada no decorrer da entrevista, permitindo o controle do fenômeno estudado e favorecendo a cientificidade da pesquisa.

A pesquisa documental constou de três tipos de documentos:

(i) Anúncios extraídos da seção Pequenos Anúncios de jornais de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, com que se procurou demonstrar o uso corrente na escrita das variantes linguísticas do verbo na estrutura VTD+se+SN plural. A escolha dos jornais deveu-se apenas à facilidade de acesso, sem qualquer outra conotação. São estes os jornais selecionados:

- **O Tempo** (2010-2012, totalizando 30 dias não seguidos, no formato impresso)
- **Estado de Minas** (2010-2012, totalizando 30 dias não seguidos, no formato impresso)

- **Folha de São Paulo** (dezembro de 2012, totalizando 30 dias corridos, no formato digital cedido por um amigo)

- **O Globo** (dezembro de 2012, totalizando 30 dias corridos, no formato digital cedido por um amigo).

(ii) 600 frases escritas por 200 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Pediu-se aos alunos, com ou sem instrução prévia sobre a estrutura da VPS, que redigissem um anúncio para encomenda de três faixas, utilizando verbos com SN plural predeterminados: *vender chácaras, alugar apartamentos, consertar calçadas*, e utilizassem obrigatoriamente ***-se*** depois do verbo. Cem alunos realizaram a tarefa após receberem as informações a respeito da VPS. A outra metade redigiu os anúncios sem essas informações.

(iii) 23 fotografias de placas, faixas e cartazes publicitários em que se documenta o uso do verbo no singular com SN plural. Desses anúncios, a maioria em áreas da capital Belo Horizonte, alguns em cidades da região metropolitana.

b) Exposição do método

A codificação dos fatores resultantes da pesquisa de campo gerou somente 200 dados, quantidade equivalente ao número de informantes. Os dados foram submetidos ao programa estatístico VARBRUL (*Variable Rules Analysis),* apropriado para o tratamento de questões sociolinguísticas com quantidades desproporcionais em relação aos fatores. O uso desse programa justifica-se porque dá o resultado em quantidade, porcentagem e significância de cada fator pesquisado em relação ao objeto da pesquisa, além de selecionar os fatores relevantes que favorecem a

produção do fenômeno pesquisado ou ainda eliminar aqueles que não o favorecem. É importante informar que os informantes responderam a entrevista por escrito.

O uso do programa VARBRUL deveu-se a uma motivação prática, qual seja a de elaborar tabelas e gráficos com as médias corretas, sem o perigo de utilizar cálculos equivocados, e ainda a possibilidade de aproveitar os dados quantitativos para realização da análise qualitativa.

Uma vez codificados e processados, os dados foram distribuídos em duas dimensões:

- **Variável:** a variável dependente: VTD+se+SN, cujas variantes são a ausência e a presença de plural.
- **Fatores Sociais**: gênero, faixa etária, escolaridade e classe social.

O material resultante da pesquisa documental foi coletado de pequenos anúncios de jornais e de fotografias de placas, faixas e cartazes de propaganda. Todo esse material consta de sentenças com VTD+se no plural ou singular e SN plural.

Resumindo, este trabalho utilizou cinco instrumentos de coleta de dados:

O primeiro consta de entrevistas sobre o fenômeno pesquisado com informantes que atendem a certos pré-requisitos que foram descritos inicialmente, estratificados segundo o gênero, faixa etária, escolaridade e classe social, seguindo os parâmetros do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), para identificar classes sociais. Os fatores sociais foram organizados da seguinte forma:

Quadro 2: Estratificação dos informantes

GÊNERO		FAIXA ETÁRIA		ESCOLARIDADE		CLASSE SOCIAL	
Masculino	Feminino	14 a 31 anos	Acima de 31 anos	Entre 7 e 8 anos de estudos	Mais de 8 anos de estudos	A B + favorecida	C D - favorecida

Fonte: Elaborado para esta pesquisa

Os questionários para as entrevistas foram elaborados de acordo com a tabela do IPEA, que classifica a população brasileira, econômica e socialmente, conforme a renda mensal, em cinco classes: A, B, C, D, E. (Quadro 2)

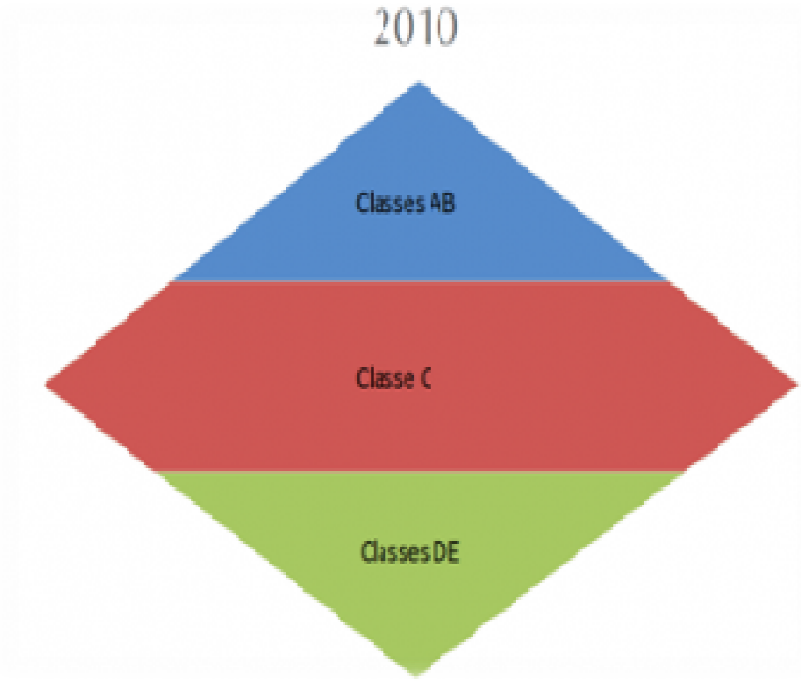
Quadro 3: Renda mensal do brasileiro

Classe	Renda Média (por pessoa)		Renda Família (4 pessoas)		% pop
	Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo	
Classe A 1	R$ 9.733,47		R$ 38.933,88		1%
Classe A 2	R$ 6.563,73	R$ 9.733,47	R$ 26.254,92	R$ 38.933,88	4%
Classe B 1	R$ 3.479,36	R$ 6.563,73	R$ 13.917,44	R$ 26.254,92	9%
Classe B 2	R$ 2.012,67	R$ 3.479,36	R$ 8.050,68	R$ 13.917,44	15%
Classe C 1	R$ 1.194,53	R$ 2.012,67	R$ 4.778,12	R$ 8.050,68	21%
Classe C 2	R$ 726,26	R$ 1.194,53	R$ 2.905,04	R$ 4.778,12	22%
Classe D	R$ 484,97	R$ 726,26	R$ 1.939,88	R$ 2.905,04	25%
Classe E	R$ 276,70	R$ 484,97	R$ 1.106,80	R$ 1.939,88	300%

Fonte: ABEP - Associação Brasileiras de Empresas de Pesquisa (2008)

A classificação da população brasileira em classes sociais de acordo com a renda mensal por pessoa ou pela família qualifica o indivíduo, economicamente, como rico, pobre ou indigente. Os da classe A e B são os ricos; a classe C é a dos pobres e as classes D e E abrigam os indigentes, como mostra o gráfico 1:

Gráfico 1: Classes sociais brasileiras



Fonte: IPEA (2010)

Os dados coletados nas entrevistas foram organizados como **variáve**l e **variantes**, distribuídas por fatores linguísticos e sociais, codificados e processados no programa VARBRUL/GOLDVARB X (2001) atualização 2007 para Windows (Robinson; Lawrence.; Tagliamonte, 2001), para procedimento da análise quantitativa e qualitativa.

A partir da abordagem sociolinguística, a variável linguística se configura da seguinte forma:

(I) Frases com a estrutura VT+se+SN com verbo no plural e SN plural;
(II) Frases na voz passiva com verbo no singular e SN plural.

Os fatores sociais foram os seguintes, conforme quadro 2:

(III) Gênero;
(IV) Faixa etária;
(V) Escolaridade;
(VI) Classe social.

O segundo instrumento para coleta de 25 dados extraídos as entrevistas semiestruturadas aplicadas a professores de língua portuguesa para saber a percepção que eles têm sobre a estrutura VTD+se+SN plural, em uma análise quantitativa e qualitativa.

Já o terceiro instrumento são atividades realizadas pelos estudantes do 9º ano que geraram 600 dados, possibilitando uma análise quantitativa de 600 e qualitativa.

Quanto ao quarto instrumento são os anúncios de jornais que analisei qualitativamente, pois não os quantifiquei por não ser possível controlar quando e quanto a estrutura pesquisada seria usada.

Por fim, o quinto instrumento são fotografias de placas, faixas e cartazes cuja análise foi qualitativa porque não quantifiquei devido à dificuldade de delimitar os espaços onde encontraria sentenças com a estrutura pesquisada..

4 RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 Entrevistas semiestruturadas

A análise dos dados foi quantitativa e qualitativa, e teve como suporte os dados encontrados nos registros coletados nas entrevistas realizadas com os informantes, levando em conta o tempo de escolaridade e o entendimento que eles têm a respeito do uso da VPS, bem como a da função do clítico ***SE*** e do **SN** posposto que faz parte da configuração dessa estrutura linguística.

Como mencionado no capítulo 3, as entrevistas foram semiestruturadas e possibilitaram a interação com os informantes e foram fundamentais para a análise qualitativa. Nesse tipo de entrevista, as perguntas podem ser reformuladas no momento de sua realização para melhor entendimento ou contextualização dos questionamentos feitos aos informantes. Além disso, através delas, foi possível esclarecer os pontos que julguei necessários.

O programa utilizado para tratar os dados quantitativos foi o VARBRUL que realiza um processo multivariado, calculando a média de quantidades dispares de dados por fatores, indicando se o fator favorece a ocorrência do fenômeno pesquisado, além de facilitar a elaboração de tabelas e gráficos para análise.

As variantes linguísticas presentes na estrutura pesquisada são as variantes singular e plural referentes à estrutura pesquisada e foram processadas no VARBRUL em interação com os fatores sociais. Cada informante forneceu apenas um dado relacionado à variável, por isso a quantidade de dados é igual à de entrevistados, ou seja, duzentos dados distribuídos entre as duas variantes.

Após rodar os dados no Programa VARBRUL/GOLDVARB, verifiquei que ele eliminou todos os fatores, indicando que eles não favorecem a variação da estrutura estudada e compreendi que ele não é adequado para eu analisar dados coletados de questionário somente com as variáveis referentes aos fatores sociais, pois não há variáveis linguísticas para influenciar o uso da VPS com ou sem a concordância verbal. Provavelmente, seriam necessários fatores linguísticos contextuais que favorecem o fenômeno pesquisado para processar os dados. Por esse motivo, cada informante fornece apenas um dado para ser tratado nas discussões. Foram utilizados somente 200 dados, fornecidos por 200 informantes. Entretanto, como o programa mencionado dá o resultado por porcentagens e interações entre os fatores, ele foi útil para eu apresentar os dados da forma que fiz.

Avaliei a utilidade do programa para a apresentação dos dados, porque fornece as porcentagens, que possibilitaram a realização da análise qualitativa, tendo como referência os dados quantitativos.

A estrutura VTD+se+SN possui duas variantes verbais, singular e plural, para o mesmo SN plural e foi codificada conforme o quadro 4.

Quadro 4: Variável estrutural: flexão de número da VPS

Variantes da variável	**Codificação**
Presença de marca não padrão	**S –** singular
Presença de marca padrão	**P –** plural

Fonte: Dados da pesquisa

As figuras 1e 2 exemplificam a variável estrutural, elas não fazem parte dos dados, mas foram usadas na entrevista semiestruturada para a observação do informante:

Figura 1 - Presença de marca não padrão (singular)

Fonte: Foto da autora

Figura 2 - Presença de marca padrão (plural)

Fonte: Foto da autora

As figuras 1 e 2 são exemplos das variantes pesquisadas, utilizadas por empresas do mesmo ramo. Tanto na primeira quanto na segunda, o SN está no plural e os anúncios foram produzidos com duas variantes.

A variável social possui quatro fatores codificados no quadro 5.

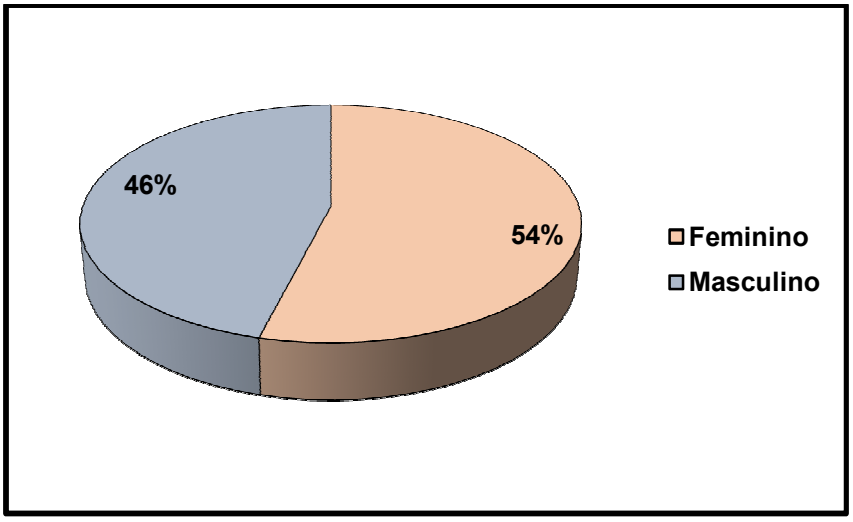
Quadro 5: Fatores sociais

Fatores sociais	**Codificação**
Gênero	**M -** masculino **F-** feminino
Faixa etária	**J -** 13 a 30 anos **V -** de 31 anos acima
Escolaridade (anos de estudos)	**X -** Entre 7 e 8 anos **Y -** Acima de 9 anos
Classe social	**Z -** menos favorecida **R -** mais favorecida

Fonte: Dados da pesquisa

Dos 200 informantes da pesquisa, noventa e dois são homens e cento e oito são mulheres, conforme o gráfico 2.

Gráfico 2 - Informantes que participaram da pesquisa

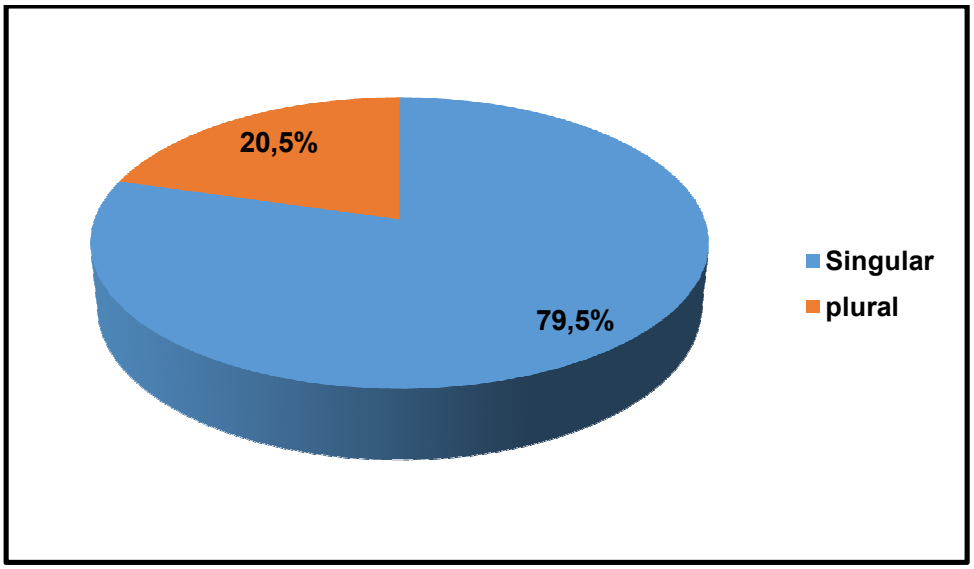


Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados mostram que a porcentagem de informantes do gênero feminino é maior que do masculino, mas essa diferença quantitativa não dificulta calcular os dados, porque o programa estatístico utilizado processa dados multivariados. Sobre a análise de dados que se encontram nessas condições, Guy e Zilles (2007) afirmam que, em uma distribuição desigual dos dados, os resultados são mais precisos em uma análise multivariada, uma vez que o programa utilizado, simultaneamente, computa o efeito de uma variável e controla o efeito de todas as outras variáveis envolvidas no processo.

Assim, o processamento dos dados por esse método resolveu o problema da pequena diferença na quantidade de informantes e auxiliou na elaboração dos gráficos e tabelas.

Gráfico 3 - Aplicação da variante por todos os informantes



Fonte: Dados da pesquisa

Conforme os dados coletados, 159 informantes entenderam que usam o verbo no singular com o SN plural e 41 responderam que o verbo para esse mesmo SN deve ser usado no plural. De acordo com o gráfico 3, a maioria dos falantes não faz a concordância quando o SN posposto ao VTD + ***se***, está no plural, evidenciando que o falante não tem em mente que o SN posposto seja o sujeito do verbo que o antecede.

4.2 Fatores sociais

Os resultados relacionados com os fatores sociais são o gênero, a faixa etária a escolaridade e a classe social, como a seguir se expõe.

4.2.1 Gênero

Tabela 1 - Gênero

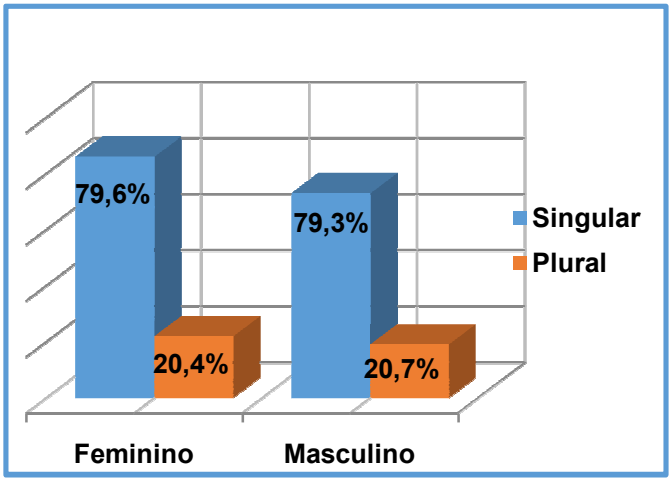
GÊNERO	SINGULAR	%	PLURAL	%	TOTAL	%
Feminino	86	79.6	22	20.4	108	54,0
Masculino	73	79.3	19	20.7	92	46.0
TOTAIS	159	79.5	41	20.5	200	

Fonte: Dados da Pesquisa

Tanto o homem quanto a mulher usam o verbo no singular com o SN no plural na VPS. A tabela 1 mostra que os dados em porcentagem apresentam pouca diferença entre si.

Apesar da proximidade numérica, em termos de porcentagem, os dados indicam que as mulheres usam mais a forma no singular, o que não está de acordo com Labov (1972) para quem, em casos de variação estável, as mulheres tendem a utilizar mais as formas de prestígio, isto é, a língua padrão.

Gráfico 4 - Gênero



Fonte: Dados da Pesquisa

4.2.2 Faixa etária

Tabela 2 - Faixa Etária

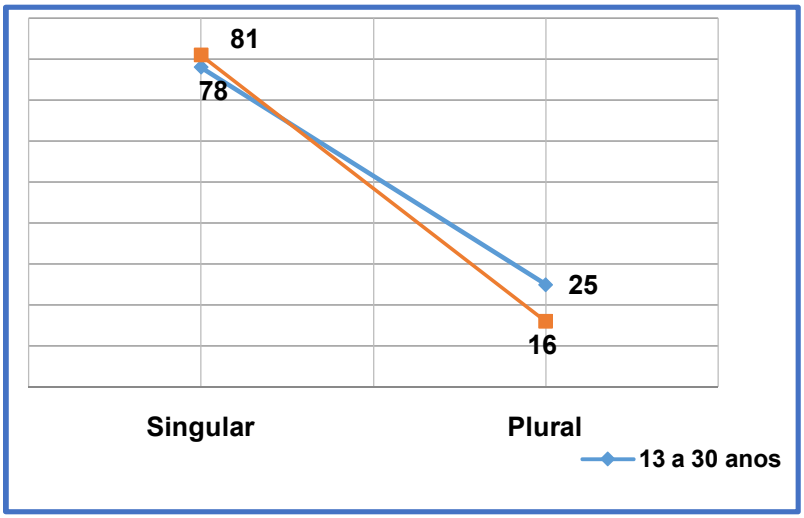
FAIXA ETÁRIA	SINGULAR	%	PLURAL	%	TOTAL	%
13 a 30 anos	78	75.7	25	24.3	103	51.5
31em diante	81	83,.5	16	16.5	97	48.5
TOTAIS	159	79.5	41	20.5	200	

Fonte: Dados da Pesquisa

A tabela 2 mostra que tanto os mais jovens quanto os mais velhos tendem a não usar o verbo no plural com o SN plural posposto ao VTD com o pronome ***se*** classificado nas gramáticas como apassivador.

O gráfico 5 visualiza essa constatação e mostra um tímido caminho para o uso padrão da VPS na faixa etária mais jovem.

Gráfico 5 - Faixa etária



Fonte: Dados da Pesquisa

4.2.3 Fator escolaridade

O fator escolaridade é usado nas pesquisas para identificar a influência que a escola exerce sobre os falantes, com vistas a perceber variante padrão ou de prestígio. Essa pesquisa encontrou uma pequena elevação do uso não-padrão entre os menos escolarizados. Os dados estão na tabela a seguir:

Tabela 3 - Escolaridade

ESCOLA-RIDADE	SINGULAR	%	PLURAL	%	TOTAL	%
Entre sete e oito anos	71	85.5	12	14.5	83	41.5
Acima de oito anos	88	75.2	29	24.8	117	58.5
Total	159	79.5	41	20.5	200	

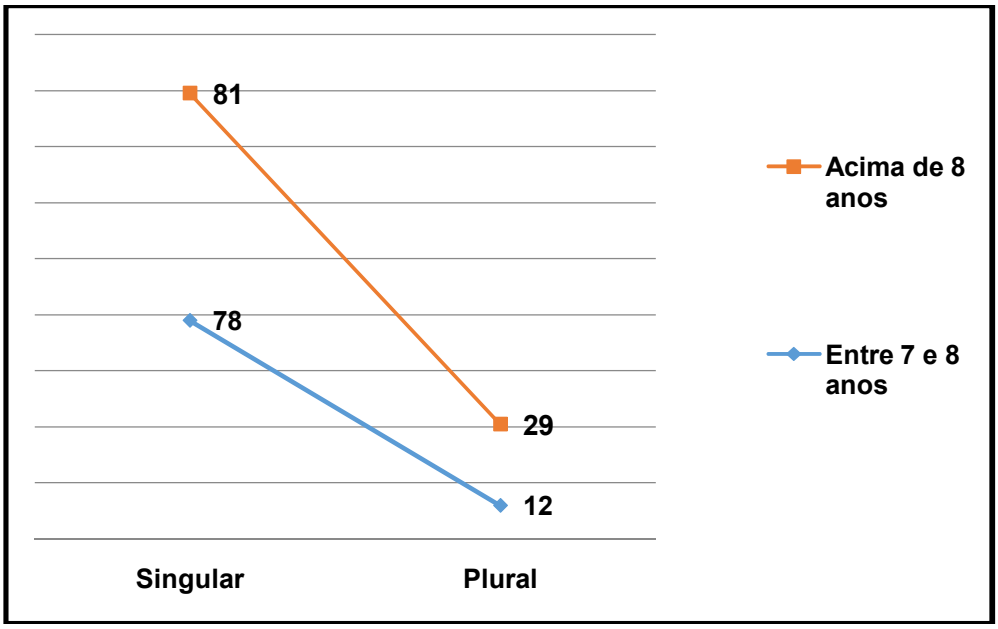
Fonte: Dados da Pesquisa

A porcentagem de informantes entre sete e oito anos de escolaridade, que usam a VPS sem a concordância é relevante. A frequência de uso do singular pelos falantes com menos tempo de escolaridade, em termos de porcentagem, evidencia que os menos escolarizados tendem a produzir a forma não padrão, pois a maioria usa o verbo no singular com o SN plural.

O falante com sete ou oito anos de escolaridade encontra-se em um momento de estudos que incluem o da VPS. Mesmo estando inserido na escola, e

por isso, ter seu uso controlado pela gramática normativa, utilizada na sala de aula, a maior parte dos falantes com esse tempo de escolaridade não realiza a concordância padrão.

Gráfico 6 - Escolaridade



Fonte: Dados da Pesquisa

No início do tratamento dos dados, percebi a predominância da falta de flexão de número na VPS nas respostas dadas pelos informantes de qualquer escolaridade. No entanto, os informantes com maior escolaridade utilizam mais a forma padrão, como indicado pelo gráfico.

É importante apresentar o total de informantes com EF, combinando a faixa escolaridade com faixa etária na aplicação do fenômeno.

Tabela 4 - Informantes com Ensino Fundamental

Faixa Etária	Total	Singular	%	Plural	%
- de 24 anos	42	30	71.0	12	29.0
+ de 24 anos	39	36	92.0	3	8.0
Total	81	66	81.0	15	19.0

Fonte: Dados da Pesquisa

Os dados da tabela 4 não foram rodados no VARBRUL, selecionei apenas os informantes com Ensino Fundamental associado a faixa etária. Dentro desse universo, os mais jovens usam mais a forma padrão, provavelmente, por ainda estarem inseridos na escola e evidenciam que os informantes com mais idade a usam menos.

Entretanto, no total de informantes da pesquisa processados no VARBRUL onde se insere informantes do Ensino Fundamental, Médio e Superior, aqueles que têm mais escolaridade tendem a usar mais a forma de prestígio.

4.2.3 Classe social

O fator classe social não influencia a falta de plural do verbo em relação ao SN plural da VPS, porque os informantes das duas classes pesquisadas tendem a não utilizá-lo, embora os informantes da classe mais favorecida usem mais a forma não padrão, conforme mostram os dados da tabela a seguir.

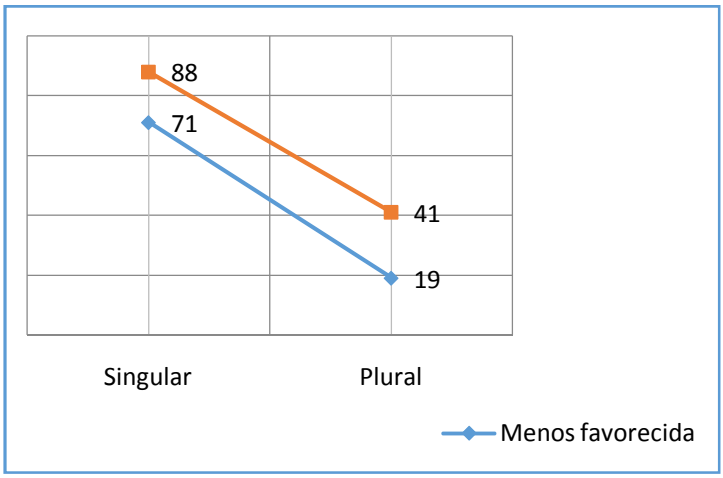
Tabela 5 - Classe social

CLASSE SOCIAL	SINGULAR	%	PLURAL	%	TOTAL	%
Menos Favorecida	71	78.9	19	21.1	90	45.0
Mais Favorecida	88	80.0	22	20.0	110	55.0
Total	159	79.5	41	20.5	200	

Fonte: Dados da pesquisa

Definir classe social é uma tarefa muito difícil e gera muitas controvérsias, por isso optei por utilizar o critério adotado pelo IPEA devido ao seu caráter oficial. Como foi informado na metodologia, esse instituto leva em conta somente a renda familiar ou individual média para caracterizar as classes sociais brasileiras. Analisar uma variável linguística sob o prisma do fator classe social resgata outras questões sociais como escolaridade, por exemplo. Foi preciso agrupar as classes sociais para processar os dados no programa, pois o tratamento de dados multivariado exige o preenchimento de todos os grupos de fatores.

Gráfico 7 - Classe social



Fonte: Dados da Pesquisa

Os informantes foram agrupados em classes "mais favorecida" (classe A e B) e "menos favorecida" (classe C e D). Não foram entrevistados informantes da classes E, classificados como indigentes pelo IPEA. Foi necessário distribuir as classes sociais em dois grupos porque no caso de indigentes (classe E), não há dados e há uma quantidade insuficiente na classe D. Por isso, os informantes das classes C e D foram agrupados dessa forma. Os dados do gráfico mostram que em todas as classes sociais a maioria dos falantes usam o verbo no singular com SN plural, uma vez que a diferença entre elas é ínfima.

4.3 Questionário semiestruturado

Os dados coletados no questionário foram categorizados conforme alguns aspectos linguísticos observados. Não foi possível utilizá-los no VARBRUL por não se tratar de situações de contextos favorecedores do fenômeno pesquisado.

Questão 1

Esta questão apresentou duas sentenças para o informante indicar qual delas estava correta, na opinião dele e por qual motivo. As sentenças são:

( ) Vende-se casas. ***( ) Vendem-se casas.***

Tabela 6 - Respostas da Questão 1

Respostas	Aplicação	%
Primeira sentença (Vende-se casas)	159	79.5
Segunda sentença (Vendem-se casas)	41	20.5
Total	200	

Fonte: Dados da pesquisa

As justificativas dos informantes para suas respostas foram as seguintes:

Tabela 7 - Justificativas da Questão 1

Item[5]	Informante nº	Justificativa[6]
(1)	10	*O sujeito é SE, mas é plural. Não sei o motivo.*
(2)	11, 12, 64,76, 86, 118, 120	*Aprendi assim, o SE concorda com o verbo no singular e o sujeito é indeterminado.*
(3)	13, 14, 16, 19, 29, 30, 46, 50, 53, 57, 63, 68, 71, 73, 75, 90, 91, 92, 94, 102, 106, 109, 110, 112, 117, 169	*'Casas' está no plural. Casas é o sujeito.Tem mais de uma casa.*
(4)	21, 113, 121, 162	*Alguém está vendendo mais de uma casa.*
(5)	22	*Singular, o verbo concorda com quem vende*
(6)	23, 85	*Plural. É porque casas são vendidas e o são está no plural.*
(7)	24	*Plural. Porque os dois estão no plural.*
(8)	27	*Tenho por mim que vende-se significa é vendido pelo fato de ser verbo transitivo direto e acho que está na voz passiva. Agora, se é singular ou plural, não sei*
(9)	28, 87	*O verbo concorda com o substantivo.*
(10)	31, 45, 58	*Porque deixa a frase mais correta. O vendem-se ajuda a frase ficar mais correta. (31)*
(11)	33	*As duas alternativas são modos diferentes de escrever o mesmo significado e sentido.*

[5] Esse subtítulo refere-se a comentários feitos pelos informantes.

[6] Os informantes produziram respostas parecidas às apresentadas.

(12)	34	*Acho que é o mesmo modo de falar outra frase.*
(13)	35, 48,49, 60, 69, 111, 115, 116, 122, 131, 136, 140, 149, 159	*Não justificaram.*
(14)	36, 39, 70	*Parece que as duas formas estão corretas porque vende-se casas= pode significar que 1 pessoa está vendendo mais de uma casa e vendem-se casas = várias pessoas vendem casas. (36)*
(15)	80	*As duas formas estão corretas, depende do tanto de gente que está vendendo.*
(16)	37, 40	*Porque não se falam vendem-se. Nas placas vejo somente no singular.*
(17)	38	*Plural. Por ser voz passiva, por isso concorda com o sujeito 'casas'.*
(18)	42, 47	*Porque eu acho que a frase vendem-se casas não é errado mas é esquisito na hora da fala.(42)*
(19)	51	*A princípio para concordar com o sujeito da frase. Assim, qualquer uma das alternativas estaria correta caso se conhecesse o sujeito.*
(20)	55, 152	*É a que mais vejo nas placas.*
(21)	56, 59, 67, 77, 82, 104, 114, 130, 135, 145	*Só sei que não sei explicar.*
(22)	54, 57, 124, 127, 133, 134, 139, 147, 151, 158, 166, 167	*Plural. É mais correto. A gramática é assim.Aprendi assim.*
(23)	61	*Nossa respondi errado. Mas para mim português é certo a partir do momento em que eu falo e você entende.*

(24)	01, 02, 15, 17, 18, 20, 25, 26, 32, 41, 43, 44, 52, 84, 101, 103,107, 108, 132, 138, 141, 144, 146, 168	*Singular, pois apenas uma pessoa vende as casas.*
(25)	03, 04, 09	*Singular porque o SE é singular e é o sujeito.*
(26)	05, 06, 105, 119, 128	*Alguém vende, e por isso, é singular. Não se sabe quem é o sujeito.*
(27)	07	*Qualquer uma das duas, depende da quantidade de gente vendendo as casas.*
(28)	08	*Plural, as casas estão sendo vendidas.*
(29)	62, 142, 153	*Espero ter acertado porque quem anuncia a venda é uma pessoa ou imobiliária.*
(30)	65	*Acho que é pegadinha. Sou horrível em gramática quando você fala no singular é como se você precisasse vender sua casa. Acho que esse tipo de frase me fez "viajar na maionese" viajei.*
(31)	66	*Porque casas é o sujeito da oração, elas são vendidas (me parece correto, embora vende-se casas parece correto também).*
(32)	72	*Porque se fosse vendem-se seria mais de uma pessoa vendendo. Não sei explicar gramaticalmente agora. Eu teria que consultar a gramática e você disse que é para responder de pronto.*
(33)	74	*Na verdade acho que as duas estão certas, mas eu usaria a 1ª. , no singular. Agora, o porquê não sei.*
(34)	78, 129, 148	*O verbo concorda com casas, pois elas são vendidas. O sujeito é oculto.*
(35)	79	*Singular. O verbo concorda com o predicado.*
(36)	81	*Nesse caso não pode colocar o verbo no plural.*

(37)	83	*Acho que se for uma imobiliária posso colocar no plural. Se for particular é no singular. ... mas não tenho certeza.*
(38)	88	*Você pegou pesado. Porque o sujeito é indeterminado não pode ser conjugado pelo objeto direto casas, certo?*
(39)	89	*Porque vendesse é com dois S todo mundo escreve assim.*
(40)	93, 143	*Vejo sempre assim.*
(41)	95	*Porque o verbo nesse caso não se modifica. (achismo)*
(42)	96	*Concordância, concorda com o objeto. Casas = plural, verbo no plural.*
(43)	97	*Acredito que alguém vende ou naquele lugar vende-se.*
(44)	98, 126	*Singular. Soou melhor para mim.*
(45)	99	*Tenho que olhar o novo acordo ortográfico para saber.*
(46)	100	*Plural. Porque se fizer o contrário de "casas são vendidas" e não as casas é vendida.*
(47)	123	*Singular. Falamos assim.*
(48)	125	*Singular. Casas é objeto e não gente, então há uma pessoa por traz desse anúncio.*
(49)	137, 163	*Singular. A imobiliária é uma só. Não aparece seu nome.*

(50)	156	*Singular. O verbo concorda com o sujeito que não foi expresso.*
(51)	154, 155, 160	*O sujeito está no singular.*
(52)	157	*Complicado explicar. Não sei qual está correto. Porque como não se sabe quem está falando me parece ser o correto não definir, deixar claro, que é mais de um grupo ou pessoa que quer vender.*
(53)	161	*Singular. Existe uma pessoa por trás do verbo.*
(54)	164	*Plural. Para atender à gramática.*
(55)	165	*Plural. Aprendi assim.*
(56)	166	*Singular. É um dono só.*

Fonte: Dados da pesquisa

As justificativas dos informantes foram várias. Alguns não conseguiram justificar, mas, ao que parece, mostraram compreender que existe algo que se vende, expresso por um modelo de estrutura muito utilizada na sociedade para anunciar produtos ou serviços. As amostras dos informantes agrupados nos itens (1), (2), (7) e 25 exemplificam o estado de desinformação de alguns informantes:

- Em (1) e 25, os informantes demonstraram certeza de que o sujeito é o pronome ***se***, mas não sabe o porquê.
- Em (2), os informantes aprenderam na gramática que o ***se*** concorda com o verbo, mas o sujeito é indeterminado.
- No item (7), o informante dá uma explicação circular: é plural, porque verbo e SN estão no plural.

Questão 2

A questão 2 pediu que o falante identificasse o sujeito dessas sentenças.

Tabela 8 - Respostas da Questão 2

Sujeito da sentença	Respostas	%
casas	38	19
ele	9	4,5
eles	15	7,5
alguém	130	65
eu	05	2,5
se	03	1,5
total	**200**	

Fonte: Dados da pesquisa

A maioria dos informantes compreende que o sujeito da sentença é alguém. Ao utilizar um pronome indefinido para preencher a posição de sujeito, grande parte mostrou entender que há um agente que não é determinado e compreende que se trata de um sujeito indeterminado. Alguns que consideram o pronome *ele* ou *eles* como sujeito, entenderam que o sujeito é oculto, dizendo que há uma ou mais pessoas físicas, ou ainda, que o alguém é uma imobiliária e isso justifica a singularidade do verbo.

Questão 3

Nesta questão o informante definiu a função sintática da palavra *casas*.

Tabela 9 - Respostas da Questão 3

Função sintática de casas	**Repostas**	**%**
sujeito	46	23
Complemento do verbo vender	154	77
total	**200**	

Fonte: Dados da pesquisa

Para a maioria dos falantes, o SN *casas* é complemento verbal, isto é, um OD e não sujeito. Isso se deve ao fato de que esses falantes entendem que, por trás do sujeito paciente, subentende-se um agente, ainda que não explícito. O verbo vender é atribuído a um agente (+ humano).

As respostas evidenciam que o falante não aceita essa suposta equivalência.

Questão 4

Esta questão solicitou ao **informante** a função do clítico ***se***.

Tabela 10 - Respostas da Questão 4

Função do clítico se	Respostas	%
Sujeito	37	18
Complemento do verbo vender	60	30
Pronome incorporado ao verbo	103	52
Total	**200**	

Fonte: Dados da pesquisa

Houve quem respondesse que o ***se*** é sujeito, para outros o ***se*** é complemento do verbo e a maioria disse que o ***se*** faz parte do verbo, isto é, está incorporado a ele, sendo que alguns destes informantes disseram que o sujeito está oculto ou indeterminado devido ao uso do **se**.

Questão 5

Nesta questão o informante indicou em quais tipos de texto essa estrutura é usada:

Tabela 11 - Respostas da Questão 5

Uso da VPS	Respostas	%
Produção oral	29	14
Produção escrita	157	79
Produção oral e escrita	14	7
Total	**200**	

Fonte: Dados da pesquisa

A quase totalidade dos informantes entendeu que a VPS é utilizada na linguagem escrita.

Questão 6

A questão 6 pediu ao informante que indicasse a função desse tipo de sentença.

Tabela 12 - Respostas da Questão 6

Função comunicativa da VPS	Respostas	%
Anunciar produtos e serviços	175	74.0
Omitir o sujeito	25	26.0
Total	**200**	

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com a maioria das respostas, a VPS atende mais ao propósito comunicativo de anunciar produtos e serviços. Os informantes se preocuparam mais com a função de comunicação real do que com a estratégia de indeterminar o sujeito.

Questão 7

Esta questão pediu que se **informasse** qual a voz verbal.

Tabela 13 - Respostas da Questão 7

Voz verbal	**Respostas**	**%**
Ativa	59	29,5
Passiva	36	18
Não responderam	105	52,5
Total	**200**	

Fonte: Dados da pesquisa

A maior parte dos informantes não respondeu à questão. A maioria daqueles que responderam disse que a sentença está na voz ativa. Os resultados dão suporte ao fenômeno estudado.

Questão 8

O informante teve a oportunidade de falar como ele se sentiu quando respondia a esta pesquisa.

Tabela 14 - Justificativas da Questão 8

(57)	01	*Penso que o SE é pronome que substitui o sujeito.*
(58)	02, 04, 06, 10, 11, 19, 20, 22, 25, a 49,52 a 56, 59, 60, 66, 76, 93,111,115, 122, 127, 131, 133, 137, 138, 142, 146, 150	*Não quis dizer.*

(59)	03, 116	*Não sei ao certo quem é o sujeito, mas sei que há uma pessoa por traz desse verbo.*
(60)	05, 89, 90, 123, 124, 134, 159, 160	*É difícil analisar esta frase. Não tenho certeza se respondi corretamente.*
(61)	07	*Senti muita dúvida ao responder, primeiro marquei singular e depois o plural. Não se sabe se é uma ou são mais pessoas vendendo. Fiz intuitivamente porque não tenho certeza.*
(62)	08	*Este é um caso em que se pode inverter a frase para: as casas são vendidas.*
(63)	09	*O SE é o alguém que vende as casas.*
(64)	12, 15, 23, 24	*O SE é o sujeito, mas como não dá para saber quem, ele é indeterminado.* *O sujeito é indeterminado por causa desse SE que não sei bem sua função.* *O SE completa a frase.*
(65)	13	*Voz passiva com pronome e o que vem depois do verbo é sujeito.*
(66)	14	*O sujeito é indeterminado e o SE indica indeterminação do sujeito.*
(67)	17	*Quando vejo este tipo de estrutura, penso que por trás há alguém vendendo as casas. Não se sabe quem é o sujeito*
(68)	18	*Comunicação clara e objetiva.*
(69)	21	*O sujeito está oculto.*
(70)	50	*A estrutura desse tipo de frase deixa o leitor com dúvidas, pois, vendem-se casas tanto pode ser o eu quem vendo e muitas casas ou eles que vendem muitas casas; como pode ser alguém que está vendendo casas e não aparece na oração.*
(71)	56	*Não conheço detalhadamente o propósito do estudo, mas creio que as muitas dúvidas que surgem quando da utilização da voz passiva são relativas ao entendimento da estrutura sujeito + verbo + complemento.*

(72)	57	*Queria aprender a estrutura gramatical, focalizando a produção de texto. Praticar o verbo é muito importante para o surdo.* [7]
(73)	58, 86, 87, 101, 107, 112, 120, 156,165	*Tenho dúvida sobre esse assunto, vejo frase desse tipo no singular e no plural como nos exemplos perguntados, mas prefiro a forma do singular.*
(74)	61	*Acho que pessoas como eu, trabalham muito, colhem menos informações escritas e mais informações visuais e auditivas, e assim, perdemos um pouco da gramática cotidiana.*
(75)	62	*Se as duas formas estão corretas, e estão, vai depender de quem anuncia. Ainda assim, tenho minhas dúvidas a esse respeito.*
(76)	63	*Acho que o português é visto pelos falantes como algo obrigado pela escola e não como cultura. Fazemos um tratamento errôneo da língua porque não sabemos ao certo as formas corretas. Para dizer a verdade, eu sou uma entre esses falantes, não me lembro mais de gramática.*
(77)	64	*Vou pelo tino, as regras da gramática a gente esquece.*
(78)	65	*Não sei justificar, só sinto que está errado ou não. Tenho dúvida que a própria gramática causa.*
(79)	67	*As primeiras perguntas foram fáceis porque vemos essas frases escritas em nosso dia-a-dia, mas explicar foi difícil porque faz tempo que não estudo, acabei esquecendo.*
(80)	68, 78, 83, 84, 88, 94, 100, 161, 163	*Tive muita dificuldade para responder, não consigo entender esta frase.* *Fiquei apertado para responder me senti um aluno que não aprendeu a lição.* *[...] mesmo estando pronta para ir para a faculdade, não sei gramática direito.*

[7] A informante 57 é surda.

(81)	69, 70, 91, 92, 95, 99, 168	*Senti inseguro para responder porque vejo nas placas as duas formas.* *Não tenho certeza de nada.*
(82)	71	*Este tema do português é um tanto quanto confuso. Tal confusão é validada pelo ato de se identificar o real sujeito da frase. Portanto, esta questão deve ser melhor aprofundada pelos estudiosos, de forma tal que se esclareça o tema.*
(83)	72	*Acho que as duas estão corretas. Ao longo das perguntas fui refletindo e cheguei a esta conclusão, apesar de ter respondido que era somente o primeiro exemplo.*
(84)	73, 103, 113, 145	*Eu me senti mal ao responder as perguntas porque não sei muitas regras que regem a língua.*
(85)	74, 77, 81, 82, 85, 97, 135, 114	*Vi que se eu quiser passar em algum concurso, tenho que estudar português.* *Não sei gramática.*
(86)	75, 79	*Gostei de responder as perguntas, tive dúvidas, mas ao longo das perguntas, descobri caminhos. Senti incomodado ao ver que tenho dúvida em algo aparentemente simples.*
(87)	96, 98, 105, 109, 110, 117, 118, 119, 121, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 139, 140, 141, 144, 147, 148, 149, 151 a 154, 158, 166, 167, 169	*Eu me senti muito à vontade em responder, pois considero importante conhecermos detalhes da língua que falamos.*
(88)	102, 106	*Tive dúvida com relação à voz verbal. Não sei o que é voz.*
(89)	108	*Fiquei sem saber se tem sujeito ou não, então me senti mal.*
(90)	143	*Fiquei pensando se o sujeito é indeterminado por meio do SE.*
(91)	155	*Fiquei sem saber se o SE é pronome que substitui o sujeito, mas nesta frase parece que sim.*
(92)	157, 164	*Gostei de respondê-la. Sinto que preciso aprender muito sobre a Língua Portuguesa. Sei que sei pouco, mas acredito também, que a principal função da Língua Portuguesa é comunicar.*
(93)	162	*Fiquei em dúvida se o sujeito é oculto ou indeterminado. Tenho que estudar português.*

Fonte: Dados da pesquisa

As respostas dos informantes mostram a dificuldade para explicar a estrutura da VPS. Parte deles respondeu sem ter certeza. Ao responder, grande parte mostrou-se incomodada e pôde levar consigo questionamentos. Alguns, ao invés de responder, queriam saber (a) se a estrutura tem ou não sujeito; (b) se o sujeito é indeterminado ou oculto; outros diziam que (c) percebiam o se como sujeito indeterminado; (d) achavam que precisavam de estudar português; (e) sentiam-se bem ou mal diante da questão; enfim, (f) que teriam outras dúvidas.

4.4 Professores de língua portuguesa

Foram entrevistados 25 professores de Língua Portuguesa, sendo 5 doutores, 7 mestres e 13 graduados; 1 de Barra de Bugres MT; 7 de Belo Horizonte MG; 2 de Brasília DF; 2 de Cabo Frio RJ; 3 de Contagem MG; 1 de Fortaleza CE; 1 de Itabira MG; 1 de Jacobina BA; 1 de Maceió AL; 1 de Ribeirão das Neves MG; 1 do Rio de Janeiro; 3 de São Paulo SP e 1 de Uberlândia MG, todos da área de Letras.

Com relação ao tempo de trabalho com essa área do conhecimento, 6 professores têm entre 1 e 10 anos de trabalho; 10 têm entre 12 e 19; 9 professores trabalham com essa língua entre 20 e 25 anos.

Nas entrevistas com os professores foi pedido que eles indicassem o sujeito, o objeto direto e qual a função do **se**. Os resultados são os seguintes:

Tabela 15 - Dados Coletados das Entrevistas com os Professores

Nº	Sujeito	Estratégia da inversão	Se: part. apassivadora	Se: Índ. de indeterm.	Objeto Direto
1	se	-	-	-	casas
2	casas	sim	sim	-	não há
3	indeterminado	-	-	sim	casas
4	casas	sim	sim	-	indeterminado
5	casas	sim	sim	-	desconhecido
6	casas	sim	sim	-	não há
7	imaginário	sim	sim	-	casas
8	casas	sim	sim	-	indeterminado
9	casas	sim	sim	-	não há
10	casas	sim	sim	-	alguém
11	casas	sim	sim	-	pessoa não identificada
12	casas	sim	sim	-	alguém
13	indeterminado	-	-	sim	Casas
14	casas	sim	sim	-	não aparece
15	casas	sim	sim	-	Sumiu
16	casas	sim	sim	-	indeterminado
17	casas	sim	sim	-	desnecessário
18	casas	sim	sim	-	desnecessário
19	indeterminado	-	-	sim	casas
20	se	-	-	-	casas
21	se	-	-	-	casas
22	casas	sim	sim	-	desapareceu
23	indeterminado	-	-	sim	casas
24	indeterminado	-	-	sim	casas
25	indeterminado	-	-	sim	casas

Fonte: Dados da pesquisa

Os professores indicaram o sujeito:

Tabela 16 - Sujeito Indicado pelos Professores

casas	imaginário	indeterminado	se
15	1	6	3
60%	4%	24%	12%

Fonte: Dados da pesquisa

No que se refere ao objeto direto as respostas foram variadas:

Tabela 17 - Objeto Direto Indicado pelos Professores

alguém	casas	desapareceu	desnecessário	indeterminado	não há
2	10	2	2	5	4
8%	40%	8%	8%	20%	16%

Fonte: Dados da pesquisa

O SN posposto foi considerado sujeito ou objeto direto, conforme o resultado:

Tabela 18 - Função do SN

Sujeito	Objeto Direto
15	10
60%	40%

Fonte: Dados da pesquisa

O resultado indica que 40% professores pesquisados consideram o SN posposto ao verbo como objeto direto. Há também os que mantêm a lição da prática escolar. No entanto, essa divergência evidencia que há problemas de interpretação da questão entre os professores de língua portuguesa. Caso contrário, as respostas seriam iguais.

Perguntados qual o agente que executa a ação verbal da frase em que ocorre VTD+se+SN, os professores deram as seguintes respostas:

(i) Não está expresso na sentença.

(ii) Está indeterminado.

(iii) Sigo a explicação proposta por Bagno e outros citados por ele em seu livro Português ou brasileiro: um convite à pesquisa. Esse linguista considera o ***se*** *presente na estrutura um índice de indeterminação do sujeito.*

(iv) Eu sempre digo que o agente não aparece porque não é importante, ou seja, é desconhecido. Se for em um exercício, é possível que façamos a transferência ocultando-o e, neste caso, o aluno tem que saber que o sujeito estava presente na voz ativa. Por exemplo: Eu compro a casa" x "Compra-se casa".

(v) Na voz passiva sintética nunca há agente da passiva.

(vi) É uma 3ª pessoa do plural, uma pessoa não identificada.

(vii) O agente não costuma aparecer na voz passiva sintética.

(viii) A passividade se dá pelo pronome apassivador SE. Não há como o sujeito ser o agente (praticar ação) na voz passiva, pois ele sofre a ação.

(ix) Com a voz passiva sintética (simplificada), no português moderno, geralmente o agente da passiva fica indeterminado.

(X) Casas são alugadas. Você me pegou nesta observação,..eu nunca tinha pensado nisto, eu nunca me deparei com uma pergunta desta feita pelos meus alunos. É algo de se pensar. A casa esta sendo alugada mas não há uma "pessoa" agindo.

(xi) O curioso é que, na cabeça dos alunos, há uma "lógica" bem interessante, e que, provavelmente, é a também existente na cabeça de quem as escreveu. Na frase 1, é uma pessoa que está vendendo uma casa; na 2 várias pessoas podem vender as casas. Então acredito que exista uma espécie de "sujeito imaginário", que o aluno pensa que é o agente nesse tipo de construção.

(xii) O sujeito é indeterminado.

(xiii) Não há agente verbal na VPS, não há necessidade de um agente verbal. Ex.:
Paulo vendeu o apartamento (VA)
O apartamento foi vendido por Paulo (VPA)
*Vendeu-se o apartamento (VPS) **
O apartamento foi vendido (por Paulo)(VPA)
*** O agente da passiva aqui não é relevante, o relevante é dizer que o apartamento foi vendido.*

(xiv) Há uma frequente confusão, mas eu acho que é sujeito indeterminado.

(xv) É uma 3ª pessoa do plural, uma pessoa não identificada.

(xvi) Eu sempre dizia que o agente da voz passiva é alguém fora da oração, que dependia do contexto e que há questões na LP que não têm explicação, que língua não é disciplina exata, que há muitas regras e várias exceções.

(xvii) Eu considero que na VPS não há sujeito agente.

(xviii) A VPS não precisa de agente.

(xvix) O agente não aparece, mas pela lógica ele existe.

(xx) Nunca imaginei que eu teria que prestar contas de um agente que está por detrás da ação. O certo é que nem tenho ideia.

(xxi) Juro que nem pensei nessa situação. Do jeito que aprendi, passo para meus alunos. Se possível salto esse item porque tenho muito dúvida.

(xxii) O agente da ação verbal está oculto.

(xxxiii) Se a voz é passiva, não há agente, não faz falta.

(xxxiv) O agente é o sujeito casas, uai.

(xxxv) Embora os gramáticos não atribuam um agente, penso que ele é indeterminado.

A maioria dos professores entende que existe um agente que não aparece na sentença. Alguns professores têm dúvidas ou deram respostas inconsistentes sobre o assunto.

Mesmo respondendo que o agente é indeterminado ou oculto, a maioria dos professores respondeu que o SN tem a função de sujeito e não de objeto direto. Alguns utilizaram justificativas fortes para defenderem que o sujeito é indeterminado e o SN, objeto. Já outros, com justificativas pautadas pela gramática normativa, defenderam que o SN é sujeito.

O professor nº 1 mostra como a VPS é prevista na gramática, mas demonstra não concordar.

> *Apesar da incoerência lógica, a gramática normativa prevê que o verbo na voz passiva concorde com o elemento seguinte, que seria o objeto na voz ativa. Por exemplo: Em 'João constrói casas', casas é objeto. Incoerentemente, em 'constroem-se casas', casas é, para a gramática, sujeito (da voz passiva), com o qual o verbo deve concordar na escrita culta.*
>
> *Depoimento do Professor nº 1, doutor em Linguística, de Maceió.*

Já a resposta do professor nº 2 trata a voz passiva sintética de forma contextualizada.

> *[...] eu ensinaria a passiva sintética por meio de exercícios estruturais, salientando que, segundo a NGB, em estruturas do tipo Verbo +SE + nome no plural, o verbo deve ficar no plural; salientaria que geralmente, no uso cotidiano da língua, os falantes não seguem tal padrão. Em seguida daria exemplos e exercícios do tipo:*
> *Vender + SE + casas = vendem-se casas.*
> *Consertar + SE + laptops = consertam-se laptops.*
> *Além desses exercícios, prepararia também, exercícios contextualizados, com a ocorrência da estrutura em frases e textos pequenos, procedimento indicado por Luiz Carlos de Assis Rocha em seu livro Gramática: nunca mais – o ensino da língua padrão sem o estudo da gramática.*
>
> *Depoimento do Professor nº 2, doutor em Linguística, de Contagem, MG.*

O professor nº 3, em seu depoimento, mostra a dificuldade em determinar a função sintática dos termos na estrutura denominada VPS.

> *Em sentenças como 'vende-se ovos' e 'vendem-se ovos' , é difícil determinar a priori o papel que desempenha os termos são influenciados por fatores discursivos. A primeira sentença não focaliza a passividade do termos 'ovos', mas sim a indeterminação do sujeito que vende 'ovos'; na segunda, é um VPS em que a concordância é marcada corretamente de acordo com a gramática, porém semanticamente, tem a mesma relação da primeira pressupõe-se alguém que os vende, então acredito que a confusão*

> *em relação a VPS é devido muito mais a sua semelhança semântica, na VPS, com a as formas indeterminadas pela partícula 'se'.*
>
> *Depoimento do Professor nº 3, doutorando em Linguística e Língua Portuguesa, de Belo Horizonte, MG.*

Para a professora nº 5, o falante usa a estrutura como se o sujeito fosse indeterminado.

> *É algo a se pensar, a casa está sendo alugada, mas não aparece a pessoa que está agindo. Se casas são alugadas, elas recebem a ação de alguém. As pessoas acabam usando uma frase de sujeito indeterminado, pois não sabem quem aluga as casas, então deixam o verbo no singular.*
>
> *Depoimento da professora nº 5, graduada em Letras, de São Paulo, SP.*

As respostas da professora nº 7 permitem inferir que ela vê a estrutura pesquisada como uma tendência de uso:

> *Esta estrutura se consolidou no dia a dia do falante e pode ser vista nas placas e classificados de todo o país. O agente é indeterminado e o que sinto é que se casas que era o objeto antes de transformar em sujeito paciente, e esse sujeito não é humano, falta o agente que seria o sujeito na voz ativa, e se ele não aparece na sentença, concluo que o agente é indeterminado.*
>
> *Depoimento da professora nº 7, graduada em Letras, de São Paulo, SP.*

Por outro lado, a professora nº 8 tece crítica às gramáticas que não definem a qual categoria pertence o ***se***, que é confundido com a partícula apassivadora e com a de indeterminação do sujeito.

> *Os autores de gramáticas não definem com clareza o estatuto do **se** em português, nas gramáticas mais antigas há somente listas de funções do vocábulo **se**. Além disso, essas listas diferem de autor*

> *para autor. Na maioria dessas listas aparece o **se** apassivador que o falante confunde com **se** índice de indeterminação do sujeito, ou infere que o **se** é o sujeito da voz ativa.*
>
> *Depoimento da Professora nº 8, mestre em Educação Tecnológica e graduada em Letras,de Contagem, MG.*

Os professores nº 4, 6, 9, 10, 11, 12, 15, 17, 18, 20, 23 e 24 demonstram acreditar nas prescrições da gramática sobre a VPS. Em seus depoimentos, dão mostras de que é assim, como a normatização. O que disseram está resumido nos depoimentos das professoras nº 9. e 11.

> *Na voz passiva sintética nunca há agente da passiva, pois ele não aparece na frase.*
>
> *Depoimento da Professora nº 9, graduada em Letras, de Ribeirão das Neves.*
>
> *Apenas o verbo transitivo direto aceita a voz passiva sintética. A frase 'vendem-se casas' está correta porque se encontra nessa condição. A pessoa que agiu sobre o paciente não está identificada. Isso faculta o uso do agente da voz passiva. Porém, as pessoas desconhecem isso e cometem erro de concordância.*
>
> *Depoimento da Professora nº 11, graduada, em Letras, de Bugres, MT.*

A professora nº 13 explica as dificuldades de se entender a voz passiva sintética fora de contexto.

> *O agente da voz passiva sintética é alguém fora da oração, dependente do contexto. Na gramática da língua portuguesa há questões sem explicações, pois a língua não é exata, além disso, existem muitas regras e várias exceções.*
>
> *Depoimento da Professora nº 13, graduada, em Letras, de Belo Horizonte, MG.*

Em suas palavras, a professora mostra que essas dificuldades são causadas pela falta de clareza das regras gramaticais.

O professora nº 14 aceita que a estrutura verbo transitivo + ***se*** seja passiva e elenca uma série de sentenças, começando pela voz ativa com o objeto no singular (i) e no plural (ii); transforma-as em passivas analíticas (iii) e (iv), empregando um agente; e em seguida, em passivas sintéticas (v) e (vi), demonstrando uma evolução das ativas para as passivas.

> *A voz passiva tira o foco do sujeito da voz ativa da qual se origina, ocorrendo frases no singular ou no plural. Ao ensinar exemplifico utilizando exemplos que mostram a voz ativa que dá origem às passivas e apresento estas tanto na analítica quanto na sintética.*
>
> *(i) João vende casa.*
> *(ii) João vende casas.*
> *(iii) Casa é vendida por João.*
> *(iv) Casas são vendidas por João.*
> *(v) Vende-se casa.*
> *(vi) Vendem-se casas.*
>
> *Depoimento da Professora nº 14, doutora em linguística, de Belo Horizonte, MG*

A explicação da professora nº 15 sobre a VPS apresentou alguns problemas.

> *O que é mais importante aqui, quem vende casas ou o ato de vender? Não é possível determinar. Claro que 'casas' não é objeto direto, o problema não é da concordância, é bem outro. O agente não é importante, ele é até desconhecido. O sujeito estava presente na voz ativa. Por exemplo: 'Eu vendo casas x vendem-se casas'. A voz ativa se transforma em passiva sintética como no exemplo. Os falantes não fazem a concordância por falta de atenção mesmo. As pessoas usam tanto 'vende-se casa quanto vendem-se casas'. Entretanto, o certo é a sentença com o verbo no plural, há um erro de concordância se o verbo for escrito no singular com o sujeito no plural. Acho que as pessoas repetem o modo como as outras escrevem sem perceber. [...]*
>
> *Depoimento da Professora nº 16, mestre em Literatura Brasileira, graduada em Letras, de São Paulo, SP.*

A professora nº 19 defende uma gramática de uso e uma normativa, pois os falantes usam estruturas como a VPS, de duas formas, mas, em sua maioria, não fazem a concordância.

> *A maioria dos falantes escrevem o verbo no singular com o sintagma nominal plural. Pode ser que fica a dúvida 'casas' em 'vende-se casas', é sujeito ou objeto? Depende da situação de comunicação. Para saber quem é o agente, é preciso recuperá-lo por meio do conhecimento prévio, nesse caso o sujeito é o corretor de imóveis. Como o falante tende a produzir o verbo no singular, reconhecendo um sujeito indeterminado que pode ser o corretor de imóveis, eu diria que se trata de uma sentença na voz ativa e 'casas' é o objeto na gramática de uso. O problema não está na voz passiva, mas em como conciliar as gramáticas. Eu mesma não vi um erro da voz passiva na minha dissertação de mestrado e a banca não teve dúvida, crivou o erro.*
>
> *Depoimento da professora nº 19, mestre em Letras, de Cabo Fio, RJ.*

O professor nº 21 ofereceu algumas explicações relevantes a respeito da VPS.

> *Eu penso em 'casas' nesse caso como objeto direto, porque o agente é alguém indeterminado. O problema é a confusão do papel temático semântico como o papel sintático. Duvido muito que os falantes diriam que 'casas são vendidas' é o a mesma coisa que 'vendem-se casas'. Seria melhor 'estão vendendo casas'. Se lesse isso entenderia a mesma coisa. O agente da passiva é reconhecido socialmente. Se falamos em coisas 'socialmente conhecidas' estamos no terreno da semântica. Por isso, devemos analisar a sintaxe e a semântica como duas coisas bem separadas ou não?*
>
> *Depoimento do professor nº 21, doutor em linguística aplicada, de Brasília, DF.*

O professor nº 22 fez afirmações muito importantes a respeito da VPS na entrevista.

> *Não vejo problema em esconder o agente, mas se ele está escondido, eu não consigo recuperar o sujeito ao reverter da voz passiva sintética para a voz ativa, como se consegue fazer com a voz passiva analítica. Dessa forma, penso que o sujeito é indeterminado e esta frase está na voz ativa. Vou dar um exemplo: vi uma faixa assim: Aluga-se apartamentos. Em seguida vinha o telefone. Liguei e perguntei quem escreveu a frase. A pessoa do outro lado disse que foi ela. Então lhe perguntei porque ela não colocou o verbo no plural. Ela me respondeu, sou eu quem estou vendendo por que colocaria no plural? Voltando ao verbo vender, da pergunta, este verbo precisa de quem vende e do que é vendido, isto é, do sujeito e do objeto direto. Se há algo sendo vendido, é preciso de um vendedor. O que deveria ser objeto direto, está posto na gramática como sujeito. Uma casa não se vende. Isso tudo se refere ao normativo, pois a sociolinguística vê isso como uma situação natural da mente do falante. O que chamamos de gramática é na verdade, um conjunto de coisas. Nesse caso entram sintaxe e semântica, que apontam para duas conclusões diferentes.*
>
> *Depoimento do professor nº 22, mestre em linguística, Rio de Janeiro, RJ.*

A participação dos informantes na pesquisa de campo foi muito relevante para a análise do fenômeno investigado, pois os falantes de uma língua possuem conhecimento de mundo e experiências necessárias para compreensão da língua em uso.

4.5 Atividades com VPS realizadas pelos estudantes do 9º Ano

Foram realizados alguns trabalhos referentes à VPS com 200 estudantes do 9º ano, sendo 100 na primeira aplicação e 100 na segunda. A proposta de trabalho

foi montar anúncios para encomendar três faixas, sendo uma para vender duas chácaras, outra para alugar apartamentos e a última para consertar calçados.

Atividade aplicada

Exercícios

Montar anúncios para encomendar três faixas, sendo:

Uma faixa para vender duas chácaras:

Outra para alugar apartamentos:

E a última para consertar calçados:

_____

Observação: usar o verbo + se para começar a frase. Por exemplo:

Anima-se festa. Animam-se festas.

Fonte: Elaborado pela autora

Diante dessa atividade, é possível ver que existe uma estrutura fixa na qual o estudante teve apenas o trabalho de aplicar a fórmula verbo + se + SN (V+se+SN) no plural, pois cada questão direciona o estudante a usar a VPS com SN plural.

Como as instruções delimitaram a produção dos estudantes por se tratar de um modelo predeterminado, todas as frases foram praticamente iguais, mas alguns deles tentaram usar a criatividade ao elaborar os anúncios. As sentenças selecionadas para demonstrar isso são as seguintes:

Vendem-se duas chácaras.

Alugam-se apartamentos.

Consertam-se calçados.

Vende-se duas chácaras.

Aluga-se apartamentos.

Conserta-se calçados.

Vendemse duas chácaras. Contato: 5752-7227

Alugamse apartamentos. Contato: 2727-3940

Consertamse calçados. Contato: 0800-7779

Vende-se duas chácaras em Betim. Ligue 7489-3641

Aluga-se apartamentos baratos e bons. com 2 quartos, suite, sala, cozinha, banheiro. Tratar com Ana - Ligue para 9898-9898

Consertam-se calçados. Ligue para 08007777000 e vamos consertá-lo em casa.

Essa construção é prototípica para o gênero anúncio em que os falantes reconhecem uma forma funcional para atingir os propósitos comunicativos.

Tabela 19 - Número Total de Respostas

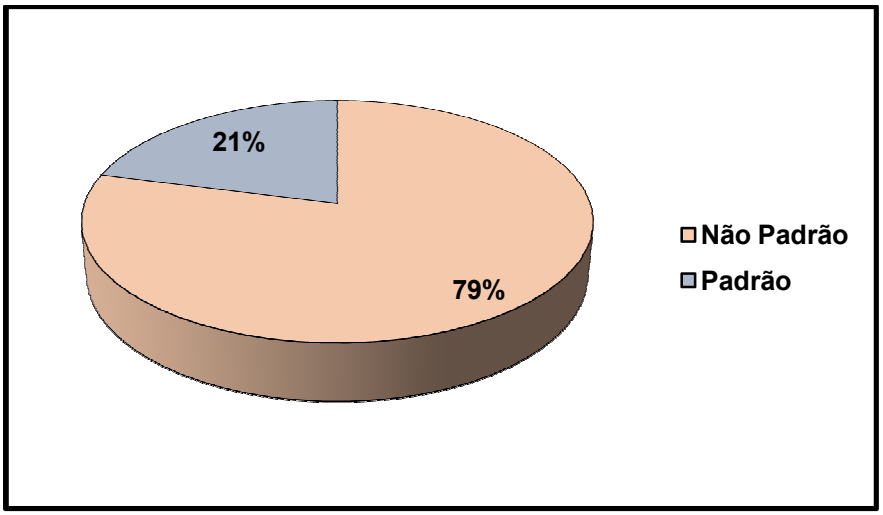
Aplicação	Nº de estudantes	Sentenças produzidas	Singular	%	Plural	%
(1ª) Sem conceituação	100	300	237	79.0	63	21.0
(2ª) Com conceituação	100	300	258	85.0	42	15.0
Total	200	600	495	82.0	105	18.0

Fonte: Dados da pesquisa

Na primeira aplicação, os estudantes não receberam informações sobre a conceituação dos tipos de voz passiva, nem fizeram exercício algum. Entretanto, eles receberam instruções para utilizar o verbo + ***se*** começando as três frases, acompanhadas de dois exemplos, um no singular e outro no plural, flexionados corretamente: *Anima-se festa. Animam-se festas*. Note-se que o pedido foi que se produzissem as sentenças com os sintagmas no plural.

O gráfico 8 mostra a porcentagem da produção das faixas pelos alunos da primeira aplicação:

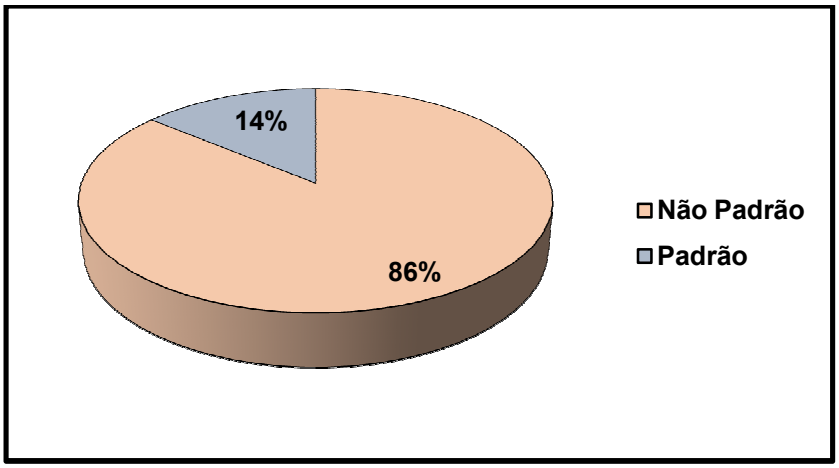
Gráfico 8 - Atividade sem informação teórica



Fonte: Dados da pesquisa

Na segunda aplicação, entretanto, realizada com outros estudantes, o professor ensinou a VPS e propôs atividades para consolidação da aprendizagem. O resultado está no gráfico 9:

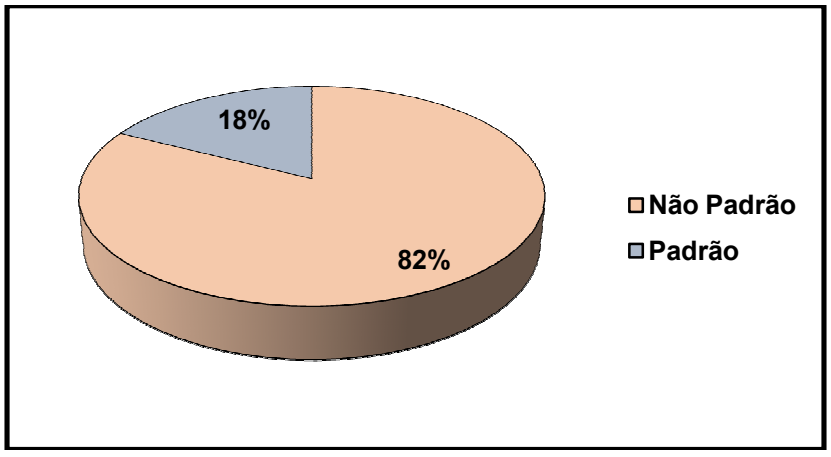
Gráfico 9 - Atividade após informação teórica



Fonte: Dados da pesquisa

A porcentagem total das aplicações mostra que há pouca diferença entre as respostas dos estudantes que receberam informações conceituais a respeito da VPS e daqueles que não as receberam. No entanto, foram os estudantes que receberam o conteúdo VPS que usaram ainda menos a forma padrão, como mostra o gráfico 9.

Gráfico 10 - Todas aplicações



Fonte: Dados da pesquisa

O percentual de estudantes que utilizaram a língua padrão foi pequeno em relação ao daqueles que não a utilizaram, como mostram os percentuais e os números contidos na tabela 19.

4.6 Dados dos Jornais

Os dados de jornais foram retirados considerando as estruturas que se enquadram nas regras gramaticais referentes à VPS, na forma padrão e na forma não padrão, para mostrar a existência de variação linguística nas VPS usadas por esses veículos de comunicação.

Tabela 20: Dados dos jornais

Jornal	Singular	%	Plural	%	Total
O Tempo	100	100	0	0	100
Estado de Minas	27	99	1	1	28
Folha de São Paulo	12	50	12	5	24
O Globo	2	13	13	87	15

Fonte: Dados da pesquisa

A quantidade de dados feita em jornais comprova que a estrutura VTD+se+SN plural não caiu em desuso, mas é pouco usada. Em meio a muitos anúncios, há poucos com a estrutura VTD+se+SN plural. Esse pouco uso sofre variação linguística uma vez que aparecem frases escritas tanto na forma padrão quanto na forma não padrão.

Todas as estruturas de VPS encontradas no jornal **O Tempo** teriam aplicação no plural, mas foram utilizadas 100% no singular, já o jornal **Estado de Minas** utilizou 99% no singular. A pesquisa se aplicou somente ao caderno de pequenos anúncios, pois o foco da pesquisa foi estudar a estrutura VTD+se+SN plural nos anúncios populares. Os anúncios utilizados aconteceram ao longo de três anos (2010 e 2012).

Com relação aos dados do jornal **Folha de São Paulo** houve uso de 50% no plural e do jornal **O Globo,** em 87% dos anúncios, houve o emprego do plural na estrutura pesquisada. Nesses dois jornais, também foi utilizado o caderno de pequenos anúncios em todas as edições de dezembro de 2012, totalizando 31 edições de cada jornal.

Foi possível perceber que os jornais não utilizam com frequência a estrutura, houve dias em que ela não foi utilizada. A maioria dos textos tem como sujeito a instituição que oferece o serviço com o verbo na voz ativa. Geralmente, eles utilizam o nome da instituição que oferece o serviço como no exemplo a seguir.

Figura 3 - Padaria e confeitaria contrata

Fonte: Jornal O Tempo - 20 de setembro de 2010

Figura 4 - Instituição de ensino contrata

Fonte: Estado de minas - 26 de julho de 2011

Também percebi que grande parte dos anúncios de jornal possui uma estrutura que não usa verbo. Por exemplo:

Figura 5 – Estrutura sem verbo

Fonte: Estado de Minas - 10 de dezembro de 2012

O verbo precisar aparece sem a preposição, sendo usado no sentido de admitir ou contratar.

Figura 6 - Precisa-se operadores

Fonte: O Tempo - 16 de dezembro de 2010

Este verbo não faz parte de nossa pesquisa por não ser um caso da chamada VPS, mas é curioso que ele tem sido utilizado como se pertencesse a essa estrutura.

Os anúncios a seguir representam os modelos de anúncios encontrados:

Figura 7 - Contrata-se

Fonte: O Tempo - 05 de maio de 2011

Figura 8 - Admite-se

Fonte: O Tempo - 27 de novembro de 2010

Os anúncios das figuras 7 e 8 representam um modelo típico que aparece nos pequenos anúncios dos jornais, a estrutura VTD+se+SN plural com o verbo no singular e uma enumeração de SN pospostos, cada um no singular, mas que no conjunto formam um SN plural

4.7 Placas, faixas e cartazes

O cartaz a seguir mostra uma sentença na VPS relativa aos produtos a serem vendidos.

Figura 9 - Vende-se estes produtos

Fonte: Foto da autora

Esse cartaz é um dos exemplos encontrados nas ruas da cidade de Belo Horizonte utilizando a forma não padrão da língua. Esse tipo de sentença possui um formato icônico que indica para os usuários da língua que se trata de um anúncio. Não fotografei os produtos. Ainda assim, qualquer falante do PB sabe que deveria ter por perto os produtos a serem vendidos. Além disso, há alguém que está vendendo, uma vez que há um número de telefone e uma orientação para o comprador tratar na administração. Isso indica que quem está vendendo é uma pessoa jurídica, e não, uma pessoa física.

A figura 10 apresenta uma faixa afixada em um imóvel, na qual o verbo foi utilizado no singular com a estrutura VTD+se+SN plural. Entre os cartazes fotografados, há poucos que fazem a flexão verbal.

Figura 10 - Aluga-se salas

Fonte: Foto da autora 2010

O SN está no plural, mas ao escrever a faixa, o autor não considerou salas como sujeito, como prescreve a gramática.

Figuras 11 - Alugam-se cadeiras e guarda-sol

Figura 12 - Aluga-se cadeiras e guarda-sol

Fonte: Fotos da autora, 27 de agosto de 2012

As fotografias das figuras 11 e 12 pertencem a uma mesma empresa que atua nas praias da cidade de Natal[8] que aluga cadeiras e guarda-sol. Entendo que

[8] Utilizei-as porque não encontrei em Belo Horizonte e seu entorno exemplo de variação do mesmo contexto de uso.

houve dificuldade em perceber o sujeito nessa estrutura. Isso é provocado pela incerteza de qual é a forma correta. Por ver as duas formas escritas espalhadas pela cidade, a empresa usa ambas com o mesmo sentido.

Os verbos utilizados nos anúncios foram: ***contratar***, ***agregar***, ***admitir***, ***alugar***, ***vender***, com ou sem concordância. Esses verbos produzem sentido relacionado a negócios e serviços, sendo comuns em anúncios.

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Os resultados mostram que os falantes do PB, de modo geral, não percebem o SN posposto ao verbo transitivo direto + o pronome ***se*** como sujeito e, por essa razão, a maioria não faz a concordância quando esse SN está no plural.

Os gramáticos mostram a existência do sujeito, transformando a voz passiva sintética em analítica, mas essa estratégia não convence a linguistas como Said Ali (1921), Kuri (1961), Tondo (1978) e Correia (2003), por não existir equivalência entre as duas estruturas. Trata-se, é verdade, de uma estratégia adotada que não condiz mais com a língua em uso, tanto a oral quanto a escrita. Na língua em uso, há uma grande produtividade na estrutura VTD+se+SN apresentando verbos no singular e SN no plural.

Nas estradas ou nas áreas urbanas, faixas, letreiros, cartazes e placas exibem-se anúncios expressos com o SN no plural e verbo no singular. Frases como estas são vistas em toda parte:

vende-se balas,
contrata-se funcionários,
faz-se entregas,
aceita-se encomendas de salgados.

Ao empregar o verbo no singular, o anunciante dá ênfase ao que está sendo negociado, omitindo quem anunciou. Por isso, o verbo se mantém no singular, embora seja plural o SN posposto, que, então, é um complemento verbal, evidenciando o que se tem a dizer sobre o negócio

.

Pelo exposto e do mesmo modo que, no correr do presente estudo, ficou claro que é variável a flexão do elemento verbal da voz passiva sintética e evidenciou-se que os gramáticos e linguistas divergem quanto à função sintática do SN e, em consequência, quanto à flexão do verbo. Assim, contrapondo-se à polêmica que alimenta as discussões dos teóricos, os resultados encontrados mostram que se impõe um uso que, sem levar em conta a função sintática do SN, com o verbo no singular, seja o SN singular ou plural.

No campo teórico, opõe-se a doutrina dos gramáticos à dos linguistas, podendo-se pensar numa questão entre antigos e novos, aqueles representando a tradição gramatical, estes defensores de uma nova visão do problema, mas ambos, cada um ao seu tempo, com a razão, pois o fato de ser o SN sujeito ou objeto direto e o verbo flexionar ou não só interessa ao conhecimento teórico. Está demonstrado que o uso não cogita de questões tais e, quando o faz, as explicações carecem de coerência.

Neste ponto, trago à discussão as diferentes opiniões apuradas nas diversas partes do texto. Antes, porém, convém recuperar a proposta do trabalho, que é discutir as “diferentes opiniões sobre a flexão do elemento verbal na estrutura VTD+se+SN, bem como mostrar a tendência ao emprego do verbo no singular com SN singular ou plural” (cf. supra p. 20).

É unânime a opinião dos gramáticos quanto à doutrina da voz passiva no português brasileiro, que aponta duas formas de representação do verbo para expressar o sujeito: indeterminado (agente) ou explícito (paciente). Há uma forma passiva analítica (verbo Ser + particípio do VTD) e uma passiva sintética (VPS: VTD + se). Aqui importa, em resumo, discutir o que dizem os gramáticos sobre a passiva sintética, pois é nesse campo que se encontra a tradicional polêmica.

Destaco, dentre os gramáticos mais antigos, Said Ali, Ernesto Carneiro Ribeiro, Júlio Ribeiro, Marques da Cruz, Cláudio Brandão. Seguem-se outros mais recentes, como Rocha Lima, Gama Kury, Paschoal Cegalla, Celso Cunha, Celso Pedro Luft, dentre outros.

A doutrina básica da voz passiva é a que se encontra na Sintaxe Clássica de Cláudio Brandão e se restringe a dizer que está na voz passiva aquele verbo cujo sujeito é paciente, e é passivo o verbo que pode ser transformado em voz ativa (cf. supra p. 26). O autor omite-se quanto ao fato de nem toda VPS aceitar a conversão em voz ativa.

A essa doutrina contrapõe-se à opinião da linguística moderna que discute e nega o caráter apassivador do pronome se, a que atribui a função de índice de indeterminação do sujeito. Na verdade, essa é a posição defendida já entre os gramáticos antigos por Said Ali. (cf. supra p. 24). Entre os linguistas destaca-se a opinião de Câmara Jr., Castilho, Perini, Pontes e Marcos Bagno.

A pesquisa aqui exposta colheu opiniões de professores de língua portuguesa e obteve explicações controversas ou indecisas que deixaram transparecer o desconhecimento da questão ou a simples aplicação, não muito convicta, das regras aprendidas na gramática normativa. A indeterminação do sujeito de verbos intransitivos ou transitivos indiretos, do tipo "*vive-se*..." ou "*precisa-se de*...", parece mais fácil de entender e aceitar. Porém a estrutura VTD + se + SN é o grande enigma da maioria dos professores.

Mesmo resultado pude observar entre os 200 informantes com mais de sete anos de escolaridade. Predomina o uso do verbo singular com SN plural, pela simples razão do "*achar que*", sem levar em conta o fato de ser sujeito ou

complemento, ou por achar que o agente é indeterminado porque a ação é praticada por alguém que não é conhecido.

Enfim, o conjunto das informações obtidas em jornais ou em placas de propaganda consistem em pequenos enunciados que servem para oferecer ou vender algum produto. São frases cristalizadas, do tipo "*vende-se frango*" "*compram-se ovos*". Nesse ponto há uma variedade de usos, ora concordando o verbo com o SN plural, ora não concordando, ora evitando-se a voz passiva sintética, substituída pela voz ativa com sujeito agente explícito.

De qualquer forma, o que transparece é uma tendência ao uso do verbo singular com SN singular ou plural, sem indício de que o informante ou o anunciante cogitem de que se trata de sujeito paciente ou indeterminado.

Seguem-se aqui explicações sobre a utilização do VARBRUL e a discussão dos dados por tipo de pesquisa utilizado.

5.1 O Tratamento dos Dados no Programa VARBRUL

Os dados obtidos dos fatores sociais mostraram uma proximidade do uso da estrutura VTD + se + SN no singular por todos os grupos pesquisados. O uso do Programa VARBRUL facilitou apresentação e análise dos dados. Esse resultado indica que o programa não selecionou nenhum grupo como favorecedor do fenômeno, mas os dados permitiram realizar a análise.

Guy e Zilles (2007) afirmam que resultados não selecionados como facilitadores do fenômeno pesquisado pelo Programa Estatístico VARBRUL podem ser utilizados pelo pesquisador na discussão:

> [...] a abordagem que o pesquisador deve adotar em relação às questões de significância não é mecânica, jogando automaticamente no lixo os resultados não significativos e falando somente dos significativos; ao contrário, o pesquisador deve avaliar inteligentemente os resultados, e apresentá-los de maneira a fornecer o máximo de informação e iluminar mais o fenômeno. [...] Outro aspecto diz respeito ao fato de que, na análise quantitativa, dado grupo de fatores pode não ser significativa, mas o resultado é, em si, importante em relação ao que já sabemos a respeito da língua estudada ou do fenômeno enfocado na análise. (GUY; ZILLES, p. 215).

Minha atitude de discutir os números encontrados no VARBRUL concorda com o que dizem esses autores, pois percebi, em tempo, que eles oferecem informações significativas a respeito do fenômeno pesquisado.

Vale ressaltar que esse programa é apropriado para tratamento de dados fonológicos, mas isso não impede que o pesquisador utilize-o para trabalhar dados multivariáveis. Nesse sentido, Lavandera (1978) critica Labov pelas dificuldades metodológicas no tratamento de variáveis não fonológicas por acreditar que os estudos quantitativos eram prejudicados pela falta de teoria de significados. Labov (1972, p. 271) afirma que as variáveis não fonológicas possuem variantes idênticas. Entretanto, para Lavandera (1978), o significado referencial (que também é denominado representacional ou estado de coisas, na perspectiva de dois enunciados com o mesmo valor significativo) possui informação para realizar a distribuição em outros níveis que não sejam fonológicos.

Acredito que a falta de muitos contextos linguísticos para encontrar aspectos condicionadores como os existentes na fonologia leva os pesquisadores dos outros âmbitos da linguística a tratarem os dados mais qualitativamente que quantitativamente.

Moino (1989), ao definir um grupo de variação para a voz passiva, encontrou problemas entre as formas equivalentes estruturalmente, pois elas têm o mesmo

contexto linguístico e se substituem. Chegou à conclusão de que a configuração dos dados não é condicionadora, eliminando a estratificação. Por isso, a autora não se preocupou em utilizar muitos informantes. Com os dados dos fatores sociais obtidos conseguiu realizar uma análise do comportamento do falante em relação a todos os tipos de voz passiva, e não somente do fenômeno que pesquisava.

> Os fatores internos e externos só levam à configuração da amostra e não são condicionadores porque não se pode pensar em variantes perfeitas para a variável 'passiva'. Além disso, não se trata de uma variável estratificada padrão vs. não-padrão) tornando-se mais impossível falar em fatores condicionadores da amostra. (MOINO, 1989, P. 40).

Como a autora, eu também percebi ao longo da pesquisa que a voz passiva não é caso de estratificação, e por isso, não há necessidade de muitos informantes, razão pela qual, foram utilizados somente 225 informantes na pesquisa, sendo rodados no VARBRUL, somente os dados de 200 não especialistas do PB. Mesmo com essa percepção, entendo que valeu a pena discutir esses dados para mostrar por meio de análises que os falantes de todos os fatores sociais tendem a não usar a estrutura VTD + se + SN como nas normas da gramática.

Encontrei respaldo em Bentivoglio (1986, p. 14) *apud* Moino (1989, p.39) que discute sobre a afirmação de Lavandera (1978) de que há problemas autênticos na variação sintática, mas um estudo sociolinguístico pode beneficiar as análises das estruturas linguísticas em relação à sintaxe. Dessa forma, o autor propõe que "os resultados obtidos quantitativamente, sejam interpretados à luz de reflexões qualitativas."

Também penso como Bentivoglio (1986), por isso utilizei os dados quantitativos para realizar uma análise qualitativa. Esses dados quantitativos foram fundamentais para respaldar as discussões e validar os resultados encontrados.

5.2 Fatores Sociais

De acordo com os dados, a maioria dos falantes pesquisados tendem a usar o verbo no singular na estrutura VTD + se + SN plural, mas há aqueles que utilizam o verbo no plural.

As respostas dadas pelos informantes provam mais uma vez que os gramáticos precisam encontrar regras com descrições claras, ou incluir nessas descrições a interação entre sintaxe e semântica, observando os usos que a sociedade faz de estruturas como a VPS.

Apesar da proximidade numérica dos dados em termos de porcentagem, os dados indicam que as mulheres usam mais a forma no singular, o que não está de acordo com Labov (1972) para quem, em casos de variação estável, as mulheres tendem a utilizar mais as formas de prestígio, isto é, a língua padrão, considerando-se as regras gramaticais. Na perspectiva sociolinguística variacionista, a variação linguística convive com forças de estabilidade e constitui-se uma das características universais das línguas naturais. No caso do fenômeno pesquisado, essas forças são a tendência do uso singular competindo com plural. Acredito que se as pessoas de um modo geral, incluindo as mulheres, usam verbo no singular com o SN plural não é estigmatizado, se não fosse assim, as mulheres rejeitariam esse uso.

Conforme Labov (1994), a distribuição de variáveis linguísticas por faixa etária é uma abordagem mais direta para o estudo da mudança linguística em andamento. Em outra pesquisa, Labov (2008) propõe estudar a faixa etária em interação com outros aspectos sociais para evidenciar situações de prestígio ou de estigma linguístico. Dessa forma, o uso de outros fatores combinados com a faixa etária pode aprimorar a análise dos dados referentes a esse fator. De acordo com os

dados, a faixa etária mais jovem, ainda que timidamente tende a usar o verbo no plural na estrutura pesquisada.

De acordo com Silva e Scherre (1986), a escolarização exerce mais influência sobre a forma padrão. O estudante tende a substituir variantes estigmatizadas pelas de prestígio. A maioria dos falantes adquire a forma padrão ao longo de sua escolarização, sem perder a variante não padrão. No entanto, há aqueles falantes que entram na escola com a variante sem prestígio e a substitui pela considerada de prestígio.

A quantidade de informantes entre sete e oito anos de escolaridade, que usam o verbo no singular, é relevante. A frequência de uso da forma não padrão pelos falantes com menos tempo de escolaridade evidencia que os menos escolarizados tendem produzir a forma não padrão, pois a maioria dos entrevistados usa o verbo no singular. Entretanto o programa não considerou esse fator como favorecedor do fenômeno pesquisado.

O falante com sete ou oito anos de escolaridade encontra-se em um momento de estudos gramaticais que incluem o uso estrutura VTD + se + SN na escola. Mesmo estando inserido na escola, e por isso, ter seu uso controlado pela gramática normativa, utilizada na sala de aula, a maior parte dos falantes com esse tempo de escolaridade, não realiza a concordância padrão. Considerando o total de falantes de todas as idades e faixas etárias, quem tem mais escolaridade tende a usar mais o plural.

No que se refere à classe social, tanto os informantes das classes menos quanto das mais favorecidas usam o verbo no singular, embora a mais favorecida tende a usar mais essa forma.

As respostas dadas pelos falantes pesquisados mostram que, de um modo geral, eles tendem a usar o verbo no singular ao usarem a estrutura VTD + se + SN plural, portanto, parece que de forma inconsciente fazem a concordância com um agente singular que pode ser alguém que não se sabe quem. Houve entrevistado que demonstrou certeza de que o sujeito é o **se** na frase *vende-se casas*, mas não sabe o porquê, outro que esse pronome concorda com o verbo e que o sujeito é indeterminado, e um outro, que o verbo fica no plural porque *casas* está no plural. As controvérsias dessas opiniões mostram a fragilidade de nossas gramáticas descritivas e normativas para a VPS. Segundo Rocha Lima (1994), existe uma falta de critério na utilização do singular ou do plural.

Said Ali (1908), ao tratar essa estrutura em sua gramática considerou a partícula ***se*** como sujeito, embasando-se em critérios semânticos, entretanto em outra parte de sua gramática, tratou como índice de indeterminação daquele que pratica a ação do verbo, ao passo que, para as gramáticas, dentro da história da língua, essa partícula tem a função de completar o verbo. Essa é uma das explicações para o uso singular com o SN plural do verbo, na estrutura em questão.

O informante 33 considerou tanto *vende-se casas* quanto *vendem-se casas* corretas porque, para ele, são duas formas de escrever o mesmo significado. Essa constatação do informante remete a Correia (2003), que discute a VPS no PE, afirmando que a explicação dada pela gramática permite a inferência do uso das duas possibilidades em uma interação sintático-semântica. Por exemplo, o primeiro uso considera o SN posposto ao verbo como sujeito paciente, sem o agente da voz passiva; o segundo considera esse SN como objeto direto, com sujeito indeterminado, sendo a sentença uma voz ativa.

A meu ver, o que resta ao falante é inferir o que está em uso na sociedade, pois ele possui uma potencialidade inconsciente de usos que ultrapassa o alcance das regras preestabelecidas pela gramática. Isso mostra que elas são vulneráveis e provisórias e não detectáveis e definidas, uma vez que existe a variação, pois a língua é viva, portanto, não é fixa, uma vez que ela está a serviço da interação social. Vejo uma grande divergência entre norma posta e norma imposta que não condiz com a realidade de uso. Creio que é por essa razão que muitos falantes tentaram justificar e não conseguiram fazê-lo com certeza e clareza. Houve aqueles que estavam convencidos de que explicavam corretamente e aqueles que diziam até que era "pegadinha" que a pesquisadora "pegou pesado", e ainda quem dissesse que não sabe o português.

Ao utilizar um pronome indefinido para preencher a posição de sujeito, grande parte mostrou entender que há um agente que não é determinado e compreende que se trata de um sujeito indeterminado. Alguns que consideram o pronome *ele* ou *eles* como sujeito, entenderam que o sujeito é oculto, dizendo que há uma ou mais pessoas físicas, ou ainda, que o alguém é uma imobiliária e isso justifica a singularidade do verbo.

Ao realizar a pesquisa de campo, percebi que grande parte dos informantes fez inferências para responder aos questionamentos. Mais uma vez, pode-se notar a falta de sustentação da regra de concordância referente à estrutura pesquisada. Isso dificulta a conceituação de voz passiva que Bagno (2003) denomina pseudo-passiva e que Said Ali (1908) considera como voz ativa.

Alguns falantes entendem que, por trás do sujeito paciente, subentende-se um agente, ainda que não explícito. Ao verbo *vender* é atribuído a um agente + humano.

Já os gramáticos dizem que a estrutura *casa é vendida* equivale-se a *vende-se casas*, no entanto essa estratégia não recupera o agente, pois este é indeterminado. As respostas evidenciam que o falante não aceita essa suposta equivalência. Com relação a essa equivalência, Kury (1961, p. 36) faz observações de rodapé, de que, na VPS, omite-se o agente, mas que ele pode ser declarado na voz passiva analítica como em *Muitos edifícios foram construídos pelos candangos*. Entretanto, na VPS, hoje não seria possível *Construíram-se muitos edifícios pelos candangos*, uma vez que com essa configuração, ao se colocar o agente da voz passiva *pelos candangos*, a frase não tem sentido.

Acredito que esse jogo que o autor fez com a sentença mostra que *muitos edifícios*, no 2º exemplo, não é sujeito de fato. Com esses exemplos eu questiono: como pode a gramática considerar *muitos edifícios* do primeiro exemplo como complemento verbal e sujeito no segundo? Ambos sofrem ação de alguém.

O sujeito não é claro, uma vez que a reconstrução da oração gera outra passiva e não uma ativa, não há movimento de inversão entre sujeito e objeto e vice-versa. A falta de clareza pode ser a causa da variação de concordância verbal na estrutura VTD + se + SN plural.

Para Kury (1961), o ***se*** é "um indefinido que não tem limiar quantitativo e contextualmente variável." Concordo com o autor quando ele conclui que a passiva analítica e a sintética não são sinônimas, e esta ocorre, em sua maioria, com verbos de sujeito [- humano].

Os gramáticos tentam provar a existência desse sujeito transformando a voz passiva sintética em analítica. Essa estratégia é inadequada, por não existir equivalência entre as duas estruturas. Parece-me uma estratégia tendenciosa que

força regras que não condizem com a língua em uso e não convencem. Por isso, há uma grande produtividade na estrutura VTD + se + SN, apresentando verbos no singular com o SN plural.

Cunha e Cintra (2008) quando tratam de voz passiva não abordam a estrutura com ***se***, dizem que ao passar ativa a passiva ou vice-versa, os SN continuam os mesmos, somente exercem função sintática distintas.

Para alguns falantes pesquisados o ***se*** nas frases que lhes foram apresentadas era sujeito, para outros era complemento do verbo e a maioria disse que o ***se*** faz parte do verbo, isto é, está incorporado a ele, mas alguns destes informantes disseram que o sujeito está oculto ou indeterminado devido ao uso do **se**.

Tanto Castilho (2010) quanto Bagno (2011) afirmam que as gramáticas normativas não acompanham a evolução da língua, por isso elas tratam o ***se*** como partícula apassivadora. No latim, esse clítico indicava passividade, mas foi caindo em desuso com o tempo. No entanto, a gramática ainda prescreve regras que não estão de acordo com o funcionamento da língua em interações sociais comunicativas.

A maioria dos falantes pesquisados disse que não se usa essa estrutura na oralidade e eu concordo com eles. Pode ser que essa estrutura seja usada na linguagem oral, mas ao longo da pesquisa, tentei escutar a fala das pessoas, ouvi algumas palestras gravadas e trabalhos similares e não percebi essa estrutura linguística na oralidade. Acredito que os falantes não usam essa estrutura em suas interações comunicativas orais.

Os falantes se preocuparam mais com a função de comunicação real da estrutura que com estratégia de indeterminar o sujeito. Essas respostas evidenciam que a estrutura VTD + se + SN é um ícone do gênero anúncio. Trata-se de um modelo usado ou compreendido por qualquer falante do português como sendo um esqueleto, no qual, ele pode organizar as palavras de forma a produzir o sentido que ele deseja para comunicar que está oferecendo algo à sociedade onde se acha inserido.

As respostas evidenciam essa estrutura é um ícone do gênero anúncio. O modelo verbo TD + se + SN pode ser usado ou compreendido por qualquer falante do português como uma fórmula, na qual, ele pode organizar as palavras de forma a realizar a comunicação.

Uma parte dos falantes não soube responder se a frase está na voz ativa ou passiva, no entanto parte daqueles que responderam disse que está na voz ativa. Os resultados são significativos porque dão suporte à ideia de que o verbo contido na estrutura pesquisada pode não estar na voz passiva.

Ao responder a pesquisa, grande parte dos informantes mostrou-se incomodada e pôde levar consigo questionamentos. Muitos indagaram (a) se a estrutura tinha ou não sujeito; (b) se o sujeito era indeterminado ou oculto; outros afirmaram (c) que percebiam o ***se*** como sujeito indeterminado; (d) que sentiam que precisavam estudar português; (e) que se sentiam bem ou mal diante da questão; enfim, (f) que tinham outras dúvidas.

Bagno (2009) enfatiza que a estrutura VTD + se + SN é artificial, que causa estranheza ao falante, pois este não reconhece o SN como sujeito em sentenças

com essa construção. Sua estranheza se deve ao fato de que ele inconscientemente não faz a concordância por ela ser forçada e tende a usá-lo como objeto direto.

5.3 Professores de Língua Portuguesa

Ao realizar a pesquisa senti dificuldade para encontrar informantes professores da Língua Portuguesa. Percebi que grande parte se recusou a realizar a entrevista, por receio de se expor, mesmo eu dizendo que eles não seriam identificados na pesquisa.

O professor nº 1 tem certeza da função sintática do SN posposto e discorda da prescrição da gramática com relação a esse assunto, devido à ilogicidade da regra que não confronta com o uso corrente. Por exemplo:

> *A ideia contraria a lógica da própria língua. Quando se escreve 'contrata-se funcionários', há alguém dizendo, o contratante. A ideia é exatamente a mesma de 'precisa-se de funcionários'. É incoerente que duas frases semântica e sintaticamente parecidas tenham análises completamente diferentes somente por causa da regência verbal. Concluo que o objeto da voz passiva sintética é o que a gramática chama de sujeito, e este é indeterminado, podendo ser representado pela partícula* ***se****, como índice de indeterminação do sujeito. Os usuários da língua seguem uma lógica, a qual não é seguida pela gramática normativa. Quando um vendedor de picolés escreve 'vende-se picolés' em uma placa, ele está agindo de acordo com a lógica: ele, o vendedor, está vendendo picolés. Quem é o agente? O vendedor. Quem é objeto? Os picolés. Por que concordaria com o objeto? Não tem sentido.*
>
> *Depoimento do Professor nº 1, doutor em Linguística, de Maceió.*

Já a resposta do professor nº 2 está de acordo com as afirmações de Halliday (1994), pois, como o autor, ele mostra o funcionamento da própria língua e uso que a sociedade faz da VPS, em uma abordagem pragmática.

> *Sigo a explicação proposta por Bagno e outros autores citados por ele em seu livro Português ou brasileiro: um convite à pesquisa. Esse linguista considera o se presente na estrutura um índice de indeterminação do sujeito.O comportamento do SN nessas estruturas é o de complemento do verbo. Há um uso efetivo, que aponta, no Brasil, uma tendência à não concordância do verbo com o SN plural. O uso já consagrou a forma verbal no singular, o falante não realiza a análise, não reflete sobre o fenômeno preconizado pela NGB, essa regra choca com o uso efetivo, com a tendência do português brasileiro falado.*
>
> *Depoimento do Professor nº 2, doutor em Linguística, de Contagem, MG.*

O professor nº 3 acredita a estrutura denominada VPS não é passiva e sim ativa com sujeito indeterminado.

> *A voz passiva sintética não mostra o agente verbal por não ser um termo relevante para uma construção sintática deste tipo. um dos motivos da falta de concordância de sentenças com VTD + se + SN plural é a obscuridade das formas passivas com estruturas reflexivas e/ou indeterminadas.*
>
> *Depoimento do Professor nº 3, doutorando em Linguística e Língua Portuguesa, de Belo Horizonte.*

Também a professora nº 7 mostrou em suas respostas que o falante tende a escrever essa estrutura no singular, uma vez que o sujeito é indeterminado e '*casas*' é o objeto direto e não sujeito por não ser humano, portanto incapaz de vender-se. A constatação dessa professora pode ser comprovada, pois os resultados mostram essa tendência de uso.

A professora nº 21 afirma que a recuperação do agente depende dos conhecimentos prévios do falante, vender casas recupera o corretor de imóveis, por isso ele tende usar o verbo no singular e reconhece que o sujeito é indeterminado

porque o autor da frase omitiu o corretor. Eu acrescento outros vendedores, pode ser o próprio dono das casas ou uma empresa imobiliária que emitiu o anúncio. Como não se consegue identificar esse agente, acredito que o sujeito é indeterminado e casas é o objeto direto.

O depoimento do professor nº 22 também mostra a dificuldade na inversão de uma VPS em VA e pensa que o sujeito é indeterminado e a investigação que fez ao telefonar para o contato do anúncio mostrou como um falante esclareceu por que escreveu '*aluga-se apartamentos*' no singular. O falante estava convicto de ele próprio era o agente, motivo pelo qual usou o verbo no singular.

Para mim, pensar em casas como sujeito é ignorar o vendedor. Esse é um dos maiores motivos para a tendência de uso do verbo dessa estrutura no singular quando o SN está no plural.

Para a professora nº 8 a falta de critério das gramáticas com relação à categoria gramatical da partícula ***se*** confunde o falante que acaba não percebendo a existência da forma padrão da VPS.

> *Há muitas controvérsias para colocar o **se** como uma das classes de palavras. O que mais os gramáticos fazem é atribuir usos possíveis para o **se**. A primeira impressão que se tem é que o **se** é sujeito ou o agente da passiva. Na mente do falante a única construção correta é: Vende-se casas. Ele usa um recurso de identificação do sujeito, utilizado por muitos professores de português. Esse recurso consiste em perguntar para o verbo 'quem vende casas?' e a resposta é **se**, que tem o sentido de alguém, qualquer pessoa ou instituição.*
>
> *Depoimento da Professora nº 8, mestre em Educação Tecnológica e graduada em Letras , de Contagem.*

Os profissionais especializados em ensinar o uso padrão da língua percebem inconsistência nas regras. Essa constatação reforça o que vem acontecendo com o uso dessa estrutura pelos usuários do português. A regra da VPS não está de acordo com a língua que está na mente dos falantes, os quais segundo Bybee e Hopper (2001) utilizam uma gramática emergente e variável, dependente do contexto de uso. Em outras palavras as formas linguísticas não se fixam na mente do falante, elas se formam à medida que são usadas, sendo adaptadas conforme suas necessidades para se comunicar.

Quando as professoras nº 9 e 11 afirmam que o agente não fica explícito ou não é identificado na VPS, elas me levam a inferir que há um agente indeterminado.

Constatações como esta levam-me a entender que um agente indeterminado, gera um sujeito indeterminado ao se inverter passiva para ativa. Apesar de essas professoras reconhecerem esse agente indeterminado, elas demonstraram em suas respostas que o SN posposto ao verbo + se é um sujeito paciente e que a estrutura é VPS.

A professora nº 15 viu que há problemas na VPS, pois não dá para saber quem vende as casas na expressão apresentada a ela. Diz que na voz passiva o agente não é importante e pode ser desconhecido, mas diz também que não dá para casas ser complemento verbal. Ela é confusa em suas explicações porque consegue resgatar a voz ativa de 'vendem-se casas' assim: 'eu vendo casas'. Ainda a professora culpa os falantes de desatentos com a concordância e por seguirem o que os outros escrevem.

5.4 Atividades Realizadas pelos Alunos do 9º Ano

As atividades realizadas pelos alunos levaram em conta a existência de uma estrutura fixa nas quais os estudantes tiveram apenas o trabalho de aplicar a fórmula verbo + se + SN (V+se+SN), no plural, pois cada questão direciona os estudantes a usarem essa estrutura com SN plural. Essa construção é prototípica do gênero anúncio, na qual, os falantes usam uma forma funcional reconhecida para atingir os propósitos comunicativos.

Essa estrutura é previsível, pois o falante percebe no VTD + se + SN um modelo de anúncio popular, que pode ser encontrado nas ruas, afixados em fachadas de empresas, nos objetos a serem negociados e até em árvores. Esse modelo propicia ao usuário da língua apenas trocar o verbo e o produto para indicar o que está sendo oferecido ou divulgado. Essa estrutura tornou-se um tipo de arranjo recorrente para determinadas funções comunicativas em português e está associada ao contexto linguístico e pragmático comercial. O significado desse modelo fica na memória do falante em função de seu uso, mais especificamente no contexto de anúncio. Em outras palavras, esse tipo de sentença possui um formato icônico que indica para os usuários da língua que se trata de um anúncio.

5.5 Anúncios de Jornais

Os dados retirados dos jornais comprovam que essa estrutura não caiu em desuso, mas que é pouco usada porque os jornais estão usando outras estruturas

para elaborar anúncios desse tipo. Esse pouco uso sofre variação linguística uma vez que as frases aparecem escritas tanto no singular quanto no plural.

Figura 13 - Contrata-se atores e atrizes

Fonte: Estado de Minas - 12 de agosto de 2010

Este anúncio busca contratar atores e atrizes e mostra para qual finalidade. O mais importante, se encontra em letras maiores e as informações complementares da exigência do perfil dos atores procurados estão menores e o contato menor ainda.

Outro anúncio (figura 14) para a admissão de funcionários exemplifica o modelo da estrutura VTD + se + SN plural mais utilizado nos jornais quando o anunciante opta por utilizar tal modelo: VTD + se no singular com SN plural. Geralmente, o verbo + se ficam no formato título e depois vem um texto que complementa o que está nele.

Figura 14 - Admite-se

Fonte: O Tempo – 14 de dezembro de 2010

A estrutura VTD + se + SN no âmbito comercial é mentalmente integrada ao contexto de negócios, sintaticamente integrada na forma singular. Por isso, segundo Givón (2001), essa construção linguística tem um caráter icônico, de constituintes dispostos na oração.

Entretanto, a maioria dos anúncios são produzidos com o nome da empresa que busca o serviço (figura 15). Isso mostra uma tendência de que o uso da estrutura VTD + se + SN não é o preferido pelos anunciantes.

Figura 15 - Construtora Liderança admite

Fonte: Jornal o Estado de Minas – 07 de julho de 2010

Também há anúncios utilizando a primeira pessoa, como na figura a seguir:

Figura 16 - Alugo stands

Fonte: Jornal o Estado de Minas – 24 de janeiro de 2012

Os verbos utilizados nos anúncios foram: ***admitir***, ***agregar***, ***alugar***, ***contratar***, ***procurar***, ***vender***, com ou sem concordância. Esses verbos produzem sentido relacionado a negócios e serviços, sendo comuns em anúncios.

Figura 17 - Alugar e admitir

Fonte: Jornal Folha de São Paulo - 20 de dezembro de 2012

Ao realizar essa pesquisa, encontrei anúncios com o emprego da estrutura em questão com verbo transitivo indireto: *necessita-se funcionários* e *precisa-se*

enfermeiras, sem a preposição. Isso é um indício de que o falante está confundindo com a estrutura do transitivo direto, fazendo uma hipercorreção.

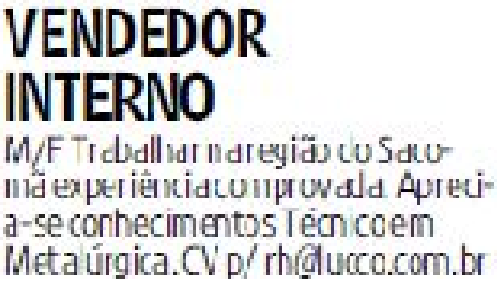
Figura 18 - Precisa-se preparador

Fonte: O Tempo - 16 de dezembro de 2010

Os verbo necessitar e precisar não fazem parte de nossa pesquisa por não pertencerem à estrutura VTD + se + SN, mas é curioso que eles tenham sido utilizados como se pertencessem a essa estrutura. Acredito que os verbos acompanhados do clítico ***se*** confundem o usuário do PB que acabam por omitir a preposição, mudar o sentido desse verbo, equiparando-os aos verbos transitivos diretos.

Também percebi que uma parte dos anúncios de jornal possui uma estrutura sem verbo. Por exemplo:

Figura 19 - Estrutura sem verbo



Fonte: Folha de São Paulo - 13 de dezembro de 2013

O que ajuda a entender este anúncio é o contexto, caderno de pequenos anúncios, a abreviaturas indicando que os candidatos são de ambos os sexos, o verbo trabalhar no infinitivo, experiência no ramo e a estrutura VTD+se+SN com os requisitos, mas a chamada principal não contém verbo.

5.6 Faixas, Cartazes e Placas

Nas estradas ou nas áreas urbanas, podem-se observar faixas, letreiros, cartazes e placas com anúncios produzidos na estrutura VTD + se + SN, com o SN no plural e verbo no singular. Essas frases ficam expostas por todos os lugares: *vende-se balas*, *contrata-se funcionários*, *faz-se entregas*, *aceita-se encomendas de salgados*. Ao empregar o verbo no singular, o falante demonstra que o importante não é quem oferece o objeto, mas o próprio objeto. Por isso, o verbo se mantém no singular, embora seja plural, o SN que vem após é usado pelo falante como complemento verbal. É o objeto direto, pois o sujeito está indeterminado, evidenciando que o importante é o que se tem a dizer sobre este.

As figuras 11 e 12 apresentadas nos resultados, página 108, são exemplos das variantes pesquisadas, utilizadas por uma mesma empresa. Tanto na primeira quanto na segunda, o SN está no plural e os anúncios foram produzidos com duas variantes do verbo:

Aluga-se cadeiras e guarda sol
Alugam-se cadeiras e guarda sol

A estrutura VTD + se + SN é simples, reduzida e parece tirar o foco do agente, possibilitando o entendimento de que o sujeito é indeterminado tanto do

ponto de vista semântico (pois tem um sentido vago de alguém que não importa para a comunicação), quanto do ponto de vista sintático (pois tem a forma de indeterminação do sujeito).

Provavelmente a empresa usou as duas variantes por ver os dois usos espalhados pela cidade, subtendendo que qualquer destas formas escritas está correta.

Quando uma loja coloca um anúncio em sua fachada com os dizeres: ***vende-se sombrinhas e guarda-chuvas***, o transeunte vai entender que a loja vende essas mercadorias. Não se usou o nome da loja, mas fica evidente para ele que a loja vende e não as mercadorias se vendem. Se uma faixa com apenas o enunciado ***vende-se*** estiver afixada sobre essa mesma loja, as pessoas vão pensar que a loja está a venda.

Acredito que existe uma diversidade de funções que o pronome ***se*** alcançou, ele possui valores diferentes para produzir enunciados de sentidos diversos, deixando o falante do PB confuso com relação ao uso dessa estrutura. Além disso, o português é uma língua predominantemente de ordem SV, tornando mais difícil para o falante realizar a concordância nas construções com a estrutura VTD + se + SN, que teriam a ordem VS.

Parece que a denominada VPS tem se transformado em uma fórmula V + ***se*** + SN. Para o falante é simples, pois ele entende que em ***vende-se***, 'alguém vende algo'. A estrutura é, pois, ícone de anúncio, uma vez que o usuário da língua associa a estrutura com algo sendo vendido ou um serviço sendo oferecido. A maior parte dos SN dessa estrutura considerados sujeito paciente pela gramática normativa tem o traço (- humano). Ainda assim, aqueles que têm o traço (+ humano), referem-se a

profissionais que as empresas procuram para contratar, isto é, trata-se de um cargo, não de uma pessoa determinada. Exemplo: *Contrata-se vendedores.*

Foi possível evidenciar que construções com V+se+SN produz uma representação de ação executada por alguém que não aparece, sobre um objeto afetado. Segundo Hopper e Thompson (1980), o verbo transitivo com o clítico **se** usado no discurso, possui dois participantes: o SN posposto à estrutura, que o falante usa como objeto direto, e é o sujeito, mesmo que ele não seja explícito. Esse sujeito é pressuposto na situação comunicativa.

Além disso, a estrutura VTD + se + SN é pouco usada para anúncios porque a maioria dos cartazes e faixas aparecem ou na primeira pessoa ou com o nome da empresa que está realizando a venda ou serviço. Exemplos: *Vendo carros*. *A Reauto vende carros*.

Em minha vivência percebo que a passiva sintética é sustentada pelas gramáticas normativas, textos acadêmicos e pelos manuais didáticos com anuência das instituições de ensino que buscam preparar o estudante principalmente para concursos. Desde 1908, Said Ali questionava a existência da VPS por não ter apoio na realidade, isto é, na gramática em uso.

A gramática não leva em conta o uso frequente de determinadas formas do discurso. Se assim fosse, o uso de variantes linguísticas não seria considerado erro nos meios acadêmicos.

Até estudiosos convencidos de que a passiva sintética não existe, usam o verbo no plural com essa estrutura acompanhada de SN plural por receio da avaliação crítica de seus leitores, que confiam na padronização imposta pela gramática. Esse temor pode motivar a sobrevivência dessa estrutura. Conforme

Moreno (2010), o que ainda faz sobreviver o ensino da VPS é a ilusão dos concursos, vestibulares, petições, textos formais e conservadores. Não fosse isso, a forma pluralizada do verbo já teria desaparecido.

Levando em conta que o falante usa o SN posposto ao verbo como OD e não como sujeito, entendo que há variação de número no verbo e divergência na análise sintática do SN posposto.

Conforme Castilho (2001, p. 61), o falante tem interpretado ou reanalisado o ***se*** como indeterminador do sujeito de uma sentença na voz ativa. Para o autor, a reanálise constitui-se em um dos fenômenos do processo de gramaticalização, em que um item lexical independente transforma-se em um item gramatical dependente, fazendo o falante recorrer a uma regra existente em sua gramática mental para usar o fenômeno.

Também Bechara (2004), ao tratar da VPS, aponta para uma reanálise do **se** apassivador que recebe uma interpretação impessoal, que passa a indeterminador do sujeito, fazendo com que o falante entenda o SN que era sujeito, como objeto direto. E essa função gramatical não exige a concordância verbal.

Penso que em caso de SN plural, se o falante flexiona o verbo no plural, ele não está utilizando a língua naturalmente adquirida, mas obedecendo a uma norma gramatical aprendida através do ensino da língua na sala de aula ou em preparação para a seleção em concursos.

A VTD + se + SN sofre variação linguística na flexão verbal e também, há uma frequência de uso que está cristalizando principalmente sentenças escritas como: *Vende-se casas* em lugar de *Vendem-se casas*. Em outras palavras, o plural do verbo na VPS deixa de ser usado, sendo substituído pelo uso singular.

Além disso, existem muitos trabalhos com abordagem na linguística variacionista, mostrando que a concordância verbal de um modo geral no PB ora se aplica, ora não se aplica, relacionando essa variação a fatores linguísticos e sociais. Independentemente de ser a estrutura VTD + se + SN, a concordância verbal é uma regra variável muito presente, tanto na linguagem oral quanto na escrita, e principalmente em usos de sujeito posposto ao verbo, caso em que se configura tal estrutura.

Concordo com Correia (2003) em sua afirmação de que a gramática permite inferir que a construção da estrutura VTD + se + SN pode ser interpretada tanto como uma passiva quanto uma voz ativa. No primeiro caso, o sujeito é paciente e o agente é nulo; no segundo, o sujeito é indeterminado, sendo o SN posposto ao verbo um objeto direto.

Nas descrições realizadas por Cegalla (1997) em diferentes partes de sua gramática com relação à chamada VPS, percebo contradições e pergunto: afinal, para autor, o verbo está na voz ativa, passiva ou reflexiva?

Cegalla (1997, p. 491), ao tratar do clítico ***se***, considera-o apassivador que forma a voz passiva pronominal ao se juntar com verbos transitivos. Entendo que todo verbo transitivo pede complemento, por isso concluo que o SN posposto ao verbo seja um objeto direto. Esse gramático e outros contradizem o que afirmam sobre a estrutura VTD + se + SN quando tratam do assunto em mais de uma seção da gramática. Isso mostra que não há regras claras para sustentar a existência da VPS. Explica ainda que a denominada VPS é formada pelo pronome apassivador e um verbo ativo na 3ª pessoa, afirmando que, para ser mais claro, deve-se dar a preferência para a VPA, se o sujeito for pessoa ou animal.

Existem controvérsias entre as regras e os desvios ditados pela gramática. Grande parte dos falantes analisou a estrutura VTD + se + SN como caso de indeterminação do sujeito, podendo se incluir nesse universo os professores de Língua Portuguesa que estão cientes da variação da flexão verbal nessa estrutura linguística.

A falta de equivalência semântica entre a voz passiva sintética e a analítica no PB ficou evidente. A descrição de equivalência não procede, uma vez que existe diferença de sentido entre as duas. Por isso, é um equívoco alguns gramáticos transformarem a VPS em VPA para justificar que a estrutura VPS é uma voz passiva. A ocorrência da passiva tem origem na construção ativa, pois no português existe somente a passividade que se estrutura na forma analítica.

Com todas essas discussões que envolvem a estrutura VTD + se + SN, entendo que o SN classificado como sujeito na gramática é reanalisado como objeto direto pelos usuários dessa estrutura, sejam eles comerciante, pintor de faixas e cartazes ou mesmo o cliente. Nesse caso, não há com quem o verbo concordar, pois não se sabe quem é o sujeito, e é com o sujeito que o verbo concorda, não com seu complemento.

Quando Bechara (2004) descreve o emprego do **se**, ele trata o "sujeito" da VPS como objeto direto, sendo o sujeito indeterminado:

> [...] o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: Vendem-se casas = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (É-se feliz). A passagem desse emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:
>
> Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → Vendem-se casas (= 'alguém tem casas para vender') → Vende-se casas. (BECHARA, 2004), p. 178).

Pode-se dizer que Bechara (2004) reconhece que o falante esteja reinterpretando essa estrutura como sendo de voz ativa com sujeito agente indeterminado e objeto direto.

Bagno (2005, p. 137) trata da estrutura VTD + se + SN em sua novela sociolinguística "A língua de Eulália". As personagens discutem a respeito da concordância desse tipo de voz verbal. Entre outros exemplos, elas discutem o enunciado: *Abatem-se mil galinhas diariamente*. Uma das personagens coloca na lousa: *abatem-se = são abatidas* e outra personagem diz que não existe equivalência nessas orações. Para ela, o enunciado não é uma forma passiva, pois a forma passiva seria: *Mil galinhas são abatidas*. O ato de abater é de um agente desconhecido que pratica a ação verbal. Nesse caso, ela considera o ***se*** como índice de indeterminação do agente. A personagem chega a essa constatação porque, ao se converter essa estrutura para a voz ativa como sugere a gramática normativa, faz-se necessário saber quem é o agente. Se mil galinhas é um sujeito paciente, recebeu a ação de um agente, onde está ele?

A única sugestão dos gramáticos que aceitam o SN posposto ao verbo transitivo seguido do clítico ***se*** é converter a estrutura em outra voz passiva. Os gramáticos mostram que, na conversão da voz passiva em voz ativa, o sujeito passivo se transforma em objeto direto e o agente da passiva, aquele que realmente praticou a ação do verbo se converte em sujeito. Ao se fazer essa conversão na estrutura VTD + se + SN, o enunciado assume um sentido ilógico. Nesse contexto, tem-se a impressão de que as **mil galinhas** iriam elas próprias se abater.

A inversão nem sempre é hábil, como "**ama-se"** (a alguém ou alguma coisa) por "**é amado"**, assim como se muda da voz ativa para a voz passiva, qualquer

verbo acompanhado de seu objeto. Substituir não é analisar: ou se analisam as formas como elas se apresentam, deixando as equivalências estilísticas “ou a gramática não existe”. Além de ser enganoso o processo de substituir, a aplicação da equivalência é precária. (SAID ALI, 1908, p. 139-141).

5.7 Considerações Relevantes

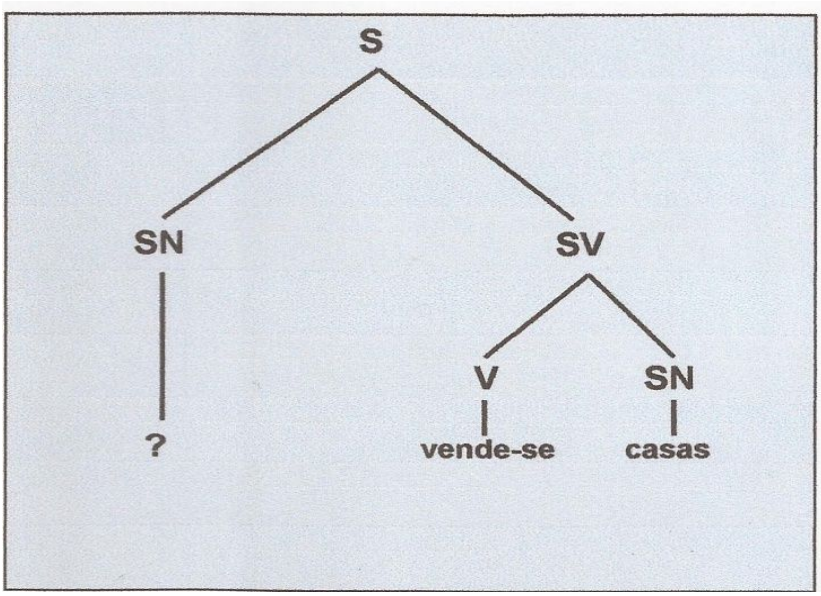
A estrutura existe, se é passiva, o é apenas na forma sobre a qual prescreve a gramática. Trata-se de voz ativa com sujeito indeterminado. Com relação a essa defesa, embasando-me em Correia (2003) e Perini (2003) e nos dados analisados, percebo a impossibilidade de se utilizar o objeto direto para transformar a VPS em ativa, pois não se trata de voz passiva e sim, de sujeito indeterminado, cujo objeto direto é o SN posposto ao verbo.

Por meio da análise dos dados, constatei que tanto os usuários entrevistados por fatores sociais, quanto professores da Língua Portuguesa, bem como os estudantes do 9º ano encontraram os dois argumentos referentes ao VTD, na estrutura VTD + se + SN. Como o sujeito está indeterminado, o SN posposto ao verbo tem a função sintática de objeto direto. Dessa forma, o falante está demonstrando através do uso que está reanalisando essa estrutura que a gramática chama de VPS, e esta pode ser representada pela estrutura esquematizada na figura a seguir.

A reanálise dessa estrutura pode ser entendida pela possibilidade de contextualizar semântica e sintaticamente, levando o usuário do PB a usar essa

construção sem a necessidade de realizar a concordância entre o verbo e o SN que a compõe.

Figura 20 – Reanálise da VPS



Fonte: Elaborada pela autora

Nessa configuração, o SN sujeito é indeterminado, o sintagma verbal (SV) é composto de VTD+se e o SN complemento verbal, o objeto direto.

De fato o ***se*** está perdendo a função de partícula apassivadora na estrutura VTD + se + SN e caminha para a gramaticalização, uma vez está se tornando uma forma estável, uma generalização, passível de ocorrer no singular mesmo que o SN pós-verbal esteja no plural. A respeito desse assunto, Menon (2006) afirma que:

> [...] no processo de gramaticalização de formas linguísticas, o item originário pode permanecer na língua: uma certa acepção que ele recebe se gramaticaliza; as demais não precisam necessariamente desaparecer. Isso porque o resultado da gramaticalização é uma forma gramatical, cristalizada, com função definida; não se trata mais do item lexical, mas sim de uma palavra ou forma funcional, gramatical. (MENON, 2006, p. 131).

Nesse sentido, há uma tendência de se empregar nos anúncios a estrutura com o verbo no singular, como uma forma cristalizada, um modelo, um ícone que se encontra no senso comum, ainda que não tenha desaparecido o uso do verbo no plural, pois o falante não considera como sujeito o SN plural, mas sim, um sujeito indeterminado, inserido em um contexto pragmático que não é claro na sentença. Também, o clítico ***se*** deixa de ser lido separadamente, integrando-se ao elemento verbal.

6 CONCLUSÃO

Ao final do presente projeto, tendo desenvolvido exaustiva leitura de diferentes autores sobre a polêmica voz passiva sintética e, após avaliar o resultado de cuidadosas informações colhidas de usuários não especialistas do PB, estudantes, professores, pessoas letradas e documentos, foi possível perceber o uso frequente do verbo no singular na estrutura VTD+se+SN plural em anúncios, que se sobrepõe à prescrição da gramática tradicional de que nessas condições, o verbo ficaria no plural.

Trata-se de uma questão acadêmica relevante e altamente complexa, para a qual vislumbro, no uso da propaganda e no uso dos informantes, uma tendência ao emprego do verbo singular com o SN plural, ao passo que, no meio culto e em situações formais, predomina o entendimento de que se trata de voz passiva, restringindo-se a indeterminação do sujeito aos casos típicos conhecidos.

Por outro lado, quanto à impropriedade da consideração de VTD+se como voz passiva sintética, não me pareceu imprópria a interpretação de alguns linguistas que tratam essa estrutura como **passiva impessoal**, na linha de semelhante construção latina com verbos intransitivos e relativos, como no exemplo ***sic itur ad astra,*** em português 'assim **se vai** aos astros'. Esses verbos assumem a forma passiva e não são passivos, mas ativos de sujeito indeterminado. Esta conclusão se apóia na compreensão de Pontes (cf. supra p.39) que acena para a possibilidade de o **se** ser apenas um morfema apassivador correspondente ao ***-tur*** do latim, formando a passiva impessoal.

A conclusão que me pareceu menos arriscada e, portanto, mais provável é a que vê na estrutura VTD+se+SN plural com verbo no singular, uma tendência a considerar que se trata de indeterminação do sujeito e não de voz passiva.

Os dados mostram o uso recorrente dessa estrutura, constituindo-se um modelo comunicativo, sendo uma construção prototípica do gênero anúncio, reconhecida pelos entrevistados como uma forma funcional para anunciar produtos ou serviços.

Há evidências quantitativas e qualitativas para mostrar que o que se convencionou chamar de VPS é, na verdade, uma VA com sujeito indeterminado. Os resultados obtidos evidenciam que é comum a tendência de uso singular com SN plural em anúncios escritos na língua corrente.

A hipótese de gramaticalização não é rejeitada, mas é de compreensão mais complexa. Há que se admitir que **vive-se** corresponde ao ***vivitur*** latino e que o clítico **se** tem função igual à do -**r** da passiva impessoal. Portanto, na estrutura VTD+se ou VI+se, o **se** passa da categoria de pronome reflexivo à de morfema desinencial formador da passiva impessoal com sujeito indeterminado. Confirma-se a compreensão de Castilho (*cf. supra* p.43) para quem, alterando-se a estrutura da passiva pronominal, afeta-se o sentido passivo que resulta em indeterminação do sujeito. Se tal não ocorre em todas as situações de uso, é plausível pensar que, pelo menos nas fórmulas cristalizadas dos anúncios comerciais, já será fato consumado.

Os percentuais foram equilibrados, evidenciando que a estrutura VTD+se+SN plural não é caso de estratificação, pois os falantes de todos os grupos de fatores tendem a usar o verbo no singular.

Do ponto de vista teórico, são ponderáveis as posições adotadas por gramáticos e linguistas. Como pioneiro, Said Ali inclui a questão nas dificuldades da língua e, antecipando-se à linguística moderna, esclarece que não se trata de voz passiva, mas de voz ativa com sujeito indeterminado. A essa voz abalizada soma-se a opinião de Luft que diz tratar-se de “sujeito indefinido, formalizado no **se**...”.

Finalmente, essa pesquisa aponta que ainda é preciso investigar outros usos dessa estrutura no português brasileiro e mesmo no português europeu escrito, incluindo textos acadêmicos e em outros gêneros textuais. Portanto, há um campo aberto para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Martins de. **Notas e estudos de português.** Fortaleza: Empresa Editora Fortaleza, 1942.

BAGNO, Marcos. **Português brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália.** 14 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, Marcos.**Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Lições de português.** 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1961.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 2004.

BENTIVOGLIO, Paola. **Función y significado de la posposición del sujeto nominal en el español hablado.** 45ºCongresso Internacional de Americanistas, Simpósio sobre el español de América, Bogotá: 1986.

BRANDÃO, Cláudio. **Sintaxe clássica portuguesa.** Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1963.

BYBEE, J.; HOPPER, P. J. (Eds,) **Frequency and the emergence of linguistic structure.** Filadelfia: J. Benjamins, 2001. P. 1-23.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral:** como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 6. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis, 1984.

CASTILHO, Ataliba T. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: FAPESP, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa.**40. ed. São Paulo: Nacional, 1997.

CHOMSKY, Noam. **Sobre a natureza e linguagem.** (Org.) Adriana Belletti e Luigi Rizzi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CORREIA, Deolinda Rosa Varela Marques. **Passivas e Pseudo-Passivas em Português Europeu -** Produção Provocada e Compreensão. Lisboa, 2003. Dissertação de mestrado da Escola Superior de Educação de Leiria - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica.** 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

CRUZ, José Marques da. **Português prático.** Gramática. 18. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1947.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5. ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

ERNOUT, A., THOMAS, F. Le verbe: voix et notions anexes. In: **Syntaxe latine**. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1953. P. 201-287.

FRANÇA, António Lages. **Ensino programado de português.**Belo Horizonte: 1972.

FURTADO DA CUNHA, Maria. A. *at al*. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria A. *at al*.In: **Linguística funcional:** teoria e prática. Rio de janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org**.). Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.

GIVÓN, Talmy. **Funcionalism and gramar.** Amsterdam: Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**. Volume I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GUY Gregory, Riodan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa.**Instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London:Edward Arnold, 1994.

HARRIS, Zellig. **Structural Linguistics**. Chicago: Chicago Press, 1951.

HÉLIO SILVA, Maria da Conceição. **Formas verbais e indeterminação:** o agente dissimulado. Salvador: UFBA, 2009.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. In: **Language**. Oxford: Oxford University Press, 1980. p. 251-299

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalizacion. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Classe social.** Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?searchword=classe+social&ordering=&searchphrase=all&Itemid=1&option=com_search, 2010. Acesso em 25 de julho de 2011..

KURY, Adriano da Gama. **Lições de análise sintática.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. In: **Sociolinguistic patterns**. Pensilvânia: University Press, 1972.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change** (vol. 1: internal factors). Cambridge, MA, Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Linguistic variation as social practice.** Language in Society. Review of Penelope Eckert, Cambridge: University of Cambridge Press, 2002.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: **Language in society**, n. 7, 1978. p. 171-182.

LIONS, John. **Linguagem e linguística.** Uma introdução. Trad. Cambridge University Press. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al*. (Org.) **Gramaticalização no português do Brasil:** uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MENON, Odete Pereira da Silva. **A história de você.** Araraquara: UNESP, 2006.

MIRA MATEUS *et al*.**Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

MOINO, Ruth Elisabeth Lopes. Passivas nos discursos oral e escrito. In: TARALLO, Fernando. **Fotografias sociolinguísticas.** São Paulo: Pontes, 1989.

MOLLICA, Maria Cecília. (Org.) **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MOREIRA, Almir; ARAÚJO, Dênis. **Português e literatura:** visão atual. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

MORENO, Cláudio. **Concordância com a passiva sintética.** In: Sua Língua, Porto Alegre, jul. 2010. Disponível: http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2010/07/09/ concordancia-com-a- passiva-sintetica/ Acesso em 03 de abril de 2014.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

NARO, Anthony. The genesis of the reflexive impersonal in portuguese: A study in syntactic change as a surface phenomenon. In: **Language**. New York: Baltimore, v. 52, n. 4, p. 779-811, Dezembro, 1976.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

PONTES, Eunice Souza Lima. **Sujeito:** da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática, 1986.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Serões grammaticaes ou Nova gramática portuguesa**. Bahia: Aguiar & Souza Ltda, 1956.

RIBEIRO, J. **Grammática Portuguesa.** Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1884.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; & TAGLIAMONTE, S. **Goldvarb2001.** Disponível em <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>. Acesso em 17 de mai. 2013.

ROCHA LIMA, Carlos H. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 32. ed.São Paulo: José Olympio, 1994.

SACCONI, Luiz Antonio. **Gramática essencial da língua portuguesa**. 14. ed. São Paulo: Atual, 1991.

SAID ALI, Manuel. **Dificuldades da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1908.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa.** São Paulo: Cia Melhoramentos, 1921.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle.** Variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, Alexsandra Ferreira da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. A gramaticalização da construção “vtd + se no português do Brasil. In: **Estudos linguísticos/Linguistic studies.** Lisboa: Colibri, 2009.

SILVA, Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões sociolinguísticos:** análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1986.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então:** estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Tese de Doutorado em Linguística

TONDO, Nádia Vellinho. **Sintaxe e semântica da concordância verbal.** Porto Alegre: Sulina, 1978.

TORRES, Artur de Almeida. **Moderna gramática expositiva da língua portuguesa**. 9. ed. Rio de Janeiro, 1960.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change.** Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. ; HEINE, Bernd. (eds.) **Approaches to grammaticalization**. Vol. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: Benjamins, 1991.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

ANEXO A

Entrevista

Informante nº _____ Idade: _____ Escolaridade: _____ Sexo: _____

Assinale a faixa em que se encontra sua renda individual ou do chefe da família?

( ) Acima de R$ 9733,47
( ) Entre R$ 6563,73 e R$ 9733,47
( ) Entre 3479,36 e R$ 6563,73
( ) Entre R$ 2012,67 e R$ 3479,36
( ) Entre R$ 1194,53 e 2012,67
( ) Entre R$ 726,26 e R$ 1194,53
( ) Entre R$ 484,97 e R$ 726,26
( ) Entre R$ 276,70 e R$ 484,97

QUESTIONÁRIO

1 Qual frase está correta na sua opinião?

( ) Vende-se casas. ( ) Vendem-se casas.

Por quê?_____

_____

2 Na frase que você escolheu, qual é o sujeito do verbo vender? Isto é, quem vende as casas?

( ) Sujeito: casas ( ) Ele ( ) Eles ( ) Alguém ( ) Eu

3 Qual é a função da palavra **casas**?

( ) Sujeito ( ) Complemento do verbo vender

4 Qual é a função do pronome SE?

( ) Complemento do verbo vender
( ) Sujeito do verbo vender
( ) Pronome incorporado ao verbo

5 Quando é que esse tipo de frase é usada? (pode marcar mais de uma)

( ) Na produção oral

( ) Em qualquer produção escrita

6 Qual é a função desse tipo de frase? (pode marcar mais de uma)

( ) Anunciar produto ou serviço

( ) Omitir a pessoa que pratica a ação do verbo.

7 Você entende que o verbo está na voz:

( ) Ativa ( ) Passiva ( ) Desconhece o assunto

Como falante da Língua Portuguesa, como você se sentiu respondendo esta pesquisa?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

ANEXO B

RODADAS DO PROGRAMA VARBRUL - RESUMO FINAL

• GROUPS & FACTORS • 29/07/2014 17:47:45 ••

Group Default Factors

1 S SP

2 M MF

3 J JV

4 X XY

5 Z ZR

• CELL CREATION • 29/07/2014 17:47:45 ••

Name of token file: Untitled.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

)

Number of cells: 16

Application value(s): SP

Total no. of factors: 8

Group		S	P	Total	%
1 (2)		S	P		
M	N	73	19	92	46.0
	%	79.3	20.7		
F	N	86	22	108	54.0
	%	79.6	20.4		
Total	N	159	41	200	
	%	79.5	20.5		
2 (3)		S	P		
J	N	78	25	103	51.5
	%	75.7	24.3		
V	N	81	16	97	48.5
	%	83.5	16.5		
Total	N	159	41	200	
	%	79.5	20.5		
3 (4)		S	P		
X	N	71	12	83	41.5
	%	85.5	14.5		
Y	N	88	29	117	58.5
	%	75.2	24.8		
Total	N	159	41	200	
	%	79.5	20.5		

```
----------------------------------------
 4 (5)       S      P
  Z  N     71     19     90  45.0
     %    78.9   21.1
  R  N     88     22    110  55.0
     %    80.0   20.0
 Total N    159     41    200
     %    79.5   20.5
----------------------------------------
 TOTAL N    159     41    200
     %    79.5   20.5
 Name of new cell file: .cel
• BINOMIAL VARBRUL • 29/07/2014 17:47:45 ••••••••••••••••••••••••••••••••••••
Name of cell file: .cel
Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001
Stepping up...
---------- Level # 0 ----------
Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.795
Log likelihood = -101.451
---------- Level # 1 ----------
Run # 2, 2 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.795
Group # 1 -- M: 0.498, F: 0.502
Log likelihood = -101.450  Significance = 0.964
Run # 3, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.798
Group # 2 -- J: 0.442, V: 0.562
Log likelihood = -100.517  Significance = 0.179
Run # 4, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.800
Group # 3 -- X: 0.596, Y: 0.431
Log likelihood = -99.812  Significance = 0.075

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 3
Input 0.795
Group # 4 -- Z: 0.491, R: 0.507
Log likelihood = -101.433  Significance = 0.855
No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: None
Best stepping up run:  #1
------------------------------------------------
Stepping down...
---------- Level # 4 ----------
Run # 6, 16 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.804
```

Group # 1 -- M: 0.499, F: 0.501
Group # 2 -- J: 0.433, V: 0.571
Group # 3 -- X: 0.613, Y: 0.419
Group # 4 -- Z: 0.470, R: 0.524
Log likelihood = -98.385
---------- Level # 3 ----------
Run # 7, 8 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.804
Group # 2 -- J: 0.433, V: 0.571
Group # 3 -- X: 0.613, Y: 0.419
Group # 4 -- Z: 0.470, R: 0.524
*** Warning, negative change in likelihood (-0.00010155) replaced by 0.0.
Log likelihood = -98.385 Significance = 1.000
Run # 8, 8 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.801
Group # 1 -- M: 0.494, F: 0.505
Group # 3 -- X: 0.604, Y: 0.426
Group # 4 -- Z: 0.468, R: 0.526
Log likelihood = -99.598 Significance = 0.126
Run # 9, 8 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.798
Group # 1 -- M: 0.501, F: 0.499
Group # 2 -- J: 0.442, V: 0.561
Group # 4 -- Z: 0.494, R: 0.505
Log likelihood = -100.509 Significance = 0.042

Run # 10, 8 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.804
Group # 1 -- M: 0.500, F: 0.500
Group # 2 -- J: 0.432, V: 0.572
Group # 3 -- X: 0.606, Y: 0.424
Log likelihood = -98.565 Significance = 0.561

Cut Group # 1 with factors MF
---------- Level # 2 ----------
Run # 11, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.801
Group # 3 -- X: 0.604, Y: 0.426
Group # 4 -- Z: 0.468, R: 0.526
Log likelihood = -99.606 Significance = 0.125

Run # 12, 4 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.798
Group # 2 -- J: 0.442, V: 0.561
Group # 4 -- Z: 0.494, R: 0.505
Log likelihood = -100.510 Significance = 0.042

Run # 13, 4 cells:
Convergence at Iteration 5

Input 0.804
Group # 2 -- J: 0.432, V: 0.572
Group # 3 -- X: 0.606, Y: 0.424
Log likelihood = -98.565 Significance = 0.561

Cut Group # 4 with factors ZR

---------- Level # 1 ----------
Run # 14, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.800
Group # 3 -- X: 0.596, Y: 0.431
Log likelihood = -99.812 Significance = 0.120
Run # 15, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.798
Group # 2 -- J: 0.442, V: 0.562
Log likelihood = -100.517 Significance = 0.049
Cut Group # 2 with factors JV

---------- Level # 0 ----------
Run # 16, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.795
Log likelihood = -101.451 Significance = 0.075

Cut Group # 3 with factors XY
Groups eliminated while stepping down: 1 4 2 3
Best stepping up run: #1
Best stepping down run: #16

Threshold, step-up/down: 0.050001
Stepping up...
---------- Level # 0 ----------
Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.795
Log likelihood = -101.451
--------- Level # 1 ----------
Run # 2, 2 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.795
Group # 1 -- M: 0.498, F: 0.502
Log likelihood = -101.450 Significance = 0.964
Run # 3, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.798
Group # 2 -- J: 0.442, V: 0.562
Log likelihood = -100.517 Significance = 0.179
Run # 4, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.800
Group # 3 -- X: 0.596, Y: 0.431
Log likelihood = -99.812 Significance = 0.075

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 3
Input 0.795
Group # 4 -- Z: 0.491, R: 0.507
Log likelihood = -101.433 Significance = 0.855

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: None
Best stepping up run: #1

Stepping down...
---------- Level # 4 ----------
Run # 6, 16 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.804
Group # 1 -- M: 0.499, F: 0.501
Group # 2 -- J: 0.433, V: 0.571
Group # 3 -- X: 0.613, Y: 0.419
Group # 4 -- Z: 0.470, R: 0.524
Log likelihood = -98.385
---------- Level # 3 ----------
Run # 7, 8 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.804
Group # 2 -- J: 0.433, V: 0.571
Group # 3 -- X: 0.613, Y: 0.419
Group # 4 -- Z: 0.470, R: 0.524
*** Warning, negative change in likelihood (-0.00010155) replaced by 0.0.
Log likelihood = -98.385 Significance = 1.000
Run # 8, 8 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.801
Group # 1 -- M: 0.494, F: 0.505
Group # 3 -- X: 0.604, Y: 0.426
Group # 4 -- Z: 0.468, R: 0.526
Log likelihood = -99.598 Significance = 0.126
Run # 9, 8 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.798
Group # 1 -- M: 0.501, F: 0.499
Group # 2 -- J: 0.442, V: 0.561
Group # 4 -- Z: 0.494, R: 0.505
Log likelihood = -100.509 Significance = 0.042
Run # 10, 8 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.804
Group # 1 -- M: 0.500, F: 0.500
Group # 2 -- J: 0.432, V: 0.572
Group # 3 -- X: 0.606, Y: 0.424
Log likelihood = -98.565 Significance = 0.561

Cut Group # 1 with factors MF

---------- Level # 2 ----------

Run # 11, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.801
Group # 3 -- X: 0.604, Y: 0.426
Group # 4 -- Z: 0.468, R: 0.526
Log likelihood = -99.606 Significance = 0.125
Run # 12, 4 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.798
Group # 2 -- J: 0.442, V: 0.561
Group # 4 -- Z: 0.494, R: 0.505
Log likelihood = -100.510 Significance = 0.042
Run # 13, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.804
Group # 2 -- J: 0.432, V: 0.572
Group # 3 -- X: 0.606, Y: 0.424
Log likelihood = -98.565 Significance = 0.561

Cut Group # 4 with factors ZR

---------- Level # 1 ----------
Run # 14, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.800
Group # 3 -- X: 0.596, Y: 0.431
Log likelihood = -99.812 Significance = 0.120

Run # 15, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.798
Group # 2 -- J: 0.442, V: 0.562
Log likelihood = -100.517 Significance = 0.049

Cut Group # 2 with factors JV

---------- Level # 0 ----------

Run # 16, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.795
Log likelihood = -101.451 Significance = 0.075

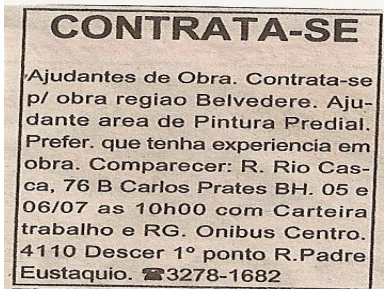
Cut Group # 3 with factors XY
Groups eliminated while stepping down: 1 4 2 3

Best stepping up run: #1
Best stepping down run: #16

ANEXO C - ANÚNCIOS DE JORNAL

Jornal Estado de Minas - 16 de janeiro de 2011

Jornal Estado de Minas - 23 de janeiro de 2011



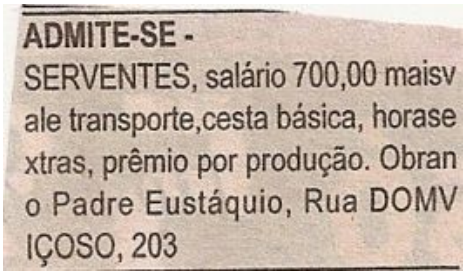
O Tempo – 22 de fevereiro de 2010

O Tempo 08 de março de 2010

CONTRATA-SE

10 PEDREIROS - 15 SERVENTES - 05 ELETRICISTAS. Experiência comprovada. **Comparecer na Av. Augusto de Lima , nº 1313 - Barro Preto - B.H.**

O Tempo – 25 de março de 2010



ADMITE-SE -

SERVENTES, salário 700,00 maisvale transporte,cesta básica, horasextras, prêmio por produção. Obrano Padre Eustáquio, Rua DOMVIÇOSO, 203

CONTRATA-SE

VENDENDORES EXTERNO
Precisa-se para o ramo de telefonia móvel corporativa. Oferecemos: Treinamento, assessoria, agendamentos, comissões, ajuda de custo e premiações. Oportunidade para excelente ganhos financeiros. Interessados enviar currículo por e-mail: consultorestbp@gmail.com ou ligar (31)37869558

ADMITE-SE

(31)3333-1654

MONTADORES E MARCENEIROS c/ experiência para indústria de móveis. Enviar currículo: **rodrigo.fernandes@hfambientes.com.br ☎ 3333-1654**

ADMITE-SE:

AUXILIAR. DE PRODUÇÃO e **AJUD. CARGA e DESCARGA** Masculino. Comparecer a Av. Marcelo Diniz Xavier 451, Bairro Califórnia/ Água Branca – Ônibus 2210 ou metrô Eldorado. **☎(31) 3395-0511**

O Tempo 29 de abril de 2010

ADMITE-SE

MANOBRISTAS Melhor salário da categoria, VR+ CB + VT., uniforme e premiação por produtividade. Habilitação cat. B+, disp. horário, idade acima 21 anos. Comparecer Av: Amazonas, 510 - Centro dia 08/03/10 no horário de 08:00 ás 12:00 horas, com currículo e doc. pessoais.

CONTRATA-SE

(31)2567-4408

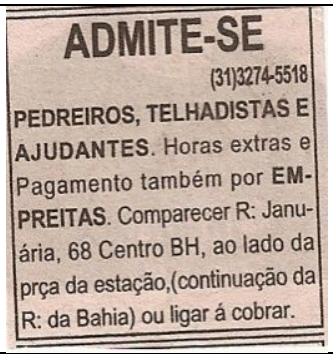
200 vagas Op de Telemarketing, s/ exp. C/ 2º grau, ac. 18 anos e informática.Resolução RH **(31)2567-4409**

CONTRATA-SE

Maquinistas- Op. de Seccionadora , Op. de Coladeira de Bordas. Montador de Móveis, c/ exp. em fórmica. Sal. à combinar.* Idade Máxima: 30 anos Tr BR 262 (Anel Rodoviário de BH),1206- B. Olhos D'água

☎(31)3288-1224

O Tempo 06 de junho de 2010

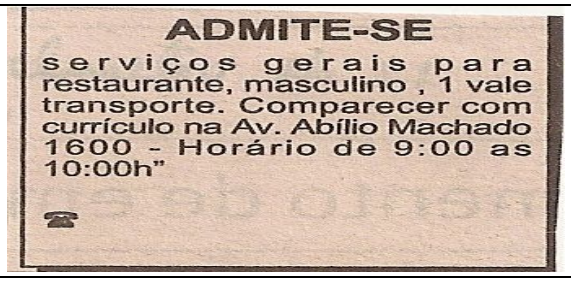


Jornal O Tempo - 31 de junho 2010

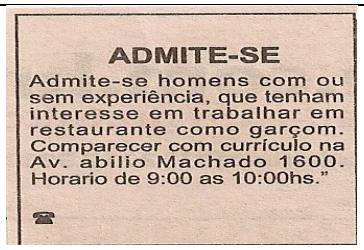
O Tempo 09 de julho de 2010

O Tempo 31 de julho de 2010

O Tempo 12 de agosto de 2010



O Tempo 09 de setembro de 2010



O Tempo – 12 de setembro de 2010

O Tempo – 20 de setembro de 2010

Jornal O Tempo - 11 de novembro/23 de dezembro de 2010

CONTRATA-SE -
Cozinheira e Balconista p/ self - service. Tratar: Av. Afonso Pena, 4405 , próx. a Pça da Bandeira.

CONTRATA-SE -
Estagiários Engenharia Elétrica, conhecimento de Automação industrial e Autocad 3D. e - mail: geraldo.lucchesi@yahoo.com.br

CONTRATA-SE

Profissionais para o comércio de BH. Vagas para: Vendas, Operador de caixa, Estoquista e Auxiliar administrativo. Requisitos: 2º grau completo, de 18 a 40 anos, conhecimento em informática e experiência 6 meses na área. Encaminhar currículo p/: banco.emprego@gmail.com ou Av. João Pinheiro- 515- BH

ADMITE-SE:
Rapazes para ESTOQUISTAS
Comparecer à:
Rua São Paulo nº 157 Centro
Belo Horizonte
Currículo com foto.

*

CONTRATA - SE: COZINHEIRO, COPEIRO, PIZZAIOLO E GARÇOM C/ EXPERIÊNCIA - AJUDANTE DE COZINHA E DE CHURRASQUEIRO. Sálario a combinar. Enviar Curriculos p/ boicastelolive.com

CONTRATA-SE RAPAZES -
Rapazes de 19 a 35 anos para trabalhar em posto de gasolina. 1ºgrau completo. Não exige experiencia. Contratação imediata. Comparecer terça-feira dia 21/09, as 14:00h com curriculo. Av. Antônio Carlos, 4250 - Pampulha

ADMITE-SE

Eletricista e ajudante de eletricista para trabalhar com cabeamento estruturado.Enviar CV para:jahyr@bynetcabeamento.com.br

O Tempo – 18 de novembro de 2010

* Repete-se: O Tempo - 23 de dezembro de 2010

ADMITE-SE
(31)3046-2007
Chapista e Balconista de lanchonete.Telesanduiche Jacaré. R. Ipuera, 706, lj 08 Novo Eldorado. ônib: 2580(Eldorado) Ref: ao lado praça

CONTRATA-SE
02 Auxiliares de Montagem e Manutenção de elevadores de obras / Guincho. com ou sem experiência, 3487-4316 CV: para elm-2000@hotmail.com

ADMITE - SE
(31)2516-0100
Lanterneiro e Preparador.Salário +VT+VR+ Cesta Basica+ Pl Saude. ☎ 9819 - 8687

ADMITE-SE
(31)3462-3924
Domésticas e Babás. Com exp. comprovada em carteira e disponib. para dormir emprego. Sal. R$765,00 a R$1.500,00. Urgente! Alice (31)3462-6576

O Tempo - 19 de Dezembro de 2010

ADMITE:
RAPAZES
Para FISCAL DE LOJA
1º grau completo.
Comparecer
na Av: Afonso Pena,
329 Centro -BH

Padaria e Confeitaria
Café da Manhã Contrata:
- Faxineira
- Aux. Produção
- Atendente
- Caixa
- Repositor
- Aux. Dep. Pessoal

Interessados comparecer a Av. Raja Gabáglia nº1740, Cj. Santa Maria/MG. Próximo ao Tribunal de Justiça

CONTRATA-SE

Contrata-se Frentistas Caixa para trabalhar na região de Contagem, Betim, Venda Nova, Pampulha e Centro BH. Escala 12 x 36, disponibilidade de horário e com perfil de vendas. Salário R$ 767,00 (+) cesta básica e VT. Idade: 25 a 40 anos. Enviar currículo: sandra@attempo.com.br

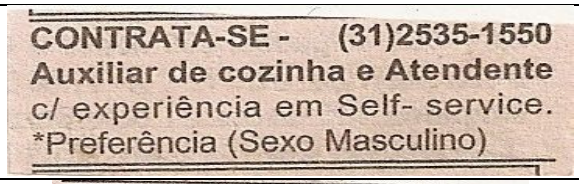
O Tempo –20 de novembro de 2010

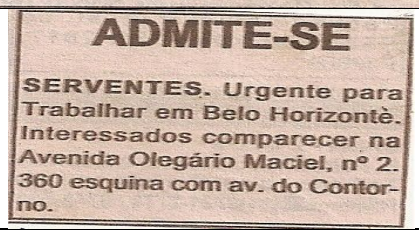
O Tempo – 21 de Novembro de 2010

O Tempo 26 de novembro de 2010

O Tempo 27 de novembro de 2010

O Tempo 07 de Dezembro de 2010





O Tempo – 08 de dezembro de 2010

O Tempo – 11 de dezembro de 2010

ADMITE-SE

Jovens para trabalhar em Lava-jato. ☎3461-3368 // 3461-3777 Evandro

CONTRATA-SE VENDEDORES - C/ exp. p/ região Leste BH e Nova Lima. Junior. ☎ (31) 8606- 6665. walderbraga@gmail.com

CONTRATA -SE INSTALADORES -

Contrata-se instaladores na área de segurança eletrônica com experiência e CNH categoria A. Assinamos carteira. Interessados entrar em contato. **Ative Segurança Eletrônica. ☎ (31) 3442-5131**

ADMITE-SE:

AUXILIAR. DE PRODUÇÃO e AJUD. CARGA e DESCARGA Masculino. Comparecer a Av. Marcelo Diniz Xavier 451, Bairro Califórnia/ Água Branca – Ônibus 2210 ou metrô Eldorado. ☎(31) 3395-0511

CONTRATA-SE

Profissionais para o comércio de BH. Vagas para: Vendas, Operador de caixa, Estoquista e Auxiliar administrativo. Requisitos: 2º grau completo, de 18 a 40 anos, conhecimento em informática e experiência 6 meses na área. Encaminhar currículo p/: **banco.emprego@gmail.com ou Av. João Pinheiro- 515- BH**

CONTRATA - SE

Escola de Cursos Profissionalizantes contrata ambos os sexos a partir de 18 anos: *** Vendedor(a) interno(a); * Operador de telemarketing / Televendas; * Supervisor de telemarketing. Para contratação no início de Janeiro de 2011.** Os interessados devem encaminhar o currículo com pretensão salarial para o email **curriculosvagasrh2010@gmail.com especificando o cargo pretendido no assunto.**

O Tempo - 14 de Dezembro de 2010

O Tempo - 16 de Dezembro de 2010

CONTRATA - SE

VENDEDORES EXTERNO - Precisa-se para o ramo de telefonia móvel corporativa, idade a partir de 25 anos. Oferecemos: Treinamento, assessoria, agendamentos, comissões , ajuda de custo e mais premiações. Oportunidade de ótimos ganhos. **Interessados enviar curriculo por email: vidatelecom@gmail.com**

CONTRATA-SE

Profissionais para o comércio de BH. Vagas para: Vendas, Operador de caixa, Estoquista e Auxiliar administrativo. Requisitos: 2º grau completo, de 18 a 40 anos, conhecimento em informática e experiência 6 meses na área. Encaminhar currículo p/: **banco.emprego@gmail.com ou Av. João Pinheiro- 515- BH**

CONTRATA-SE

Aux. dpto pessoal (masc/fem) e serv. gerais(sexo fem.) que morem em Betim. Curriculo para GRP2809@hotmail.com.

14 de janeiro de 2011

ADMITE-SE

(31)3462-3924

Domésticas e Babás. Com exp. comprovada em carteira e disponib. para dormir emprego. Sal. R$765,00 a R$1.500,00. Urgente! Alice **(31)3462-6576**

CONTRATA-SE

AUX SERV. GERAIS e AUX. COZINHA Restaurante bairro buritis, seg à seg. com um folga por semana. S. médio R$650,00. Exp. Comprovada, disponibilidade de horários e local de trabalho. Interessados ☎ **(31)37852909 – currículos@compresa.com.br**

ADMITE-SE

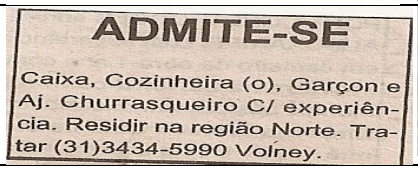
Garçon e cozinheiro com experiência. Tratar R. Timbiras, 1492 - Funcionários - BH a partir das 09:00 h.

O Tempo 16 de Janeiro de 2011

O Tempo 17 de Janeiro de 2011

Jornal O Tempo 17 de Janeiro de 2011

O Tempo – 05 de maio de 2011



O Tempo - 12 de julho de 2011

O Tempo - 26 de agosto de 2011

Estado de Minas – 28 de março de 2010

Jornal o Estado de Minas –03 de julho de 2010

Jornal o Estado de Minas – 07 de julho de 2010

Jornal o Estado de Minas – 12 de julho de 2010/ 23 de julho de 2010

Jornal Estado de Minas – 12 de agosto de 2010

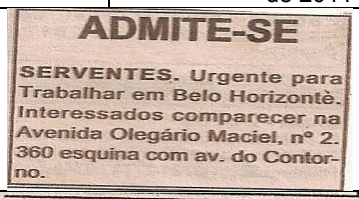
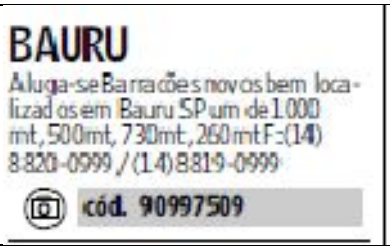
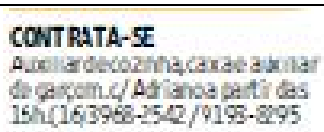
Jornal Estado de Minas – 18 de agosto de 2010

Jornal Estado de Minas – 10 de setembro de 2010

Jornal Estado de Minas – 11 de novembro de 2010

Estado de Minas – 16 de dezembro de 2010

Jornal o Estado de Minas – 12 de julho de 2011

<table>
<tr>
<td>
</td>
<td>
</td>
<td>
</td>
</tr>
<tr>
<td colspan="2">Estado de minas 26 de julho de 2011</td>
<td>Estado de Minas – 23 de agosto de 2011</td>
</tr>
<tr>
<td>
</td>
<td> 
</td>
</tr>
<tr>
<td>
</td>
<td>
</td>
</tr>
<tr>
<td colspan="2">Estado de Minas – 23 de agosto de 2011</td>
</tr>
<tr>
<td>
</td>
<td>Vendem-se ruas em BH.</td>
</tr>
<tr>
<td>Jornal Estado de Minas – 25 de agosto de 2011</td>
<td>Jornal Estado de Minas - 16 de maio de 2012</td>
</tr>
<tr>
<td> 
</td>
<td> 
</td>
</tr>
<tr>
<td>Jornal Folha de São Paulo - 01 e 02 de dezembro de 2012</td>
<td>Jornal Folha de São Paulo - 02 de dezembro de 2012</td>
</tr>
</table>

AGREGA-SE Cavalos p/ transp. de container. SP/ MT/ MS/ GO. ID7*42355/ (19)9785-3262	
Jornal Folha de São Paulo - 01 e 08 de dezembro de 2012	Jornal Folha de São Paulo - 06 e 20 de dezembro de 2012
PROCURA-SE EMPREENDEDORES!	M/F Admite-se médicos plantonistas para São Paulo e Litoral. Contatar Dr. Franz
Jornal Folha de São Paulo - 08, 09 e 11 de dezembro de 2012	Jornal Folha de São Paulo - 09, 13 e 16 de dezembro de 2012
VENDEDOR INTERNO M/F Trabalharn a região do Sacomã experiência comprovada. Apredi-a-se conhecimentos Técnico em Metalúrgica. CV p/ rh@ucco.com.br	AGREGA-SE URGENTE Agrega-se urgente, para produtos congelados: Vans (HR, Ducato, Renault). Veiculos Novos. Tr. Valter/ Marisa, hor. coml., F: 2745-3355
Jornal Folha de São Paulo - 09 e 13 de dezembro de 2012	Jornal Folha de São Paulo - 13 de dezembro de 2012
AGREGA-SE Cavalos p/ transp. de container. SP/ MT/ MS/ GO. ID7*42355/ (19)9785-3262	AGREGA-SE Veículos: HR, VUC, Furgão, toco, truck e carreta. Tel: (11) 3571-0400
Jornal Folha de São Paulo - 16 de dezembro de 2012	Jornal Folha de São Paulo - 20 de dezembro de 2012

ANEXO D - FOTOGRAFIAS

Vende-se caxorros pudos
Fonte: blogspot, 2011

Vende-se 15 blusas*
Fonte: blogspot, 2011

Vende-se 15 blusas 2 vestidos são peças novas e semi novas 2 reais cada peça. *

Fonte: Fotografia da autora, 21 de fevereiro de 2010

Contrata-se empreiteiros.

Fonte: Fotografia da autora, 20 de abril de 2010.

Fonte: Fotografia da autora, 12 de maio de 2010.

Fonte: Fotografia da autora, 27 de julho de 2010.

Fonte: Fotografia da autora, 247 de janeiro de 2011.

Fonte: Fotografia da autora, 29 de janeiro de 2011.

Alugam-se vagas.

Fonte: Fotografia da autora, 18 de março de 2011.

Colocam-se rebites...

Fonte: Fotografia da autora, 07 de agosto de 2011.

Vende para investir...

Fonte: Fotografia da autora, 07 de agosto de 2011.

Fonte: Fotografia da autora, 18 novembro de 2011

<table>
<tr>
<td>
</td>
<td>
</td>
</tr>
<tr>
<td>Fonte: Fotografia da autora, 20 de dezembro de 2011</td>
<td>Admite-se captador de imóveis para alugueis, recepcionistas, arquivista, advogado, gerente para locação
Fonte: Fotografia da autora, 02 de abril de 2012</td>
</tr>
<tr>
<td>
</td>
<td>

Aluga-se cadeiras e guarda sol</td>
</tr>
<tr>
<td>Fonte: Fotografia da autora, 07 de abril de 2012</td>
<td>Fonte: Fotografia da autora, 27 de agosto de 2012</td>
</tr>
<tr>
<td>

Aluga-se cadeiras e guarda sol</td>
<td>
</td>
</tr>
<tr>
<td>Fonte: Fotografia da autora, 27 de agosto de 2012</td>
<td>Fonte: Fotografia da autora, 12 de outubro de 2012</td>
</tr>
</table>

<table>
<tr>
<td>
</td>
<td>
</td>
</tr>
<tr>
<td>Fonte: Fotografia da autora, 21 de novembro de 2012</td>
<td>Fonte: Fotografia da autora, 05 de janeiro de 2013</td>
</tr>
<tr>
<td>
</td>
<td>
Vende-se 2 lotes.</td>
</tr>
<tr>
<td>Fonte: Fotografia da autora, 05 de janeiro de 2013</td>
<td>Fonte: Fotografia da autora, 24 de agosto de 2013</td>
</tr>
</table>

Fonte: Fotografia da autora, 20 de setembro de 2013